



ANNO XVII - N.º 10
RIO DE JANEIRO
15 DE ABRIL DE 1916



Companhia Usina d
Productos Chimicos
Marca Registrada

DELTA

O sabonete medicinal por excellencia

Preparado com substancias antisepticas, conserva a pelle e
elimina os suores e espinhas refrescando deliciosamente a cutis

MARFIM

O sabonete ideal para banhos

Perfuma e amacia a cutis fina dos
Bébés



Marca Registrada

COMPANHIA USINA DE PRODUCTOS CHIMICOS

FABRICA: — RUA SAR ES, 13 — São Christovão
ESCRITORIO: — RUA GENERAL CAMARA, 40

RIO DE JANEIRO

Rio G. do Sul—D. Pedrito, 16 de Outubro de 1915.

Illms. Snrs.

Viuva Silveira & Filho

RIO DE JANEIRO



Sr. Aristides Pessoa de Brum
Porto Alegre—Rio G. do Sul
VIAJANTE

Attesto que soffri por alguns mezes de
uma ulcera syphilitica na perna direita, pouco
acima do joelho, que tolhia-me os movimentos.
Fiz diversos curativos internos e externos, sem
obter um resultado positivo; em ultimo caso
recorri ao conhecido depurativo do sangue ELI-
XIR DE NOGUEIRA, de propriedade da firma
VIUVA SILVEIRA & FILHO, obtendo melhoras
com o uso dos primeiros vidros e a cura com-
pleta com o uso continuado.

Depois de curado tenho feito a propa-
ganda que este superior depurativo merece.

Aristides Pessoa de Brum

(FIRMA RECONHECIDA)

Vende-se em todo o Brasil, Republicas Argentina,
Uruguay, Paraguay, Bolivia, Perú, Chile, etc.



O Mistério do Imperador

Romance de MAURICE LEBLANC



Entre as razões que vieram a lume, no primeiro periodo da guerra n'aquella admiravel retirada, com que o Marechal Joffre preparou os elementos para uma grande victoria, ha uma que só tem sido alludida com grande reserva e ainda essa não é a menos importante e a menos urgente. Falo da tomada em poucas horas de uma pequena cidade fortificada, situada perto da fronteira, cuja queda, abrindo uma excellente via á invasão inimiga, privou o exercito francez de uma imprescindivel base, do seu verdadeiro e indispensavel ponto de apoio.

Este mysterio nunca foi desvendado, ou, pelo menos, as auctoridades militares julgaram que tinham conseguido levantar uma ponta do veu, não tendo julgado opportuno revelar ao publico toda a verdade. De qualquer modo, desde que silencio se fez, julgo do meu dever supprimir tudo quanto possa fornecer dados demasiado claros sobre os detalhes d'este incidente, o qual, com as suas causas secretas, veio casualmente ao meu conhecimento. Attendendo a isto, mudarei o nome da cidade onde os factos se deram e os nomes das pessoas que tomaram parte na tragedia domestica com que os mesmos factos se relacionam.

Dia virá, quando fôr tempo de tirar do escuro certos factos que os hunos creem ter enterrados para sempre, em que a historia tomará em conta os meus apontamentos e fará luz sobre a estranha aventura que me proponho relatar n'estas veridicas paginas.

CAPITULO I

DE COMO A MAGESTADE IMPERIAL
TOMA PARTE N'UMA ESTRANHA
AVENTURA

— Ora imagina — disse Paulo Delrose, que uma vez me encontrei frente a frente com elle em territorio francez.

Isabel olhou para elle com a expressão de uma noiva que se extasia com a minima palavra saída dos labios do homem a quem ama.

— Tu viste o Kaiser em França ?

— Com os meus proprios olhos ; e nunca me esqueci do minimo detalhe d'aquelle encontro, apesar de terem já decorrido longos annos.

Elle falava com uma seriedade que até então não tinha, como se a memoria lhe estivesse renovando pensamentos dolorosos.

— Conta-me como isso foi, queres, Paulo ? — rogou Isabel.



O Imperador baixou rapidamente a cabeça e puxou a gola de velludo da sua grande capa fluctuante até á aba do chapéo... Agarrou-lhe no braço e arrastou-a com violencia, proferindo palavras colericas.

— Sim, quero — disse elle. N'esta ança. O incidente tomou na minha vida uma feição tão tragica, que estou resolvido a contar-te tudo.

O trem parou e elles desceram em Corvigny, ultima estação no entroncamento da linha que, partindo da cidade principal do departamento, corre atravez do valle de Liseron e termina a quinze milhas da fronteira, junto da pequena cidade de Lorraine.

A estação do caminho de ferro tinha a apparencia de uma animação fóra do commun. Havia alli numerosos soldados e bastantes officiaes. Era a ultima quinta feira de junho e a ultima quinta feira antes da mobilisação do exercito francez.

Isabel achegou-se ao esposo e, tremula de ansiedade, disse-lhe:

— Oh ! Paulo, se nós tivéssemos guerra !

Elle apertou-lhe a mão :

— Não tenhas medo, Isabel. Não haverá nada d'isso. Não pode haver guerra sem que alguém a declare. E quem seria bastante criminoso para fazer uma coisa tão abominável?

— Eu não tenho medo — disse ella — e tenho a certeza de que seria muito corajosa, se tu tivesses de ir. Sómente — seria peor para nós do que para quaesquer outros. Pensa só, querido, que estamos apenas casados desde esta manhã!

A esta referencia ao seu noivado de tão poucas horas, cheio de promessas de constante e duradoura alegria, a sua fronte illuminou-se, sob os dourados anneis do seu cabello e, com um sorriso de illimitada confiança, murmurou novamente:

— Casada esta manhã, Paulo!

Paulo, não tendo achado um carregador, estava parado na plataforma, carregando duas *valises*, quando um homem, com polainas de couro, calções de velludo verde e blusa de caçador, se lhe dirigiu tirando o bonet e dizendo:

— E' o Snr. Paulo Delrose? Eu sou o guarda do castello.

O homem tinha uma physionomia energica e franca, a pelle crestada pelo sol e pelo frio; o cabello começava a branquear e tinha o ar de auctoridade que os creados se permittem depois de adquirirem um certo grau de independencia. Havia dezeseite annos que elle vivia no dominio de Ornequin, acima de Corvigny, dirigindo-o em nome do pae de Isabel, o Conde d'Andeville.

— Ah, então você é Jeronymo? — exclamou Paulo. — Bem! vejo que recebeu a carta do Snr. Conde. Os nossos creados chegaram?

— Chegaram esta manhã, Snr., tres d'elles; e teem estado ajudando a minha mulher e a mim a arranjar a casa, para receber o senhor e a senhora.

Tirou novamente o bonet a Isabel, que lhe disse:

— Então lembra-se de mim, Jeronymo? Ha tanto tempo que aqui estive!

— Mlle. Isabel tinha então quatro annos. Foi uma grande pena para minha mulher e para mim, quando soubemos que não voltaria para esta casa — nem o Snr. Conde tambem, devido á morte de sua esposa. Então o Snr. Conde não pensa fazer-nos uma visita este anno?

— Não, Jeronymo, não me parece. Com quanto tenham passado muitos annos, meu pae é ainda muito infeliz.

Jeronymo pegou nas *valises* e collocou-as na *aranha*, que tinha encommendado em Corvigny. A bagagem mais pezada seguiria no carro de campo.

O dia estava bonito e Paulo mandou abaixar o toldo. Elle e Isabel tomaram os seus logares. Enquanto rodavam pela sinuosa estrada, rodeando campos de cevada e de trigaes frondosos, Paulo Delrose voltou ao episodio que começara a contar a Isabel.

— Como ia dizendo, Isabel, o incidente está ligado com uma terrivel tragedia, tão estreitamente ligado, que as duas coisas formam um só episodio na minha memoria. A tragedia foi muito falada n'aquelle tempo e teu pae, que era amigo do meu, como sabes, soube-o pelos jornaes. A razao porque elle nunca alludiu a isso deante de ti, nunca eu lhe perguntei, porque queria ser eu o primeiro a dizer-t'o... por mais que isso me fosse doloroso...

As suas mãos encontraram-se e estreitaram-se. Elle sabia que cada uma das suas palavras seria escutada attentamente; e depois d'uma breve pausa continuou:

— Meu pae era um homem que inspirava sympathia e affecto a quantos o conheciam. Alistou-se em 1870 como voluntario. No campo de batalha foi nomeado tenente e achou a vida de soldado tanto em harmonia com o seu character, que seguiu segunda vez para Tonkin e ainda terceira vez para tomar parte na conquista de Madagascar. No regresso d'esta campanha, onde foi promovido a capitão e recebeu a legião de honra, casouse. Seis annos mais tarde estava viuvo.

— Foste como eu, Paulo, — disse Isabel. Pouco gosaste a felicidade de conhecer tua mãe.

— Não, porque apenas tinha quatro annos, mas meu pae, que sentiu cruelmente a morte de minha mãe, dispensou-me todo o seu affecto. Foi elle que dirigiu a minha primeira educação. Quando tinha onze annos, acompanhei-o n'uma jornada que elle tinha espaçado durante annos, porque queria levar-me comsigo, mas n'uma idade em que eu pudesse comprehender toda a sua significação. Era uma peregrinação para identificar lo-

gares nas estradas em que elle tinha combatido durante o terrivel anno de 1870.

— Acreditava teu pae na possibilidade d'uma outra guerra?

— Sim; e queria preparar-me para ella. «Paulo, — disse elle — não tenho duvida de que um dia terás de enfrentar o mesmo inimigo que eu combati. Elle esmagou-nos uma vez e não ficará contente em quanto não tentar fazel-o segunda vez. Quando esse dia chegar, Paulo, lembra-te de todas as jornadas que temos feito juntos».

A carriola tinha afrouxado o passo. A estrada subia em direcção aos outeiros que dominavam o valle de Liseron.

— Apeiemo-nos e caminhemos — disse Paulo Delrose.

Seguiram o vehiculo a pé; elle continuou:

— O resto que tenho que te contar, Isabel, está na minha memoria com todos os detalhes precisos, que parecem emergir d'um espesso nevoeiro. Por exemplo, eu agora lembro-me que estavamos para ir de Strasburg para a Floresta Negra. Os nossos planos foram mudados — porque, não posso dizer. Lembro-me de me têr visto uma manhã na estação em Strasburg, saltando em um trem para os Vosges — sim, para os Vosges. Meu pae lia uma carta que tinha acabado de receber e que parecia alegre-o. Teria ella feito variar as suas combinações? não sei. Lanchámos no trem. Estava imminente uma trovoadá, fazia muito calor e eu adormeci; portanto só o que me lembra é de termos alugado duas bicyclettas na pequena cidade allemã, onde deixámos as *valises* n'uma casa de vestiario. E' tudo muito vago na minha memoria. Caminhámos aavez da região.

— Mas não te lembras dos caracteristicos do logar?

— Não, tudo quanto sei é que subitamente meu pae disse:

«Aqui, Paulo, estamos atravessando a fronteira; agora estamos em França.» Mais adeante — não sei a que distancia — parou para perguntar o caminho a um camponez, que lhe ensinou um caminho mais curto, cortado aavez dos bosques. Mas da estrada e do atalho nada mais resta na minha imaginação. Então, de repente, a escuridão rasga-se e eu vejo com pasmo uma clareira no bosque, altas arvores, relva avelludada e

uma velha capella. E a chuva cae em grossas bagas e meu pae diz: «Abriguemo-nos, Paulo». Oh, como eu me lembro do som da sua voz e ao mesmo tempo do aspecto da pequena capella, com as suas paredes esverdeadas pela humidade! Fomos guardar as nossas bicyclettas nas trazeiras, onde o telhado offerecia um pequeno abrigo. N'esse momento chegou aos nossos ouvidos o som d'uma conversação que vinha do interior, depois o ranger d'uma porta que se abria a um canto e alguem que saia dizendo em allemão: «Não está ninguém aqui, vamos depressa». N'aquelle momento davamos a volta da capella com tenção de entrar pela porta lateral; e isto deu logar a que meu pae, que ia na frente, subitamente se encontrasse em presença do homem que tinha falado allemão. Recuaram ambos, o desconhecido apparentemente muito contrariado, e meu pae assombrado pelo inesperado encontro.

«Durante, talvez, um ou dois segundos, ficaram olhando-se, sem fazerem um unico movimento. Ouvi meu pae dizer em voz sumida: «E' possivel? O Imperador?» E eu mesmo, surprehendido por estas palavras, não tive a menor duvida, porque muitas vezes tinha visto o retrato do Kaiser; o homem ali presente era o Imperador allemão.

— O Imperador da Allemanha? — repetiu Isabel. — Tu não pensas no que dizes.

— Sim, o Imperador em França! Baixou rapidamente a cabeça e puxou a gola develludo da sua grande capa fluctuante até á aba do chapéu, que carregou sobre os olhos. Olhou para o lado da capella. Saia d'alli uma senhora seguida por um homem, especie de creado, que apenas entrevi. A senhora era alta, ainda nova e muito bem parecida. O Imperador agarrou-lhe no braço e arrastou-a com violencia, proferindo palavras colericas que nós não podemos ouvir. Tomaram a estrada por onde nós tínhamos vindo, e que conduzia á fronteira. O creado tinha tomado pelos campos e caminhava na frente.

«Isto é realmente uma estranha aventura — disse meu pae rindo. — Que andarás por aqui fazendo Guilherme? Arriscar-se assim á luz do dia! Será possivel que esta capella tenha algum interesse artistico? Vem vêr, Paulo.»

Entrámos. Uma debil claridade penetrava por uma janella velada pela poeira e pelas teias d'aranha. Mas essa pouca luz bastava para podermos vêr alguns pilares escalavrados e paredes nuas, sem coisa alguma que podesse explicar a honra d'uma visita imperial. Meu pae opinou assim, accrescentando: «E' claro que Guilherme veio aqui por engano e está muito contrariado por ser descoberto. Espero que a senhora que o acompanha lhe diga que não corre perigo. Ser-lhe-ha isso levado em conta pela sua irritação e os seus reproches.»

Paulo calou-se. Isabel chegou-se mais a elle, timidamente. Elle continuou:

— E' curioso, não é, Isabel, que todos estes detalhes, que eram relativamente sem importancia para um rapaz da minha idade, tivessem ficado tão nitidamente gravados na minha memoria, em quanto outros factos essenciaes não deixaram o menor traço. N'este mesmo momento eu posso vêr, tão claramente como no momento em que deixámos a capella, ella voltar para traz com passo rapido, atravessando a clareira, e dizer para meu pae:

«Posso pedir-lhe um favor, Snr.?» Tinha vindo a correr e estava offegante, mas não esperou resposta e ajuntou logo:

«O cavalheiro que ha pouco viu deseja falar-lhe. Isto era dito em francez puro e sem o menor accento. Meu pae hesitou, mas esta hesitação pareceu melindral-a, como se fosse uma offensa tacita contra a pessoa que a tinha mandado: e n'um tom imperioso disse: «Certamente não tenciona recusar.» «Porque não? — disse meu pae impaciente, — eu não estou aqui para receber ordens.» Ella conteve-se e disse: — Isto não é uma ordem, é apenas um pedido.» Muito bem, — respondeu meu pae — acceito a entrevista e espero aqui o seu amigo. Ella pareceu offendida: «Não, não, — disse ella — deve...»

«Devo, mas é ir-me embora, não é?» exclamou meu pae em voz alta «Espera que eu atravesse a fronteira para me encontrar com alguem que me aguarda?», «Sim, to muito, Mme., mas eu não faço isso. Diga a esse senhor que, se por ventura receia uma indiscreção da minha parte, póde ficar perfeitamente tranquillo. Vem, Paulo.» Tirou o chapéu e cumprimen-

tou. Mas ella cortou-lhe a passagem, dizendo:

«Não, não, o Snr. deve fazer o que lhe peço. Que vale uma promessa de discreção? Isto deve terminar d'uma maneira ou d'outra; e mesmo o Snr. concorda...» Estas foram as ultimas palavras que ouvi. Ella estava de pé em frente de meu pae em attitude violenta e hostil. A sua physionomia tinha uma expressão de ferocidade que me horrorizou.

«Oh, porque não antevi eu o que estava para acontecer? Mas eu era tão novo! Foi tudo tão rapido! Ella dirigiu-se a meu pae como para lhe falar, fazendo-o recuar para o pé da grande arvore á direita da capella. Falavam alto. Ella fez um gesto theatral ameaçador, elle começou a rir alto. Subitamente, ella puxou por um punhal — ainda estou a vêr a lamina brilhando na penumbra — e enterrou-lh'o no peito, uma, duas vezes. Meu pae caiu por terra.

Paulo Delrose calou-se, pallido com a recordação do crime.

— Oh! balbuciou Isabel — teu pae foi assassinado? Meu pobre Paulo, meu queridinho!

E com voz angustiada perguntou:

— O que aconteceu depois, Paulo? Gritaste?

— Gritei. Corri para elle, mas fui agarrado com irresistivel força por uma mão. Era o homem, o creado, que tinha surgido do arvoredado para me agarrar. Vi a sua faca levantava sobre a minha cabeça. Senti uma terrivel pancada no hombro e cai tambem.

CAPITULO II

O RETRATO TRAGICO

A carruagem estava parada um pouco mais acima, esperando Paulo e Isabel. Tinham-se sentado na estrada, ao chegarem ao planalto, no topo da subida. Atraz d'elles, trezentos metros mais abaixo, ficava a casaria de Corvigny. A duas milhas á frente ergiam-se as torrinhas de Ornequim e as ruinas do velho castello.

Horrorizada pela historia de Paulo, Isabel calou-se durante algum tempo. Depois disse:

— Paulo, que terrivel é tudo isso! Foste muito gravemente ferido?

— De nada me recordo até ao dia em que accordei n'um quarto para mim desconhecido e vi uma irmã de caridade e uma senhora

edosa, prima de meu pae, que estavam tratando de mim. Era o melhor quarto d'uma estalagem entre Belfort e a fronteira. Doze dias antes, de manhã muito cedo, o guarda da estalagem havia encontrado dois corpos todos cobertos de sangue, que tinham sido alli deixados durante a noite. Um dos corpos estava completamente frio, era o de meu pae. Eu ainda respirava, mas mui debilmente. Tive uma longa convalescença, interrompida por diversas recaídas e accessos de delirio, durante os quaes tentava fugir. A minha velha prima, unica parente que me restava, mostrou por mim a mais admiravel e dedicada bondade. Dois mezes mais tarde, levou-me comsigo para casa. Eu estava quasi completamente curado da minha ferida, mas tão affectado pela morte de meu pae e pelas afflictivas circumstancias que a rodearam, que levei muitos annos antes que recobrasse a saude. Pelo que diz respeito á tragedia...

— Então? — perguntou Isabel, lançando os braços em volta do pescoço de seu marido, com um movimento de aneio e protecção.

— Então, nunca se conseguiu desvendar o mysterio, apesar de que a policia dirigiu as suas investigações zelosa e escrupulosamente, diligenciando verificar a unica informação obtida, que era a que eu lhe dei. Todos os seus esforços falharam. Como vês, a minha informação era muito vaga. Alem do que se passara na clareira e em frente da capella, eu nada sabia. Não podia dizer onde se encontrava a capella nem onde procural-a, nem em que parte da região a tragedia tinha occorrido.

— Mas tendo, tu e teu pae, feito uma jornada para chegar áquelle ponto do paiz, parece-me que, traçando o teu caminho para o ponto de partida desde Strasburg...

— Sim, certamente, fizeram tudo quanto puderam para seguir este rasto; e a policia franceza, não satisfeita de chamar em seu auxilio a allemã, mandou os seus mais astutos detectives ao local. O que mais tarde, quando cheguei a idade de reflexão, me pareceu muito extraordinario, foi o não se ter encontrado um unico vestigio da nossa passagem por Strasburg. Tens comprehendido? Nem a mais leve informação. Agora, do que eu estou absolutamente certo é que nós passámos, pelo menos, dois dias e duas noites em Strasburg. O ma-

gistrado que tinha o processo entre mãos, vendo apenas em mim uma creança ferida e ainda enferma, tirou a conclusão de que a minha memoria estava em erro. Mas eu sabia que aquillo não era assim; sabia e sei ainda hoje.

— E então, Paulo?

— E então, eu não posso deixar de notar a connexão entre a total eliminação de factos innegaveis: — factos facilmente reconstruidos, como a visita de um francez e seu filho a Strasburg; a sua jornada em trem; a entrega da sua bagagem no vestiario de uma cidade da Alsacia; o aluguer de duas bicyclettas — e o facto essencial do Imperador estar directamente, sim, directamente envolvido n'este negocio.

— Mas tal connexão deveria ser tão obvia á mente do magistrado como á tua, Paulo.

— Evidentemente, mas nem o juiz de instrucção nem os seus collegas, e ainda outros officiaes que tomaram o meu depoimento, quizeram admittir a presença do Imperador na Alsacia, n'aquelle dia.

— Porque não?

— Porque os jornaes allemães affirmaram que elle, áquelle mesma hora, estava em Francfort.

— Em Francfort?

— Certamente. Está estabelecido que elle está sempre onde diz que está e nunca onde não quer que a sua presença seja conhecida. Ainda n'este ponto eu fui arguido de estar em erro; e o inquerito foi contrariado por um conjunto de obstaculos, impossibilidades, mentiras e *alibis*, que no meu pensar revelam a acção continua e omnipotente de uma auctoridade illimitada. Não ha outra explicação. Ora imagina: como podem dois francezes descer n'um hotel em Strasburg sem deixarem os seus nomes no livro dos visitantes? Pois bem, ou o livro foi destruido, ou a folha arrancada, porque, na busca que se fez nem os nomes se encontraram. Só havia uma prova, um unico fio. Era o dono e creador do hotel; os empregados e porteiros do caminho de ferro e o homem que alugou as bicyclettas: mas todos estes foram subornados e tiveram ordem de se calar, e nenhum d'elles, desobedeceu.

— Mas depois, Paulo, tu devés ter feito as tuas investigações?

— Creio bem que as fiz! Quatro vezes, desde que cheguei á idade propria, percorri toda a fronteira,

desde a Suissa até ao Luxemburg, desde Belfort até Longwy, interrogando os habitantes, estudando o paiz. Tenho gasto horas e horas dando tratos á imaginação, na vã esperanza de fazer brotar um raio de luz, mas tudo sem resultado. Nem uma scintilla a illuminar aquellas trevas. Só tres quadros se me revelavam atravez do espesso nevoeiro do passado: o quadro do logar e das coisas que tinham sido testemunhas do crime, as arvores da clareira, a velha capella e a passagem atravez dos bosques. Havia ainda a figura do Imperador e a figura da mulher que matou meu pae.

Paulo tinha baixado a voz. A expressão do seu rosto era de pena e de enfado.

— Reconhecel-a-ias se a visses, Paulo?

— Se a reconheceria! Reconhecel-a-ia entre mil. Mesmo que estivesse desfigurada pela idade, eu descobriria, nas rugas que a desfeiassem, a joven mulher que apunhalou mortalmente meu pae, n'aquella noite de setembro. Reconhecel-a-ia! Porque reparei na côr do vestido que trazia! Parece incrível, mas é verdade. Um vestido cinzento, com uma pezada capa azul sobre os hombros, e no corpete, um broche, um pezado camafeu montado em uma serpente de ouro com olhos de rubis. Já vês, Isabel, eu não esqueci, nem jamais esquecerei.

...

O castello d'Ornequin era uma linda construcção de desenho singelo, com quatro torrinhas ponteadas, construcção do seculo XVI. Os terraços tinham uma elevação de onde se descobria todo o valle de Liseron.

Dezesete annos antes, tendo fallecido o barão de Ornequin, o castello foi vendido, e comprado pelo Conde d'Andeville, a pedido de sua esposa.

Durante o inverno seguinte, o conde dirigiu de Paris o trabalho de restauração que era necessario para reparar o abandono em que o antigo proprietario tinha deixado a casa. Não puderam tomar conta da nova residencia senão em agosto. Então passaram algumas semanas com a sua querida Isabel, que contava quatro annos, e com seu filho Bernardo, uma galante creança que tinha nascido n'aquelle mesmo anno.

(Continua.)

O Campeão do Amor (Conclusão)

De repente, Sapt deixou escapar uma ligeira exclamação. E chamou Bernenstein, que trazia uma lanternazinha, enquanto elle se approximava do emmolduramento da janella.

A rainha estava absorta na contemplação do homem amado, mas eu vi o que chamara a attenção do condestavel. Na madeira, junto da fechadura, havia vestigios d'arrombamento, como se tivessem querido forçar a porta por meio d'uma faca.

Dera-se uma tentativa? E não devia ser um profissional, porque teria melhores utensilios.

Mas a nossa attenção foi de novo levada para Rodolpho, que parara, levantando por instantes os olhos para o céu, meneando a cabeça n'um movimento rapido, como o homem que acaba de resolver um problema difficil.

Comprehendemos que tomara uma resolução irrevogavel. Sapt resolveu ir saber o que elle decidira.

A rainha nem mostrou notar esta ausencia. Os olhos, o pensamento absorviam-se em Rassendyll.

E muitas vezes me lembro de o ver n'aquella posição, majestoso, semelhante aos grandes soberanos, tal como os imaginamos ao ler os seus altos feitos nas paginas gloriosas da historia.

A areia estoirou sob os passos de Sapt. Rodolpho vendo-o apertou-lhe as mãos.

N'aquelle instante um homem sahio d'entre a sombra das arvores. Bernenstein despediu um grande grito e empurrando a rainha que lhe obstava a passagem, desembainhou o seu pesado sabre de couraceiros, enquanto n'aquella placidez brilhava um clarão seguido d'um tiro. Rassendyll não largara as mãos de Sapt, mas foi lentamente cahindo para terra. O tenente d'esta vez soltou um nome:

— Foi Bauer!

E n'um relance atravessou o terraço, mettendo-se pelo arvoredado. O assassino atirou segunda vez, mas a detonação falhou. Vi brilhar um sabre por cima da cabeça de Bernenstein e ouvi fustigar o ar. Bauer cahiu como uma massa, com o craneo fendido. A rainha deixou o meu braço e desmaiou nos de Rischenheim. Correndo para junto de Rassendyll, ajoelhei junto do seu corpo. Vendo-me, inclinou a cabeça no meu peito. Os labios moveram-se... Não articularam nenhum som. Bauer vingara seu amo, mas fôra reunir-se a elle.

No palacio havia enorme movimento. Portas e janellas abriam-se violentamente.

Minutos depois estavam cercados pela officialidade e pela creadagem. Bernenstein, de pé, apoiava-se no sabre, e Sapt entregava-se ao desespero. Rodolpho agora conservava os olhos fechados e a cabeça deitada para traz apoiava-se no meu hombro.

— Um homem deu um tiro no rei! disse eu estupidamente.

O corpo desfallecido de Rassendyll foi levado para um sophá do salão. Ficámos sós, esperando os medicos. Então a rainha, apoiada em Rischenheim, acercou-se.

— Rodolpho! Rodolpho! pronunciou em voz muito baixa.

Elle abriu os olhos e um sorriso pairou-lhe nos labios. Fulvia, de joelhos, agarrou-lhe a mão, beijando-lh'a apaixonadamente.

Quando o cirurgião chegou, fizemos com que a rainha se retirasse. O exame foi rapido. O tiro tinha sido dado pela rectaguarda.

— O rei não tem mais do que uma hora de vida.

Era a sentença da sciencia. Os olhos de Rodolpho interrogaram-me.

— A tempera do seu character não me permittia que o enganasse. E ao inteirar-se, pediu para chamarem a rainha.

Veu, d'olhos enxutos, tranquilla, majestosa. Afastámo-nos todos. Inclínada para Rodolpho, com o rosto cerca do seu, escutava as palavras que elle proferia com a voz dos moribundos.

De subito a força como que lhe ducaiu.

Ergueu-se e falou distinctamente.

— Deus assim o quiz. Busquei sempre fazer o bem. Sapt, Bernenstein, e tu, meu velho Fritz, apertem-me a mão... não, não a beijem.

Obedecemos-lhe. Depois agarrou a da rainha, e levou-a aos labios.

— Na vida e na morte, minha querida Flavia! murmurou Rodolpho.

E adormeceu.

A REALISAÇÃO DO SONHO

E' inutil, e mesmo faltar-me-hia a coragem, demorar-me sobre os acontecimentos que se seguiram á morte de Rassendyll. As medidas que tínhamos tomado para lhe assegurar a posse do throno, no

caso d'elle acceder, foram-nos uteis para o momento. As suspeitas que podiam surgir desvaneceram-se diante do tumulo.

Durante todo o dia o povo desfilou pelo atrio.

Alli, n'um leito de campanha, tendo a corôa e a bandeira real, estava o cadaver de Rodolpho.

Os officiaes do palacio velavam-n'o, e na cathedral, o arcebispo disse a missa pelo descanso da sua alma. Esteve exposto durante tres dias e devia ser enterrado na manhã seguinte. Eu estava só com a rainha na galeria superior, e abaixo de nós, viamos o rosto sereno do morto. Vestia o uniforme branco com que fôra coroado, e a tiracolo a grande fita da Rosa Vermelha. Na mão, tinha uma rosa natural, perfumada, posta alli pela rainha, afim de que, mesmo na morte, não lhe faltasse o symbolo escolhido do seu amor.

Não trocamos ainda uma palavra. Contemplavamos toda aquella pompa funebre, e o vae-vem dos curiosos que o iam ver pela ultima vez ou depunham corôas. Até nós chegava o longinquo vozear.

— E' o sonho a cumprir-se, Fritz. Ouça! Falam do rei, surdamente, mas chamam-lhe rei. E elle não os vê, não os ouve. Nem mesmo quando eu lhe chamo: *Meu rei!*

Inclinei-me para ella.

— E resolvera-se a acceitar esse titulo, Magestade?

— Não me falou em tal, e não ousei interroga-lo.

— Então as suas ultimas palavras...

— Unicamente sobre o grande amor que me tinha. E foi a origem da sua morte.

Actualmente a rainha Flavia, a ultima descendente dos Elphsbeys, reina só na Ruritania; a sua unica alegria é falar de Rodolpho com aquelles que o conheceram; não tem mais que uma esperanza: reunir-se a quem nunca cessou d'amar.

E para o seu tumulo escreveu este epithaphio:

A RODOLPHO

Que reinou recentemente n'esta cidade e reina sempre no coração d'alguem.

A RAINHA FLAVIA.

UM REMEDIO NOTAVEL!

UM REMEDIO ALIMENTO!

O XAROPE VITAMONAL

DO
DR. MASCARENHAS

é, como o seu nome indica, a vida e a saúde, e pôde considerar-se o mais energico e poderoso dos tonicos modernos.

E' um assombroso Gerador das Forças!
E' tonico do coração!
E' tonico do cerebro!
E' tonico dos musculos!
E' tonico dos nervos!

Uma colher de sopa do XAROPE VITAMONAL, alimenta tanto como um bom bife e é de mais alimento que o leite e os ovos.

O XAROPE VITAMONAL do Dr. Mascarenhas

CURA a impotencia em menos de um mez.

CURA a neurasthenia.

CURA a chlorosis e anemia.

CURA o rachitismo e lymphatismo.

O XAROPE VITAMONAL não contém alcool e pôde tomar-se em todos os climas e estações.

Não tem dieta e pôde tomar-se no trabalho. O XAROPE VITAMONAL dá ás senhoras côres rosadas e lindas. R constitui os adultos.

Desenvolve os seios ás senhoras. Dá ás mães abundancia de leite. Tonifica o cerebro aos homens cansados com o trabalho intellectual.

O XAROPE VITAMONAL

CURA perturbações menstruaes.

CURA as cellulas cansadas.

CURA palpitações do coração.

CURA doença do estomago.

O XAROPE VITAMONAL CURA

HYSTERISMO,
FADIGA CEREBRAL,
ANEMIA,

TUBERCULOSE,
MAGREZA,
IMPOTENCIA,

SUORES NOTURNOS,

INSOMNIA,

FRAQUEZA GERAL, etc.

Cada vidro 5\$000

Pelo correio mais 2\$000

DEPOSITARIOS

DROGARIA RODRIGUES

de J. RODRIGUES & C.

59, Rua Gonçalves Dias, 59

AGENTES GERAES

PHARMACIA CARIOCA

de HUGO & C.

33, Rua da Carioca, 33

RIO DE JANEIRO

O novo e sensacional concurso da Revista da Semana

Primeiro Premio

Um rico sautoir com 755 perolas

com um fecho artistico
ornado com dois brilhantes e uma perola

Bellissima joia no valor de 5:000\$000

adquirida na conceituada joalheria
OSCAR MACHADO, da rua do
Ouvidor, onde se acha exposta para ser
devidamente apreciada pelo publico.

Segundo premio

Uma rica e artistica Cruz
e collar de platina
com 16 bellissimos e es-
colhidos brilhantes e
41 diamantes

DO VALOR DE 1:500\$000

adquirida na afamada Casa Adamo, da
rua do Ouvidor, onde se acha exposta.



Alem dos dois
ricos premios
que nesta pa-
gina mencio-
namos distri-
buiremos
mais 50 premios de
consolação

Para um numero
bastam 15 coupons



A seriedade com
que são feitos os
concursos da Re-
vista da Sema-
na conquistou a
confiança de to-
dos os seus leito-
res, que compre-
hendem o desejo sincero que te-
mos de os associar á nossa pros-
peridade contemplando-os com
premios de valor incontestavel.
O publico que lê a Revista,
vio a correcção inexcedivel com
que foi feito o sorteio do bello
collar de brilhantes e o mesmo
vae verificar com o do automovel
e com todos os demais que
fizemos.

CORTAR
E
COLLECCIONAR
OS
"COUPONS"

A troca de coupons do con-
curso do automovel ficou encer-
rada no dia 30 do mez passado.
O sorteio será pela loteria fe-
deral do 4º Sabbado deste mez.

Os coupons do actual con-
curso só serão trocados quando
se annunciar.



Pequeno Anuncio e Informações Úteis

Medicos

Molestias das creanças. — Dr. E. BANDEIRA DE MELLO. — Clinica exclusivamente de creanças. — Cons. rua da Assembléa, 43, ás 4 horas. Teleph. 5, Villa. — Só attende a doentes da sua especialidade.

Molestias de olhos, ouvidos, nariz e garganta. — Dr. R. DAVID DE SANSON. — Da Santa Casa da Misericordia e docente livre da Faculdade de Medicina, assistente do professor Hilario de Gouvêa, ex-assistente do professor Deutschmann, de Hamburgo e da Real Clinica da Universidade de Heidelberg. Consultas das 2 ás 5, ás terças, quintas e sabbados. Consultorio: Assembléa, 26. Telephone n. 1.957, Central.

Molestias das senhoras. Vias urinarias, partos, operações, tumores do ventre e dos seios — Dr. DOMEQUE DE BARROS, com longa pratica dos principaes hospitaes da Europa e ex-assistente dos professores Bumm, em Berlim, e Pozzi, de Paris — Cons.: Quitanda, 11, ás 3 horas. Res.: rua das Laranjeiras, n. 265. Telephone n. 5.872, Central.

Clinica de vias urinarias. — Dr. CARLOS NOVAS. — Membro da Associação Franceza de Urologia. Trat. da blenorragia aguda e chronica, estreitamentos e prostatites chronicas pelas correntes thermo-electricas. Cons.: rua Carioca, 50, das 12 ás 17.

Molestias das senhoras. — Dr. OCTAVIO DE ANDRADE, com pratica dos hospitaes da Europa, evita a gravidez por indicação scientifica, sem prejudicar o organismo. Hemorrhagias, suspensão, etc. Residencia e cons.: rua Sete de Setembro, n. 186, sobrado, das 9 ás 11 e 1 ás 4. Telephone n. 1.591, Central. Consultas gratis.

Dr. Antonio Pedro. — Molestias internas. — Rua da Assembléa, 98, da 1 ás 3, nas segundas, quartas e sextas.

DENTISTA

Dr. Alvaro Moraes, diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com dez annos de pratica. Colloca dentes com ou sem chapas em 24 horas. Operações sem dór. TRABALHOS GARANTIDOS. Preços razoaveis. Pagamentos em prestações. Consultas das 8 da manhã ás 8 da noite. Domingos até ás 14 horas. Consultorio e residencia: Avenida Gomes Freire, 64, (esquina da rua da Relação). Telephone n. 193, Central.

Ao Moinho de Ouro

Café sem igual
Bonbons finos

2, RUA LUIZ DE CAMÕES, 2

Dr. A. Hygino — Das Fac. de Paris e Rio. Laureado dos Hosp. de Paris, Cirurgião do Hosp. da Misericordia, Membro correspondente da Soc. de Sciencias Medicas de Lisboa, etc. Operações, Hernias, Vias urinarias, Hydroceles, Molestias de Senhoras, Tumores dos seios e do ventre — Consultorio: rua S. José, 69, de 1 ás 3 — Res.: R. Conde de Bomfim, 835. Telephone 909, Villa

"BENZOLIN"

Para o embelezamento do rosto e das mãos, refresca a pelle irritada pela navalha. Vidro 4\$000; pelo Correio 5\$000. A' venda em todas as Pharmacias, Drogarias, e Perfumarias. Deposito Perfumaria ORLANDO RANGEL

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166 — Rua do Ouvidor — 166

Rocha Pombo: Dicionario de Sinonimos da lingua portugueza, 1 vol. 651 paginas. 6\$000
João do Norte: Praias e Var-seas, 1 vol. 2\$000
Afranio Feixoto: Maria Bonita, romance. 3\$000
Fabio Luz: Elias Barrão, 1 vol. brochado. 3\$000

Na vida installe-se bem

COMPRE MOVEIS

RED-STAR

Pagamento á vista e em prestações combinadas

Rua Gonçalves Dias, 71
— Uruguayana, 82 —

Dr. Albino Pacheco

DOS HOSPITAES DE LISBOA

Doenças das senhoras, Partos, Clinica Geral e Syphilis

Consulta das 9 ás 11 e das 3 ás 5
Rua Sete de Setembro, 117
(1.º ANDAR)
Telephone Central 4494

PO' DE ARROZ DORA

Medicinal, adherente e perfumado. Lata 2\$000.
Pelo Correio 2\$500.
A' venda em todas as Pharmacias, Drogarias, e Perfumarias. Deposito Perfumaria ORLANDO RANGEL



DISTINCTIVOS E EMBLEMAS
para lapella, Camisas de foot-ball, etc., etc.

CASA RATTO — RUA GONÇALVES DIAS, 57
TELEPHONE 2118 — CENTRAL

Fornecedora de todas as sociedades Sportivas da Capital.



O LOPES

E' quem dá a fortuna mais rapida nas loterias e offerece maiores vantagens ao publico — **Rua Ouvidor, 151.** — Filiaes: Rua da Quitanda, 79, (canto Ouvidor) — Rua Primeiro de Março, 53 — Largo do Estacio de Sá, 89 — Rua General Camara, 363. Filial: S. Paulo, Rua Quinze de Novembro, 50.
O Turf-Bolo e mais apostas sobre corridas de cavallos, Rua do Ouvidor, 181.

CASA COLOMBO

AVENIDA E OUVIDOR

SECÇÃO

DE

SENHORAS

MODELOS
DE
PARIS



520



521



522



523



524

521 — Matinée
de nanzouck
guarnecida
com bordados
e rendas.... 9\$000

520 — Matinée de nanzouck
guarnecida com bordados e
rendas 10\$000

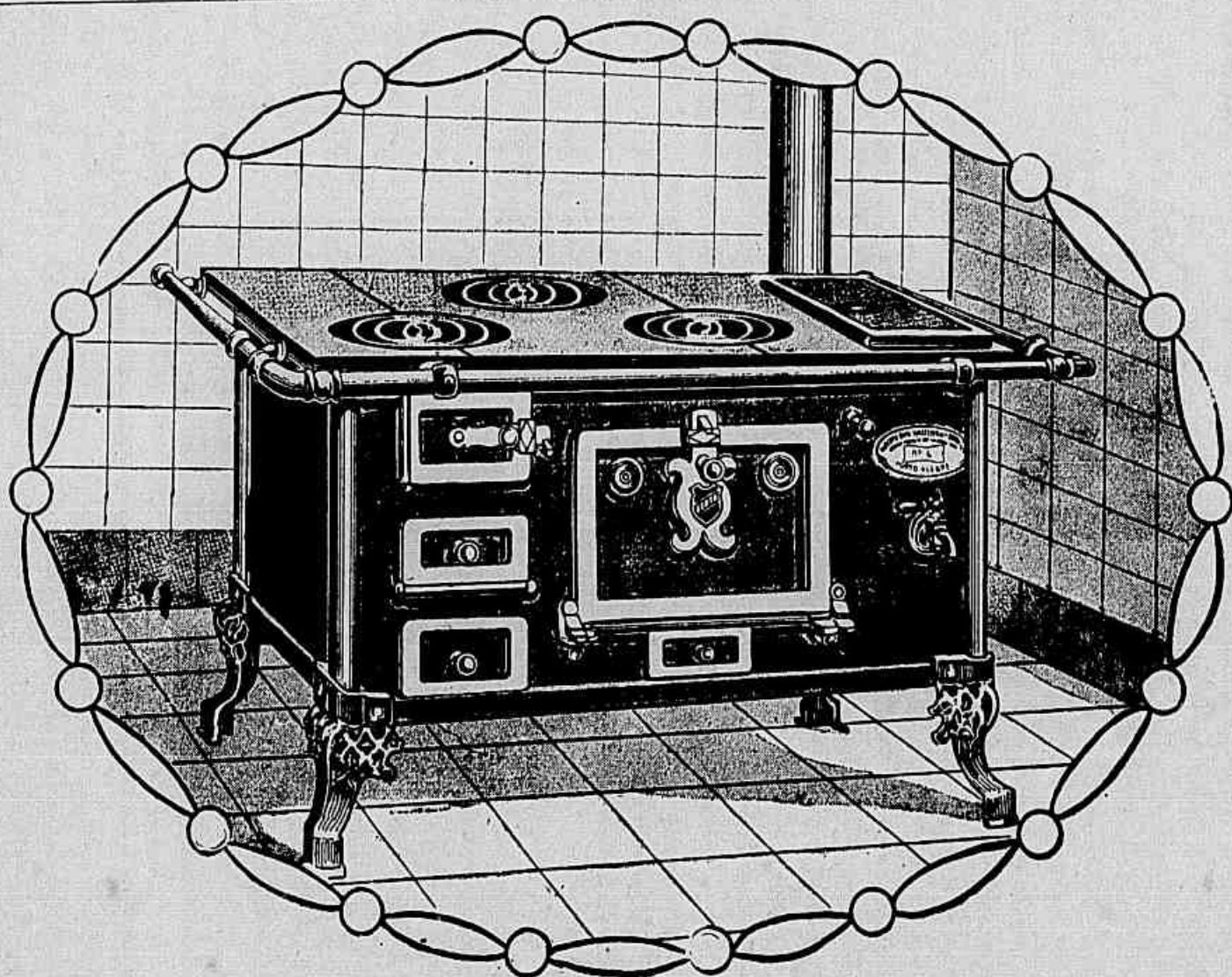
523 — Matinée de molmol guar-
necida entremeio e rendas. . 13\$000

522 — Matinée de nanzouck
guarnecida com bordados e
rendas 13\$000

524 — Matinée em cassa estam-
pada com vivos de côr . . 4\$200

DEPOSITO BERTA

Grande stock de: Cofres á prova de fogo, Camas metálicas, Prensas para copiar, Caixetas para joias, Fogões economicos, etc.



Fogão "BERTA"

Para lenha e coke é o mais economico

Rua Urugayana, 141

MOREIRA LEÃO

RIO DE JANEIRO

Crianças Pallicas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **Juglandino de Giffoni** é um excelente **reconstituente geral** dos organismos enfraquecidos das crianças, **PODEROSO TONICO, DEPURATIVO E ANTI-ESCROPHULOSO**, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

E' superior ao óleo de figado de bacalhão e suas emulsões, porque contém em muito maior proporção o **iodo vegetalizado** intimamente combinado ao **TANNINO** da noqueira (**JUGLANA REGIA**) e o **PHOSPHORO PHYSIOLOGICO** medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel. E' um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões; d'ahi a preferencia dada ao **Juglandino** pelos mais distinctos clinicos que o receitam diariamente aos seus proprios filhos. Para os adultos preparamos o **VINHO IODO-TANNICO GLICERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias.—Deposito geral: Pharmacia e drogaria de **Francisco Giffoni & C.** — Rua Primeiro de Março, 17 — RIO DE JANEIRO.

**O SEGREDO
DO BOM
PALADAR**



**≡ IRACEMA!
HANSEATICA!
CASCATINHA!**

A Saude da Mulher

cura doenças do utero



Exma. Sra. D. Etelvina Silveira Pedreira,
curada com A Saude da Mulher

Srs. Daudt & Oliveira.

Passei dois longos annos soffrendo horriavelmente de irregularidades menstruaes acompanhadas de colicas uterinas, grande fraqueza, tonturas e frequentes vertigens.

Durante esse tempo submetti-me a varios tratamentos sem resultado algum e por isso mesmo sentia-me completamente sem esperanza de curar-me. Nessas condições foi que meu marido se lembrou de comprar um vidro d'A Saude da Mulher, com o uso do qual comecei a sentir uma melhora muito sensivel. Assim animada, continuei fazendo uso constante desse preparado, conseguindo ficar radicalmente curada após haver tomado quatorze vidros.

Nada mais soffri, depois disso e tenho sido sempre uma grande propagandista de sei preparado A Saude da Mulher que posso affirmar ser um remedio infallivel para os incommodos de Senhoras.

Podem Vs. Ss. fazer uso deste como lhes couvier e peço accettarem meus protestos de estima e consideração.

Piracicaba, 3 de Fevereiro de 1916.

Etelvina Silveira Pedreira — (Firma reconhecida).

DAUDT & OLIVEIRA

SUCCESSORES DE
DAUDT & LAGUNILLA

RIO

REVISTA DE SEMANA

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Anno XVII — N. 10 — Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1916

Endereço telegraphico: REVISTA — Telephone: 3660 Norte

Redacção e Administração

Praça Gonçalves Dias, 12 — Rio de Janeiro

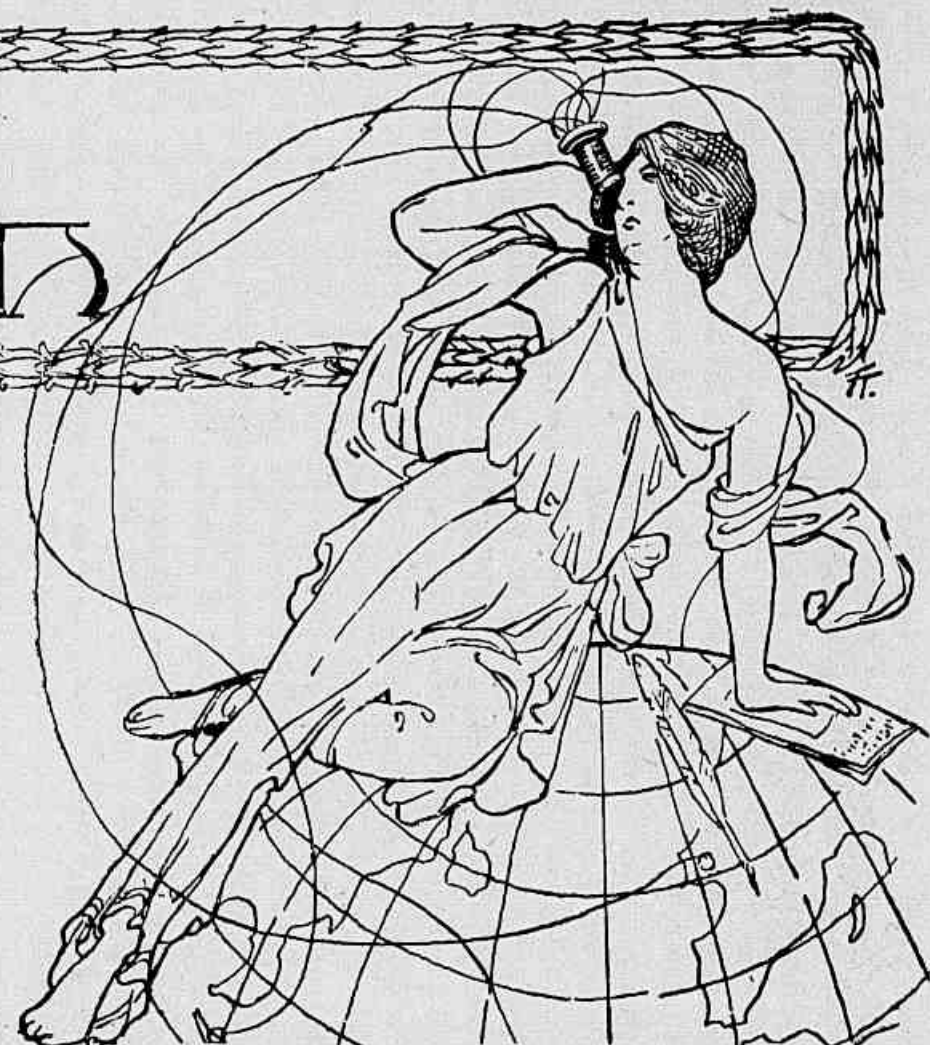
DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 18\$000 — Estrangeiro: 50 francos

Avulso 400 Réis

Correspondencia dirigida a ARTHUR BRANDÃO, Director-Gerente



SENTIMENTOS

NA ultima festa de caridade, em que havia a palpitar a idéa da guerra, como seria interessante saber os sentimentos dessa multidão quasi totalmente elegante, que faz parada de preocupar-se com a guerra! Como se faria imprevisível a resposta á pergunta complexa:

— Que pensa da guerra?

Todos os escriptores tem escripto a proposito da guerra. Aqui então, ultimamente, tem sido uma calamidade. Não ha homem de caneta que não se julgue na obrigação de alguns periodos decisivos sobre a tremenda desgraça. Antes desses, por feliz acaso, o grande Antonio Vieira já escrevera:

— «E' a guerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. E' a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as vidas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarchias inteiras. E' a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que, ou se não padeça, ou se não tema; nem bem que seja proprio e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a immunição, o religioso não tem segura a sua cella, e até Deus, nos templos e nos sacrarios, não está seguro».

Como literatura, parece sufficiente.

Mas as opiniões sem literatura? A opinião d'aquelle elegante rapaz que toma chá na Lallet, com o cabello collado e lustroso, o collarinho raso, o passo vagaroso e uma pequena artificial barriga de Kangurú? Mas aquella matrona fazedora de doces que de repente é dama da Cruz Vermelha, por mundanismo caridoso? Mas a outra mais adeante, bonita e airosa, vestida como um concerto de extravagancias? E o velho grave ao lado de uma ardente menina gravemente comprometedora?

Os sentimentos dessas figuras a respeito da guerra...

Não resisti, por consequencia, ao desejo de colleccionar algumas expressões desses sentimentos. Ei-los:

O do joven que toma chá ás 5 horas: — «Afim! essa guerra já está demorando de mais para continuar sensacional. Que dizem os jornaes a respeito nos ultimos dias?»

O do velho grave: — «Emfim, sem contestação, é uma calamidade que vem trazer graves inconvenientes ao nosso commercio».

O do transatlantico Foligonio: — «Dois annos sem ir a Paris! E' o caso de se preferir estar no front, porque, pelo menos, de tempos a tempos sempre se arranja uma semana da cidade divina».

Da romantica Adelina: — «Nem quero pensar em tantas mortes! Fico toda arripiada».

Da senhora que faz doces: —

«Têm-me contado que fazem galerias debaixo da terra e que os allemães sempre asseados até sala de banho instalaram nesses buracos.»

De mlle. Ximena, absolutamente *dernier cri*: — «Que pena a distancia! Em Paris eu seria *marraine* de uns quatro ou cinco *poilus*!...

De um patriota: — «Esse interesse pela guerra é triste. Não devemos esquecer que o Brasil é dos brasileiros e que antes dos outros paizes deve estar o Brasil».

Senti que sem querer cahia numa crise neurasthenica, eu que defendendo a minha alegria como a propria saúde, — senti que estava como o Cesario Verde das *Contrariedades*:

*Eu hoje estou cruel, frenetico, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei tres massos de cigarros...*

Não fumara nem um cigarro. Mas afinal estava nervoso, com uma propensão para os angulos agudos.

E perguntei então a uma linda senhora elegantissima, intelligentissima, com todos esses superlativos mysteriosamente repetidos pelos chronistas mundanos:

— Diga-me com franqueza, qual o seu maior sentimento de ante da guerra?

— Francamente? O fracasso da moda! Já não sabe a gente como andar vestida...

JôE

As Estatuas dos dois Imperadores



1 — O monumento do Imperador D. Pedro I, levantado no largo do Rocío por iniciativa do Senado da Camara e executado pelo estatuário francez Luiz Rochet segundo os projectos do escultor brasileiro João Maximiliano Mafra, e cujo 54º. anniversario de inauguração passou no dia 25 de Março.

2 — A estatua equestre do Imperador D. Pedro II, projectada e executada em gesso pelo escultor Chaves Pinheiro e que acaba de ser reconstituída e exposta ao publico em uma das galerias de escultura da Escola Nacional de Bellas Artes.



A estatua foi então recolhida no museu da Escola Militar e por ocasião da proclamação da Republica removida para a ilha de Bom Jesus, onde jazeu até ha poucos mezes, quando o professor Baptista da Costa, director da Escola de Bellas Artes, a solicitou do Ministerio da Guerra para ser remontada e exposta na galeria de escultura, salvando assim da destruição do tempo e da ingratição dos homens o monumento de Pedro II.

Não faltam nas praças publicas as estatuas dos prohomens da Republica. Não é deploravel que a austera e insigne figura da nossa Historia, que continua reinando no coração de todos os brasileiros, não tenha sido ainda immortalisada no bronce e erecta em uma das praças do Rio, em homenagem nacional ás suas virtudes?

Coincidiu com o anniversario do admiravel monumento elevado ao primeiro Imperador no largo do Rocío a conclusão dos trabalhos de reconstituição do modelo em gesso da estatua equestre de D. Pedro II, do estatuário Chaves Pinheiro. A estatua representa o Imperador a cavallo, com o ponche gaúcho e a farda de voluntario, por ocasião da sua visita ao Rio Grande do Sul, no tempo da guerra do Paraguay.

O trabalho, que foi concluido em 1860, foi exposto na Exposição Universal de Paris de 1867. Chaves Pinheiro offereceu em 1870 a estatua ao governo e para ser fundida em bronce foi aberta uma subscrição. O Imperador não quiz, porém, que essa homenagem fosse por diante e a seu pedido as quantias subscriptas foram empregadas na construção da Escola Gonçalves Dias, em S. Christovão.



CARTAS DE Mulher



DEIXEI propositadamente passar alguns dias, que fazem esquecer na nossa terra os mais feios escandalos, para poder salvar incolumes dos borborinhos das más linguas — já hoje occupadas com assumptos mais recentes e não menos escabrosos, — estes comentarios á margem de um triste e vergonhoso episodio de amor, em que foram protagonistas um moço de pouco mais de vinte annos e uma mulher casada. A imprensa, tão ávida de escandalos, já castigou com severidade impiedosa a desgraçada mulher, revelando todas as suas faltas, não lhe perdoando nenhum pormenor aviltante, fechando-lhe todos os caminhos da salvação, convertendo-a num farrapo. Debalde procurei um symptoma sequer de commiserção por essa victima da amoralidade contemporanea e cuja culpa encontra nos estímulos da degradação ambiente tantas attenuantes. Os homens recusaram-lhe indulgencia: essa indulgencia que tantas vezes o jornalismo não nega aos mais odientos e torpes criminosos... Todos foram para a misera creatura juizes rigorosos e implacaveis. Possa isso servir de lição a outras fracas mulheres nas mesmas condições dessa infeliz!

Não é, porem, para defendel'a que estou escrevendo com tanta melancholia e tanto receio esta pagina triste. Ella me desperta uma piedade sincera, mas não sei deixar de accusal'a pela sua falta, que é — ai de nós! — a de tantas mulheres, que esquecem e profanam a dignidade do seu sexo, conver-

tendo-se em passivos instrumentos de praser, dando-se como objectos, sacrificando a honra propria, a da familia e a dos filhos, para se immolarem ao desejo impuro e ephemero do homem.

A mulher será sempre a victima deploravel dessa lucta dos sexos, — em que lhe cabe o papel de aggreddida, — em quanto não collocar a sua fraquesa original sob a protecção de uma forte consciencia da sua dignidade, emquanto a educação não desenvolver nella todos os nobres estímulos da honra, emquanto ella se não engrandecer a si propria considerando-se um *ente moral* e não apenas um *ente materialmente formoso*. Infelizmente, tudo a convida á degradação, porque no romance, na poesia, no cinema e no theatro lhe escondem sob flôres o declive da perdição, porque os interessados na sua fraquesa só lisongeiavam os seus instinctos e a sua vaidade e a persuadem de que a sua missão na terra outra não é senão a de deixar-se conquistar.

Conquistar! E' o verbo que se conjuga no amor e na guerra. Eu vos convido, mulheres, minhas irmãs, a examinar o conquistador das vossas caricias e da vossa honra na figura deste moço e egoista Don Juan do nosso tempo.

Meu Deus! como nós descemos para assim tão facilmente uma de nós se deixar conquistar por um homem que lançou fóra as armas prestigiosas a que se rendem os corações femininos: o cavalheirismo, o idealismo, a dedicação incondicional, a valentia: a honra masculina, emfim!

A nossa época utilitaria ri-se do romantismo, mas os conquistadores romanticos tinham o culto cavalheiresco da mulher e sentir-se-iam deshonrados em delatar em publico o nome da mulher que lhe tivesse pertencido. Esse sigillo fazia parte do código da honra varonil. O segredo do amor era um apanagio da honestidade masculina. A mais baixa e corrompida

mulher tinha direito a esse respeito. Em cada mulher, o homem mais vil via ainda um reflexo da mãe e da irmã. Todas as mãos honradas se retrahiriam diante do homem que lançasse publicamente á lama o nome da mulher de cuja perdição foi o auctor ou o cumplice.

E é ainda as mulheres que eu accuso pela decadencia moral do homem, que produziu este exemplar monstruoso do egoismo. A mulher é a grande educadora do character e do sentimento, a mestra das almas; e é della que pode e deve esperar-se a preparação nos lares de novas gerações de homens respeitadores da mulher, insuflando-lhes desde a juventude o culto do cavalheirismo e a superstição nobre da honra. Sei bem que ha de haver sempre mulheres que desfallecem e cahem, mas que ao menos se possa justificar a falta dessas predestinadas com o prestigio fascinador do homem. E' preciso que acabe quanto antes, para nossa honra e para nossa salvaguarda, essa juventude sceptica, de coração secco, para quem a lagrima é uma ridicularia, para quem o sentimento é um desdouro, para quem o amor não passa de um acto material, para quem as mulheres são o «animal de cabellos compridos», definido por Schopenhauer, e que se propoem a sêr os maridos, os seductores, ou os diffamadores de nossas filhas.

Mães, evangelisadoras, minhas irmãs, façamos homens que possam ser os nossos protectores e não os nossos algozes, homens que nos elevem e não nos atirem á lama, homens que nos tornem melhores e não nos degradem, homens que nos amparem e não nos infamem!

IRACEMA.





O film tragico da Barra do Pirahy

SIMULTANEA com a noticia de se haver constituido uma empresa nacional para explorar a confecção e fabricação de films cinematographicos, estourou na imprensa a noticia da tenebrosa tragedia do Pirahy. Que extraordinario ensejo perdeu o industrial de obter um film documentario sobre o tetrico *Far West* brasileiro, que quasi sempre principia a poucas legoas do littoral! Quadrilhas mascaradas, assaltos á mão armada, rapinas de cavallos, ao estylo das proesas dos indios salteadores, e depois, em revindicta, a liga das victimas, apossadas de desespero, desalentadas da protecção da justiça, dando em resultado execuções nocturnas, summarias e inexoraveis, de uma ferocidade ancestral e repugnante...

E dizer-se que esses dramas barbaros, que nos distanciam de alguns seculos da civilisação contemporanea, se passam a poucos kilometros da Avenida Central, dos bailes roseos do Duque, das modistas parisienses da rua do Ouvidor, dos jantares dos Principes de Belford e das *parties masquées* do sr. Embaixador Morgan!

...

Bilac em Lisboa

BILAC fez uma conferencia em Lisboa. O Presidente da Republica foi ouvil'o. Guerra Junqueiro apresentou-o ao publico, dizendo d'elle, em palavras ornadas de genio, o que o auditorio não ignorava: a hierarchia mental do poeta admiravel de tantas obras esplendidas. Como era de esperar, a conferencia de Bilac teve um exito estrondoso. Bilac — todos nós o sabemos, — é um conferencista magistral. Possui as duas claresas essenciaes num altissimo gráo de perfeição: a do pensamento e a da voz. A sua sonora palavra veste a idéa como uma *toilette* musical. De resto, Bilac pertence a uma pleiade gloriosa de oradores, de

tribunos e de conversadores sem par, em que fulguraram os verbos relampejantes de Patrocínio e de Ney, em que resplandecia a fantasia inexgotavel de Netto e a grandiloquencia poetica de Murat. Pode dizer-se que Bilac se tornou o diplomata da sua geração no estrangeiro: geração de que elle possui os talentos multiplos e fascinadores. O seu ultimo triumpho bem merece do Brasil a promoção a embaixador: — embaixador da arte brasileira, bem entendido, sem dependencia do Itamaraty wagneriano, mas do Parnaso latino.

...

Mã visinhança

Não é novidade para ninguem que o «Jornal do Commercio» da tarde é a versão juvenil, espirotuosa, elegante e brilhante do sũdo, circumspecto, ponderado «Jornal do Commercio» da manhã. Qualquer cousa como o Dr. Fausto antes e depois da transformação sobrenatural: de manhã de brancas barbas veneraveis, a fronte sulcada de rugas como as terras fecundas sulcadas de rios, vestindo a severa tunica de velludo negro, propria da sapiencia; de tarde o mancebo esbelto e captivante, cortez sem affectação, espirotuoso sem impertinencia, erudito com subtileza.

Foi na edição juvenil e numa das secções em que trabalham as suas pennas mais leves e brilhantes, que lêmos a referencia — em tom de sincera lastima, — á nova visinhança equivoca a que se submetteu um dos cinemas da Avenida. Essa visinhança é, apenas, um dos nossos Clubs Carnavalescos, e o que serve de thema ás lamentações do scintillante vespertino é a qualidade das frequentadoras do Club, que são, que são... as habitantes de Cytheria. O mal está em que por uma porta entram as espectadoras do Cinema e pela porta contigua entram as frequentadoras do Club. Podem crusar-se na rua: a burguesa e a cortezá, a mulher honesta e a peccadora. E' grave, é excessivamente grave,

como diz o Ministro da Finlandia no romance do Eça. Mas, por amor da verdade, onde é que está o mal? Pois todos os dias, a todas as horas, não entram pelas mesmas portas, não se reúnem nas mesmas salas, em todos os cinemas, as senhoras e as *petites-femmes*?

E nos bailes «estonteantes» do Assyrio, tão elogiados e tão... preconizados pelo *leader* vespertino da elegancia carioca, essa visinhança *indésirable* não ia até ao *pêlemêle*?

...

O morro sem castello

O feio morro, que por desgraça do Rio é historico, resistiu a mais uma mensagem e a mais um Prefeito. O sr. Rivadavia Corrêa, apesar da sua intelligente boa vontade, não o deitará a baixo, nem mesmo o perfurará. E' de suppor que o mesmo aconteça ao seu ainda desconhecido mas já eminente successor. O morro fica, guardado pela dupla vigilancia da tradição e da inveja, pois que elle não é só o tabernaculo onde se guarda a memoria da fundação da cidade, mas tambem o negocio, o negocio inenarravel, que não se deve permittir a ninguem que faça, tanto mais que a Prefeitura o pode perfeitamente fazer quando chegar a occasião.

No dia em que a Avenida Beira Mar pular o obstaculo indecoroso que a separa de Santa Luzia, no dia em que o morro inesthetico e excessivo em uma cidade que tem um diadema de montanhas maravilhosas fôr contornado por avenidas e ruas, então o carioca começará conspirando contra elle e perguntará para que elle serve. Ah! no dia em que o carioca formular essa pergunta e pensar nas lindas ruas, nos graciosos *squares*, nas magestosas avenidas e praças que podem apparecer com o seu desaparecimento, nesse dia o morro venerado, com pretensões a Capitolio, desabará pelo alvião... Não ha de ser para isso preciso que o dr. Alencar Lima exerça as funções de *lord-maire* do Rio de Janeiro.

Figuras & Factos



Dr. Rodolpho de Araujo Filho, recém-formado na Escola de Direito do Recife.



A Revista em Caxambu

"Five-o'clock-tea" realizado no parque de Caxambu em benefício do Hospital. Grupos tirados por ocasião da animada festa, que se realizou com a assistência de muitas e distintas famílias cariocas e paulistas.

O novo encarregado de Negocios da Russia, sr. E. Stein, chegado pelo "Frisia". A sua direita o sr. Consul da Russia.



O aviador brasileiro, sr. 1º Tenente Bento Ribeiro Filho, que foi ao Chile representar o Aero-Club Brasileiro na Confederação Aeronautica Pan Americana, por ocasião do seu regresso no "Frisia", recebido pela Directoria do Aero-Club.



Pequeno dicionário da política

O sr. Carlos Peixoto conversa. Ha coisas que elle diz a serio e são immensas *blagues*. Já uma senhora admirava que cavalheiro de actos tão severos tivesse uma tão encantadora palestra. Pois Carlos Peixoto attribue a certo cidadão chamado Gabriel Tallet um dicionario politico, com as seguintes definições:

Orçamento — o excedente das despesas sobre a receita.

Inimigos politicos — amigos intimos que não se cumprimentam em publico.

Chantage — forma de imposto sobre o capital, admitida pelos capitalistas.

Gente séria — todos os defensores do nosso partido.

Secretario de legação — Cargo-prenda que o Lauro distribue de vez em quando entre os filhos dos seus inimigos da vespera...

O dicionario continúa.

Palavras que fazem fortuna...

A proposito da grande quantidade de principes brasileiros, depois da Republica, uma palestra em Petropolis num dos ultimos chás do casal Pinto Lima:

— Não é que teremos uma sociedade principesca, depois dos Braganças?

— E expontanea!

— Deixe V. de ser perfido. Não ha um dos nossos principes cujos titulos não sejam authenticos.

E o dr..., com um ar candido:

— O que não impede que os titulos sejam ao portador...

Recepções

PETROPOLIS, depois de abril é uma teimosia. Ou como diz a baroneza: Petropolis em maio é economias. Como para o inverno do Rio ainda não inventaram es-

tações equivalentes a Saint-Moritze e a Costa Azul, começam as recepções. Essas recepções teem uma parte difficil: o xadrez, ou antes o puzzle dos dias com as semanas e os mezes. Mme X recebe ás primeiras quartas feiras e ás ultimas sextas de cada mez; Mme A recebe ás terceiras quartas-feiras e ás primeiras quintas; Mme H no segundo domingo e no ultimo sabado, etc.

— A questão, dizia o joven Eleuterio, *l'homme du monde* bem conhecido, é meter na cabeça essa complicação. Depois descansamos.

— Como?

— Todas as recepções são as mesmas, só variando de casa, porque são as mesmas pessoas e conversa-se a mesma coisa.

Regeneração

ALGUMAS companhias dramaticas — nada menos de tres! — como era fim de março e chovia rasoavelmente resolveram fazer theatro de verdade. Então Christiano montou *O Amigo das Mulheres*; Maria Falcão *O Segredo* e Alexandre Azevedo *A Guerra*, qualquer coisa de frenetico, de pathetico e de melodramatico. O publico, ao fim de uma semana, recusou essa literatura.

— Como queria V. que o publico acceitasse? Com as sessões, as *pochades* cortadas, deshabitou-se. A regeneração é uma coisa difficil. E ha regenerações impossiveis. Não se pode por exemplo pôr na cabeça de um microcephalo o chapéu do Ruy Barbosa...

A idade dos grandes homens...

E' como a das senhoras bonitas, porque os grandes homens não gostam de confessar grandes idades, mesmo quando as têm. Assim, ninguém sabe a idade do barão de Tefé, a do pintor Augusto Petit, a do millionario A. G. F.

A proposito, conversavam na Prefeitura alguns jornalistas. E um d'elles, renitente machina de paradoxos:

— Não se pode falar propriamente em anniversarios com os grandes homens. E' muito melhor dar-lhes a côr da profissão que os notabilisou. Assim do mestre Petit podemos dizer: tem mais ou menos 50.000 metros de télas. E do miliardario, com modestia: Oh! apenas umas centenas de milhões de dias...

Ananiana

O coronel Ananias era o mais interessante dos conspiradores do mundo. Na serie impagavel de conspiratas organisadas como recreio semanal do governo do dr. Wencesláu Braz, o coronel Ananias era espantoso á força de inverosimil. A policia pegava-o fabricando dynamite para estabelecer a ordem parlamentar. O coronel Ananias ia a sorrir, feliz e contente, prestar declarações e horas depois saia da Central elogiando o chefe, a policia, a comida da policia — para conspirar de novo.

Um homem assim devia conservar o prestigio... Pois nem esse! Na ultima conspirata, cortaram o coronel.

Ananias não entrou! Os parlamentaristas estavam com inveja do coronel mesmo antes da revolução vingar.

Decididamente é muita a inveja que cerca os grandes homens...

Distico

ENCONTRADO outro dia na rua do Sacramento:

Brilha o João no Thesouro,
Nem tudo que luz é ouro.



O festival da "Revista da Semana"

Foi um espectáculo inolvidável o que, no passado Domingo se realizou no vasto recinto ao ar livre do Theatro da Natureza, construído no Parque da Republica. Nunca multidão tão compacta de espectadores e dominada por tão communicativo entusiasmo se reuniu diante de um proscenio. Honra seja feita á Colonia Portuguesa do Rio, que da sua união, do seu patriotismo, da sua dedicação cívica e dos seus sentimentos philantropicos deu o mais solemne, o mais emocionante testemunho, correspondendo em massa á convocação que lhe dirigira a «Revista da Semana». Mais de dez mil espectadores affluíram ao festival organizado por esta Revista em beneficio da Cruz Vermelha Portuguesa. Maior teria podido ainda ser a concorrência se de maior espaço para a conter dispuzesse o Theatro da Natureza, que é o mais amplo recinto de espectáculos do Brasil! A cintura de camarotes, a amplíssima platéa, as archibancadas das galerias encheram-se. Mas esse ambito enorme era insufficiente para receber a onda de publico e esta espraçou-se em redor do recinto, envolvendo o quadro grandioso em uma moldura humana. Perto de oito mil pessoas constituíam, agrupadas, apinhadas, essa multidão envolvente, palpitante, movediça. O tempo associou-se ao esplendor da festa, pois sobre os espectadores se estendeu, a acatela'os do sol, um velario de nnvens. O vento era apenas o bastante para desfraldar nos mastros as bandeiras das nações alliadas. Em volta, o scenario magestoso do parque com os seus arvoredos magnificos concorria para engrandecer de belleza a visão imponentissima do conjuncto.

A «Revista da Semana» entrega á Colonia Portuguesa as honras da festa memorável para cujo brilho tanto concorreram o resplendor da palavra arrebatadora do sr. dr. Pinto da Rocha, a vibração heroica da poesia do sr. dr. Pedroso Rodrigues, consul de Portugal, recitada com soberba attitudo por Alexandre Azevedo, a emoção communicativa do episodio dramatico «Patria Amada», do sr. Luiz Galhardo, a espiituosa belleza da fabula do sr. Lorjô Tavares, primorosamente dita por Ferreira de Sousa, os versos vehementes do actor João Barbosa, as massas coraes do Orphéon da Juventude Portuguesa e do Theatro da Natureza e as bandas da Marinha que executaram a «Marcha dos Alliados» sob

a regencia do seu auctor, o compositor portuguez Adolpho Rosa.

Foi com esse conjuncto de cooperações, com a associação de tantos talentos e dedicados esforços, que a «Revista da Semana» conseguiu realizar o espectáculo grandioso que reuniu no Parque da Republica, como num templo cívico, o fervor patriótico de dez mil espectadores.

Nota da Redacção

Devido a não ter sido ainda possível completar a cobrança só no proximo numero publicaremos as contas minuciosas de receita e despesa do festival de Domingo, cujo avultado saldo será entregue á Grande Comissão Pró-Patria com destino ao patrimonio da Cruz Vermelha Portuguesa.



Cruz Vermelha

Soneto recitado pelo auctor, o distincto actor sr. João Barbosa Dey Burns no festival da «Revista da Semana».

Espalha a artilheria o horror, o
[cataclysmo,
Escrava da vaidade, inveja ou am-
[bição ;
Defendendo a nação — sublima o
[heroismo
O grito atroador da guela do canhão;
Onde campeia a morte—esplanada
[ou abysmo
Tendo, apenas, por arma, o proprio
[coração,
Paira da Cruz-Vermelha o bem-
[dicto altruismo,
Que dá a sepultura, o balsamo e a
[oração !

Bemdicta sejas tu, ó Cruz de côr
[sangrenta !
Que o proprio sangue estanca e a
[alma acalenta,
No consolo sem fim de santa ca-
[ridade !

Symbolizas a mãe, a viuva e os fi-
[lhinhos,

Ao soldado levando os teus meigos,
[carinhos,

Nessa nobre missão de amor a hu-
[manidade !

ACTOR

JOÃO BARBOSA DEY BURNS.



Depois do romance, o cinema

CONCLUE hoje a «Revista da Semana» a publicação do romance do grande novellista inglez Antony Hope, traduzido com o titulo «O Campeão do Amor». Como de proposito para demonstrar o valor da novella admiravel, que tão vivamente interessou os nossos leitores e o cuidado com que são escolhidas entre as obras-primas os trabalhos que constituem a bibliotheca de romances da «Revista da Semana», um dos grandes cinemas da Avenida projectou no écran, durante toda a semana passada e com um successo enorme e episodio que constitue o prefacio d'«O Campeão do Amor», devendo seguir-se em breve a projecção em outro film da parte essencial do bellissimo romance. Deste modo um feliz acaso, fazendo coincidir com o triumpho ruidoso do écran a conclusão da novella na «Revista da Semana», deu aos nossos leitores não só a oportunidade de recapitularem visualmente o trabalho empolgante do romancista inglez, como o de apreciarem o constante esforço que empregamos para offerecer-lhes uma leitura attrahente e de consagrada elevação litteraria.

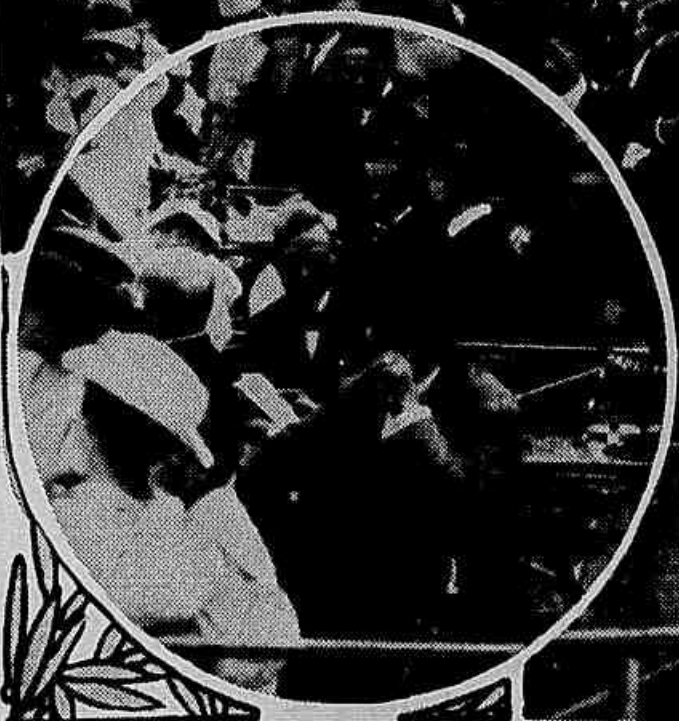
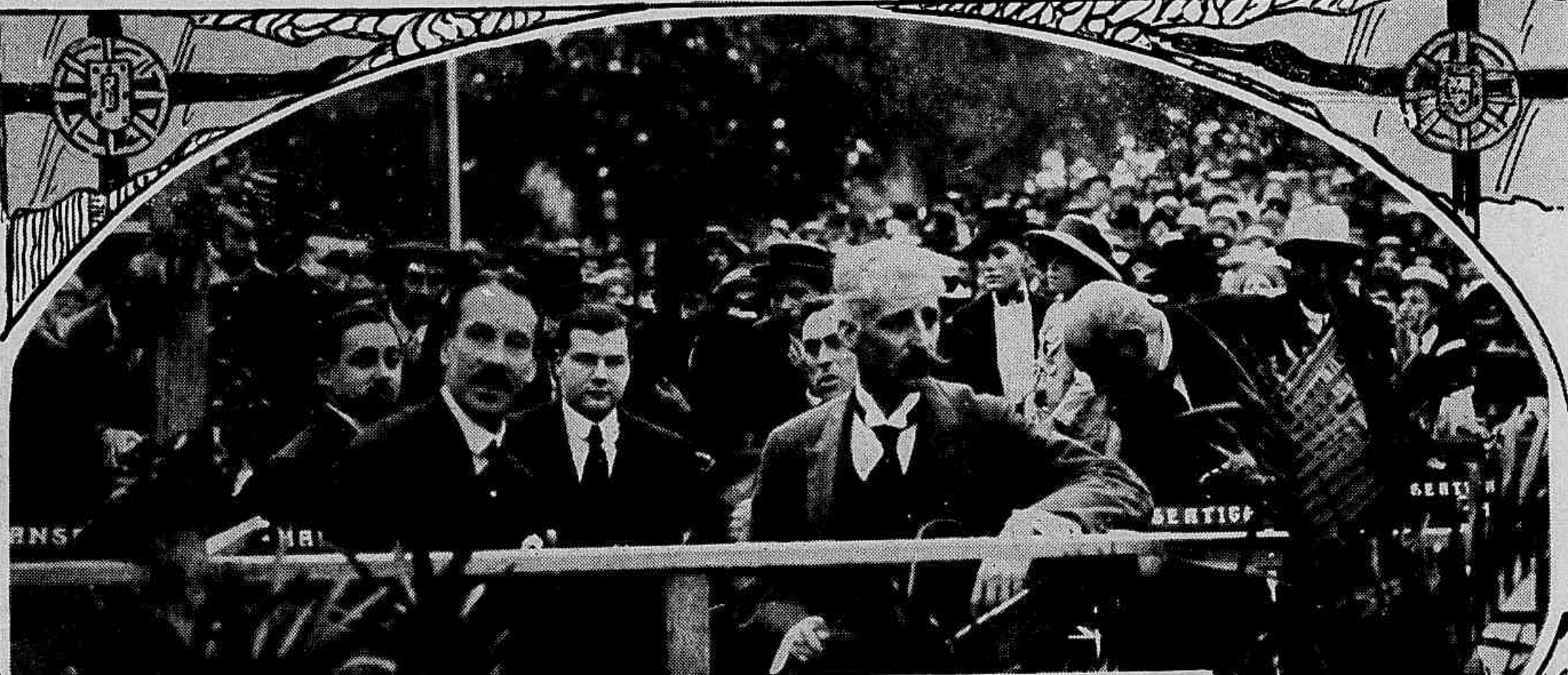


«Patria Amada»

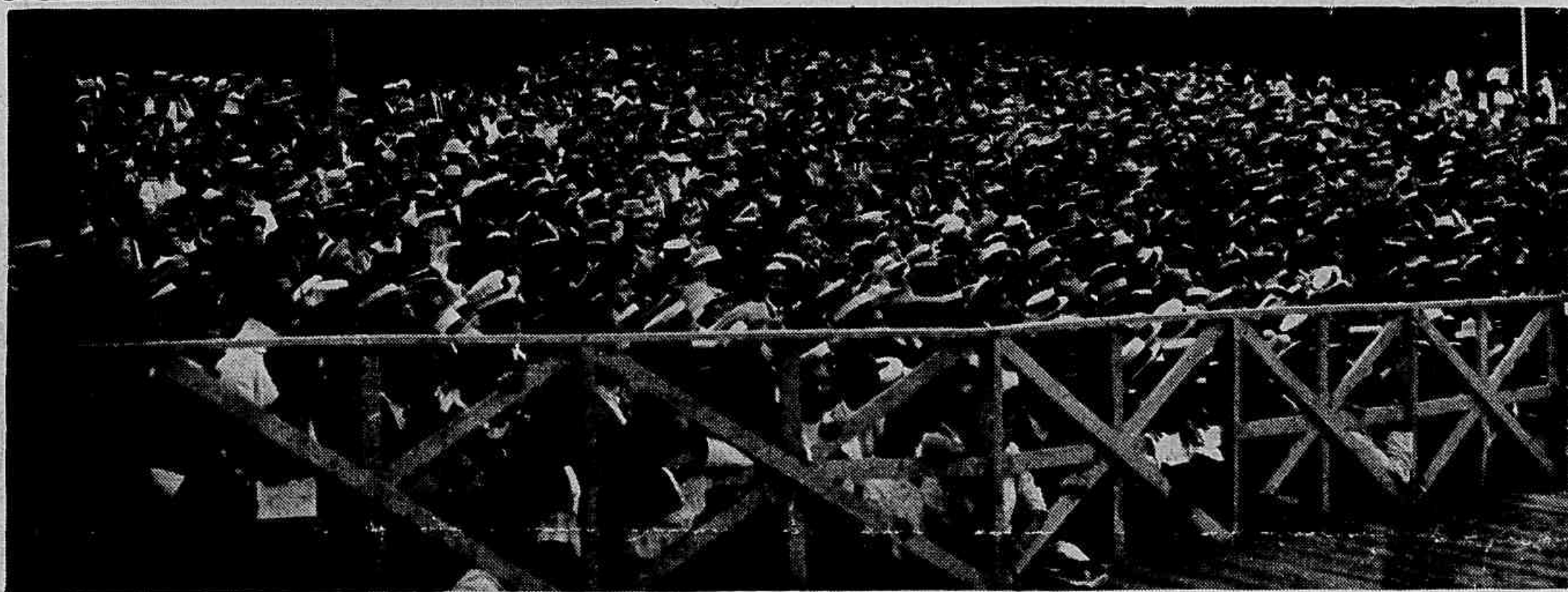
No proximo numero publicaremos o episodio dramatico em verso «Patria Amada», que Luiz Galhardo escreveu expressamente para o festival da «Revista da Semana» e que tão grande e legitimo successo obteve. Assim reuniremos e archivaremos toda a collaboração poetica da grande e memoravel festa patriótica.

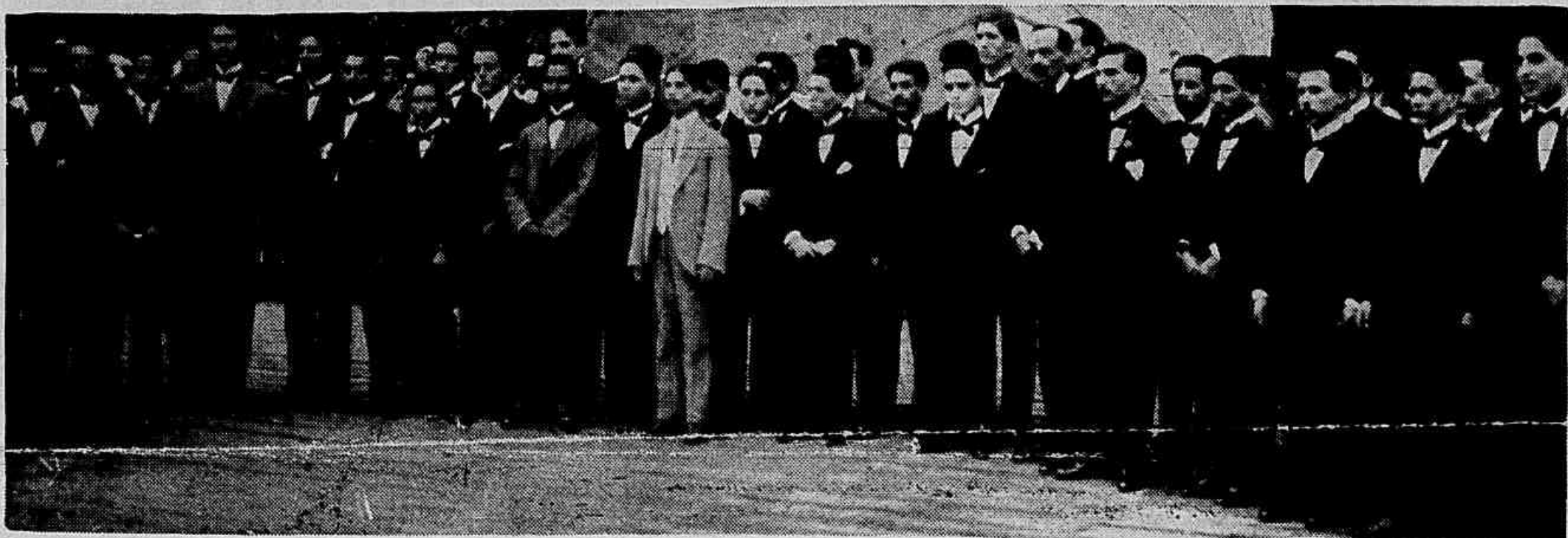
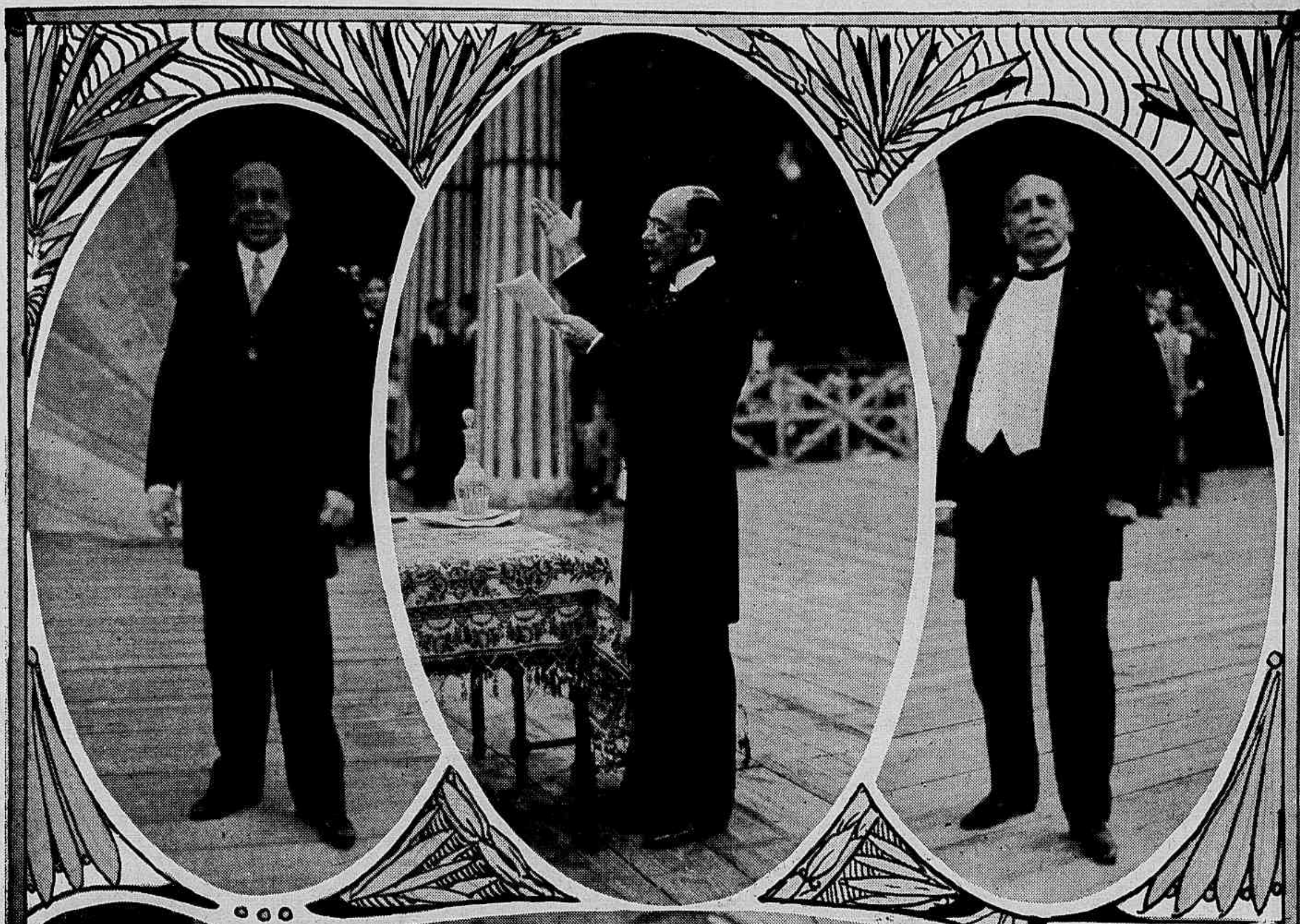
Um espectáculo imponente.

A festa da "REVISTA DA SEMANA" em benefício da CRUZ VERMELHA PORTUGUEZA



- 1 — O camarote do Sr. Embaixador de Portugal.
2 — O Sr. Visconde de Moraes, Presidente da grande Comissão Pró Patria.
3 e 4 — Aspecto da multidão que envolvia o recinto do theatro





1 — O actor sr. João Barbosa recitando o soneto de sua lavra "A Cruz Vermelha".

2 — O sr. dr. Pinto da Rocha pronunciando o seu magistral discurso.

3 — O actor Sr. Ferreira de Sousa, recitando o apologo em verso do sr. Lorjô Tavares, "Declaração de Guerra".

4 — O sr. Luiz Galhardo e os interpretes do seu episodio em verso "Amada Patria", sr. Alexandre Azevedo, Emma de Sousa, Ferreira de Sousa, Judith Rodrigues e Mario Arozo.

5 — O Orpheon Juventude Portuguesa e o seu organisador e director sr. Adolpho Rosa.

OUTR'ORA E

De onde venho ? Quem sou ? Meus passos quem os
[guia ?

Porque hei-de olhar de frente o sol que me alumia,
Não dobrar a cerviz, nem me dar por vencido,
E de viseira erguida, e de montante erguido,
Escudo em guarda, olhar febril, ouvido alérta,
Porque hei-de o peito abrir e Tu, alma liberta,
Porque has-de em chamma arder, subir, aureolada,
No carro triunfal da rosea madrugada ?

Quem sou eu, quem sou eu ? que á terra os passos
[prendo

E de pé, como Anteu, heroico, enorme, horrendo,
No coração da terra as mãos em furia cravo,

Aos meus mortos fiel, dos meus heroes escravo ?
Vós direis : pobre velho ! és sombra vacillante,

E's ruina mortal, és sonho alto e distante,

Farol que se apagou, estrela que morreu

Entre as ondas do mar, entre as nuvens do céu !

Vós direis que já fui o moço cavaleiro,

Forte, leal, audaz, brigão, aventureiro !

Que armou de Viriato as clavas lusitanas

E os Castros investiu e as legiões romanas,

Que aos reinos de Leão, Castela e de Navarra

Fundas brechas abriu ; que a heroica historia narra

Ter quebrado o poder das muralhas e ameias

E, dando o sangue em flôr das palpitantes veias,

O elmo ao sol fulgindo, a lança em riste armando,

Nas batalhas heroe á moda de Rolando,

Ter sempre, até ao fim, sem que a vida lhe importe

Da Patria a fama honrado e salvo até á morte !

Vós direis que do tempo a furia impetuosa

Me rasgou fibra a fibra a alma valorosa,

Que a ferrugem gastou a lamina da espada,

Que o elmo se rompeu, que a lança jaz quebrada

Nos campos de Valverde e nos d'Aljubarrota,

Que os corvos ao luar sobre a armadura rôla

Descem do negro céu e uivam os chacais,

Porque o ar cheira a sangue e a despojos mortais.

— Mas eu direi que não, que não envelheci,

E passarei sorrindo, ó Morte, ao pé de ti.

Quebrarei da tristeza as perfidas amarras,

Não mais escutarei essas dez mil guitarras

Que em Alcácer-Quibir, no campo inimigo,

Soluçantes, aos ais, chorando o fado antigo,

Em sangue, em lama, em pó, ficaram enterradas !

Alexandre
Gzevedo

SEMPRE

} Poesia do Senr.
Dr. Pedroso Rodrigues.

Não quero mais ouvir as vozes maguadas
 Dos poetas sem fé, dos cantores sem ideal !
 Revivei, ressurgi, heroes de Portugal!
 Cavalleiros, peões, lendarios marinheiros
 Do Atlantico mar e das Indias, guerreiros
 De Ceuta e d'Azamor, de Tanger e d'Arzilla;
 Nun'Alvares, heroe em cujo olhar scintila
 A inspiração divina, ó Castro forte, ó Gama,
 Terrivel Albuquerque e vós, a quem a chamma
 Eterna da victoria envolve e alumia;
 Mortos, sombras, visões, que a aurora casta e fria,
Das nuvens cor de opala abrindo o aureo veu,
 Mostra, guia e conduz p'los caminhos do ceu,
 Conquistadores de Diu, d'Ormuz, Goa e Malaca
 Paladinos ideais, dae força á gente fraca,
 Que ha cem anos em paz de Marte o brilho ignora !
 Nasce no verde mar o encanto de outr'ora,
 Na terra em flor renasce a arvore bemdita,
 Que o meu sangue regou na gloria e na desdita,
 E o velho tronco prende ao solo tanto amado
 E os altos ramos ergue ao ceu immaculado !

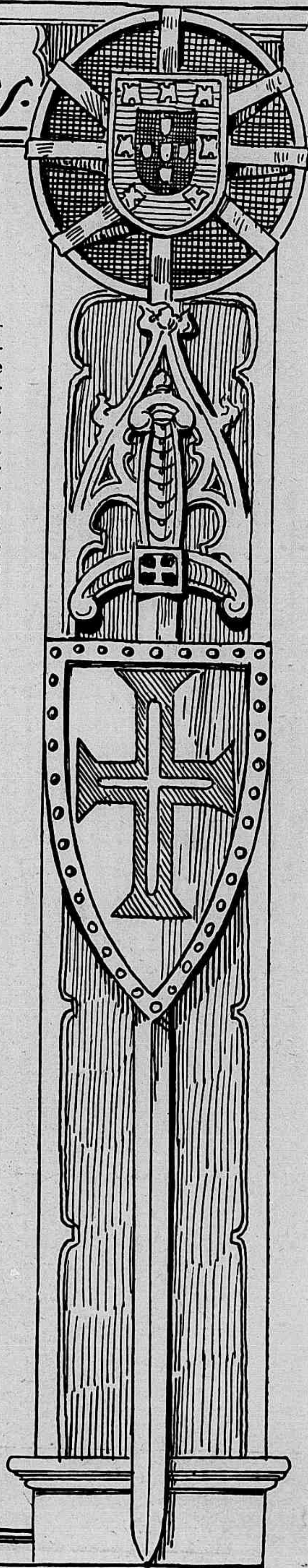
Deixae-me ajoelhar, morto da minha raça !
 Sob a benção do sol a alegria que passa,
 Beijando terra e ceu, desde a montanha ao mar,
 Já purifica e doira a pedra do meu lar !
 Presinto já que o mal dos meus sonhos inquietos
 Atormentado fuge e qual bando de insectos
 Na agua dos paúes para sempre adormece.
 Sinto que atraz de mim a Morte empalidece !

Como se a aurora a arder doirasse os verdes montes.
 Rasgasse o claro ceu, abrisse as claras fontes,
 Inundando de luz os poços mais sombrios,
 Inflamando de sol as velas dos navios,
 Reflorindo os jardins, os pomares, os vergeis
 E trazendo nas mãos, fulgurantes de aneis,
 A espada victoriosa, em fogo o punho ardendo.
 Sinto dentro de mim, subindo e revivendo,
 A eterna Primavera, a força eterna, a Fé,
 Sinto-me renascer, quero lutar de pé,
 Um estranho vigor no meu sangue se espalha,
 Por minhas velhas mãos a sorte da batalha
 Vai ser jogada aos ceus e aos astros imortais !
 Portugal ! Portugal ! Não ! morrerás jamais !

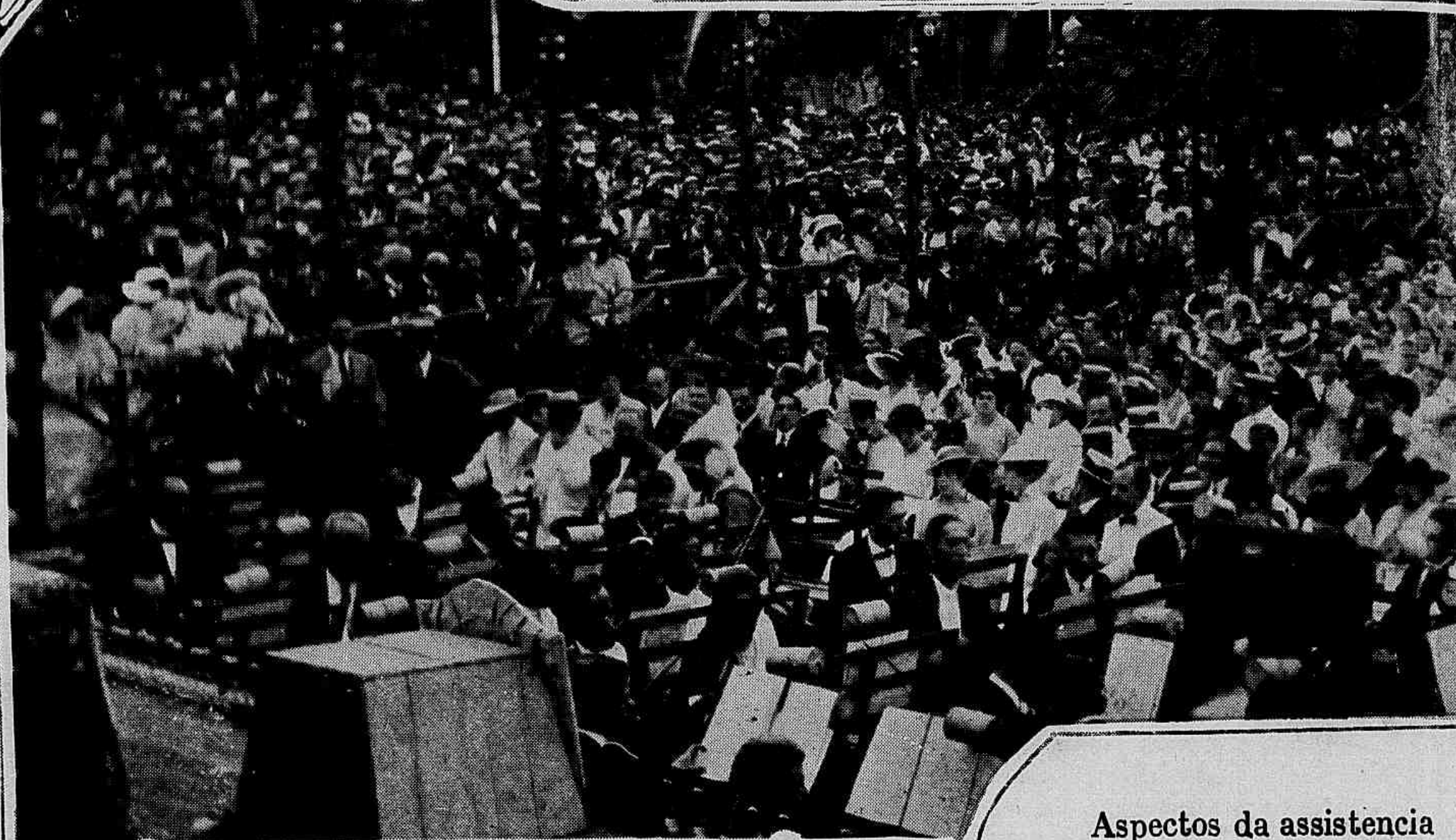
A «Revista da Semana» brinda os seus leitores com a scintillante joia litteraria que ornamenta esta pagina: a poesia admiravel do sr. dr. Pedroso Rodrigues, Consul interino de Portugal, que está substituindo na direcção da chancellaria consular do Rio esse outro grande escriptor e poeta que é o sr. dr. Alberto d'Oliveira, actualmente em goso de lisença.

Os versos soberbamente heroicos do auctor das «Bôdas de Lia» mostram-nos o poeta sob uma face inédita do seu talento. O seu lyrismo parnasiano aqueceu, criou amplidão e vehemencia na composição magistral deste monologo theatral, de rimas ressoantes como tinidos de armas, vestido pomposamente de imagens, que o actor Alexandre Azevedo recitou com magnifica attitude, ostentando a armadura e o saio de malha do guerreiro medieval, com o capacete emplumado de azul e branco, reconstituindo a figura symbolica do velho Portugal das conquistas, creado com a espada na mão, nos campos de batalha.

A intensa impressão causada no immenso auditorio pela declamação destes versos soberbos será resentida pela leitura desta pagina de arte.

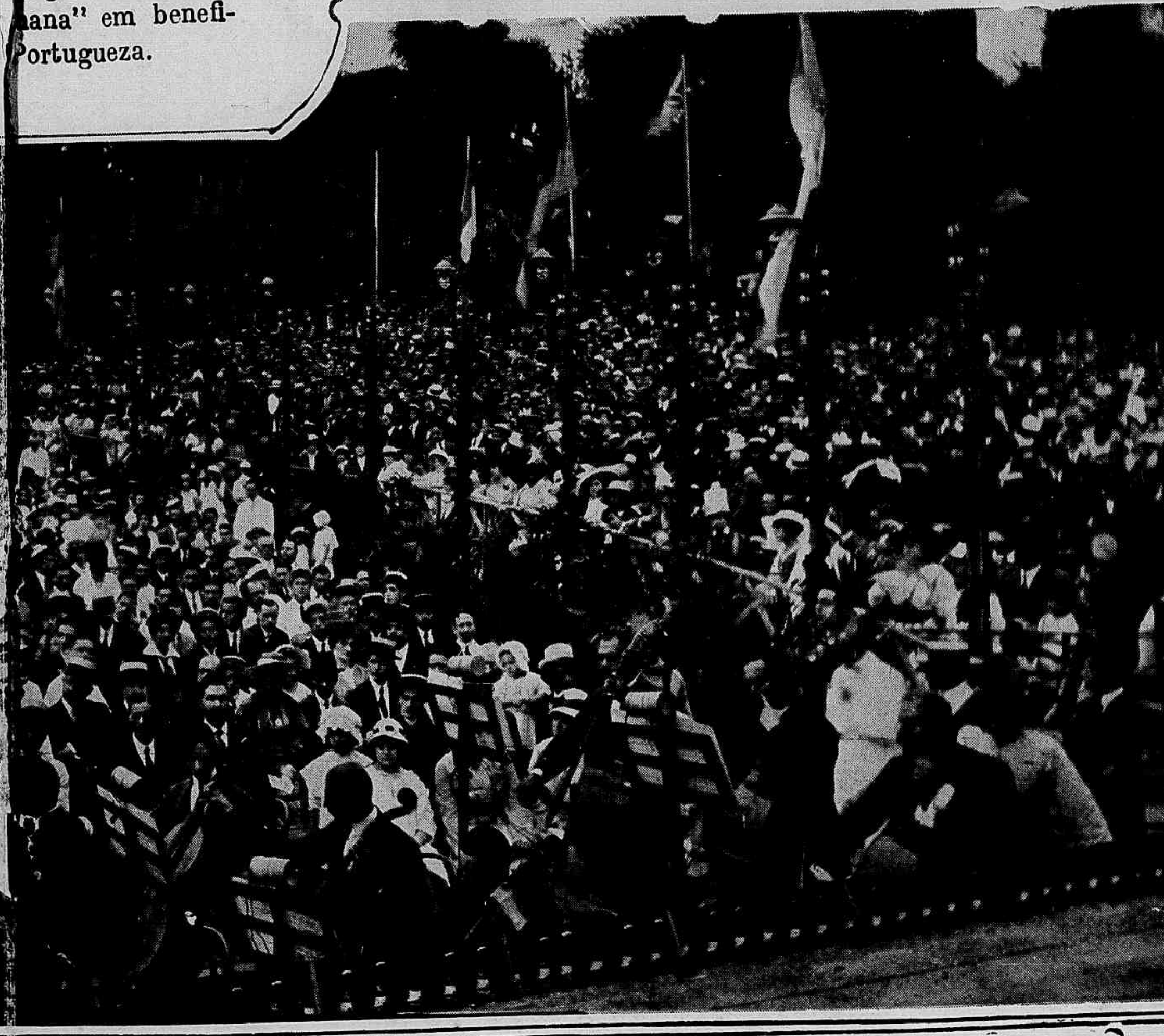


A Parada do Patriotismo Portuguez



Aspectos da assistencia
val da "Revista da Se
cio da Cruz Vermelha

o grandioso festi-
mana" em benefi-
Portugueza.



Declaração de Guerra

(TABULA)

versos de Lorjô Tavares

Recitados pelo
actor Ferreira de Souza.

Era uma vez um lobo corpulento
De prezas rijas, boca ensanguentada.
Passava as noites todas ao relento:
E assim dormia até de madrugada.

De um somno só, profundo, socegado,
Sonhando uns sonhos feitos de candura
Como qualquer trabalhador honrado
De alma sem mancha, de consciencia pura.

Um dia, ao pôr do sol, farto e contente,
Estirado á sombra de um vallado,
Ficou-se a digerir tranquillamente
As carnes saborosas de um veado.

N'isto passou uma formiga airosa,
Cheia de graça, alegre, pequenina,
Passinho aqui, passinho ali, curiosa,
Olhitos vivos, lépida, ladina...

Uma formiga santa... o dia inteiro
Cumprindo honestamente o seu dever
A carregar p'ra dentro do celleiro
Tudo que fosse bom para comer.

Ao vê-la o lobo ergueu a larga pata
E bradou n'um rugido de commando:
— "Fôra de aqui, que é minha só a matta!"
Ella parou... sorriu... e foi andando.

Tremeu de raiva a féra a tal injuria,
E, ás gargalhadas, mas de olhar sombrio,
'scavando o solo, carrancuda, em furia,
Atirou-lhe... um cartel de desafio!

Que irrisão! — "Um cartel? Pois muito bem,
Um duello entre nós?! Ah, meu marmanjo!
(Disse a formiga a rir e com desdem)
Espera um pouco, espera... Eu já te arranjo..."

E entrou, sem se apressar, no Formigueiro.
Estavam em sessão outras formigas
A commentar a guerra no 'strangeiro
Quando ella disse gravemente: — "Amigas!

Está lá fóra um novo D. Quixote
Que precisa levar uma lição.
Declara guerra aquelle franchinote —
Bonaparte imbecil... de papelão!

Acceitei, claro está, o desafio
Do bruto, ébrio de sangue, ou de cerveja,
Pois nunca tive medo: tenho brio!
Uma formiga nunca pestaneja!

Eu, portanto, Senhora Presidente,
Entendo, no meu fraco entendimento,
Que deve armar-se já a nossa gente
Porque é grave este historico momento.

Ha entre nós, ás vezes, divergencia
Em politica... nadas... frioleiras...
Mas, quando corre risco a independencia,
Patria ha uma só: não ha bandeiras!"

E todo o povo, electrizado, em pé,
— Que força, tu, palavra quente, exerces! —
Vibrou de santo ardor, vibrou de fé!
Tremeu a sala até aos alicerces...

E viu-se então sair do Formigueiro,
Tu cá, tu lá — oh, coisa nunca vista! —
O Republico altivo e resingueiro
Levando pelo braço a Realista...

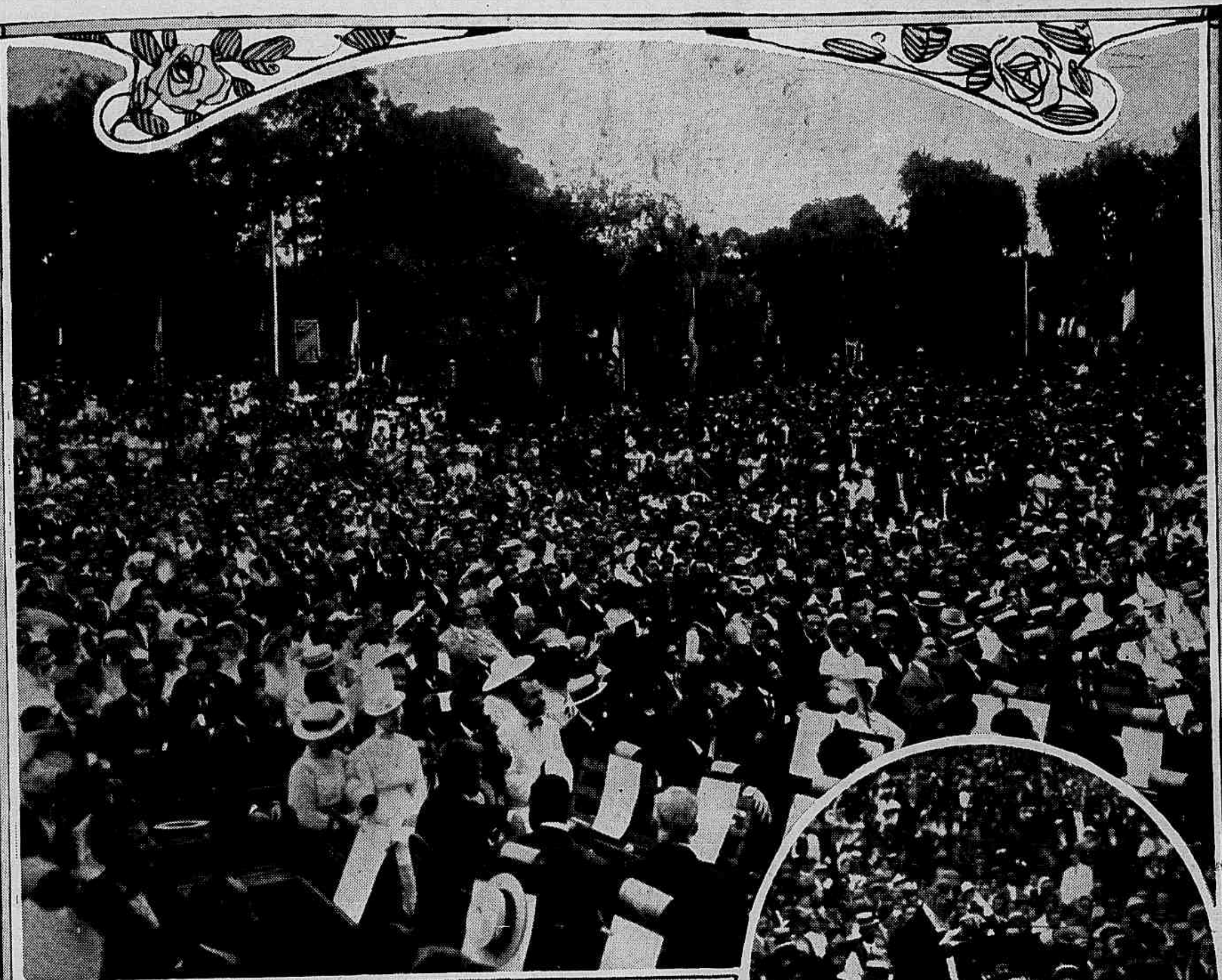
Era eu pequeno, ouvi contar a lenda
A um velhinho todo encarquilhado:
Que a lucta foi terrivel, foi tremenda!
Nem houve caso nunca tão falado.

E ao despontar a luz da madrugada
O lobo, que tombára sem alento
— Molle, disforme, em larva espapaçada —
Soltou a alma negregada ao vento.

— "Que petisqueira para... um anno e tal!
(Disse a lamber-se um formigão damnninho)
Mas não... que nojo! o bruto cheira mal!
Que fique, ao sol, a apodrecer, sosinho..."

Abril, 1916.

LORJO' TAVARES.



1—Aspecto de um trecho da platéa e galerias, vendo-se à direita a multidão que envolvia o recinto. 2—O maestro Luiz Moreira regendo a symphonia do "Guarany". 3—Aspecto da multidão á esquerda do proscenio.



Declaração de Guerra

(FABULA)

versos de *Lorjô Tavares*

Recitados pelo
actor *Ferreira de Souza*.

Era uma vez um lobo corpulento
De prezas rijas, boca ensanguentada.
Passava as noites todas ao relento:
E assim dormia até de madrugada.

De um somno só, profundo, sosegado,
Sonhando uns sonhos feitos de candura
Como qualquer trabalhador honrado
De alma sem mancha, de consciencia pura.

Um dia, ao pôr do sol, farto e contente,
Estirado á sombra de um vallado,
Ficou-se a digerir tranquillamente
As carnes saborosas de um veado.

N'isto passou uma formiga airosa,
Cheia de graça, alegre, pequenina,
Passinho aqui, passinho ali, curiosa,
Olhitos vivos, lépida, ladina...

Uma formiga santa... o dia inteiro
Cumprindo honestamente o seu dever
A carregar p'ra dentro do celeiro
Tudo que fosse bom para comer.

Ao vê-la o lobo ergueu a larga pata
E bradou n'um rugido de commando:
— "Fôra de aqui, que é minha só a matta!"
Ella parou... sorriu... e foi andando.

Tremeu de raiva a féra a tal injuria,
E, ás gargalhadas, mas de olhar sombrio,
'scavando o solo, carrancuda, em furia,
Atirou-lhe... um cartel de desafio!

Que irrisão! — "Um cartel? Pois muito bem,
Um duello entre nós?! Ah, meu marmanjo!
(Disse a formiga a rir e com desdem)
Espera um pouco, espera... Eu já te arranjo..."

E entrou, sem se apressar, no Formigueiro.
Estavam em sessão outras formigas
A commentar a guerra no 'strangeiro
Quando ella disse gravemente: — "Amigas!

Está lá fóra um novo D. Quixote
Que precisa levar uma lição.
Declara guerra aquelle franchinote —
Bonaparte imbecil... de papelão!

Acceitei, claro está, o desafio
Do bruto, ébrio de sangue, ou de cerveja,
Pois nunca tive medo: tenho brio!
Uma formiga nunca pestaneja!

Eu, portanto, Senhora Presidente,
Entendo, no meu fraco entendimento,
Que deve armar-se já a nossa gente
Porque é grave este historico momento.

Ha entre nós, ás vezes, divergencia
Em politica... nadas... frioleiras...
Mas, quando corre risco a independencia,
Patria ha uma só: não ha bandeiras!"

E todo o povo, electrizado, em pé,
— Que força, tu, palavra quente, exerces! —
Vibrou de santo ardor, vibrou de fé!
Tremeu a sala até aos alicerces...

E viu-se então sair do Formigueiro,
Tu cá, tu lá — oh, coisa nunca vista! —
O Republico altivo e resingueiro
Levando pelo braço a Realista...

.....

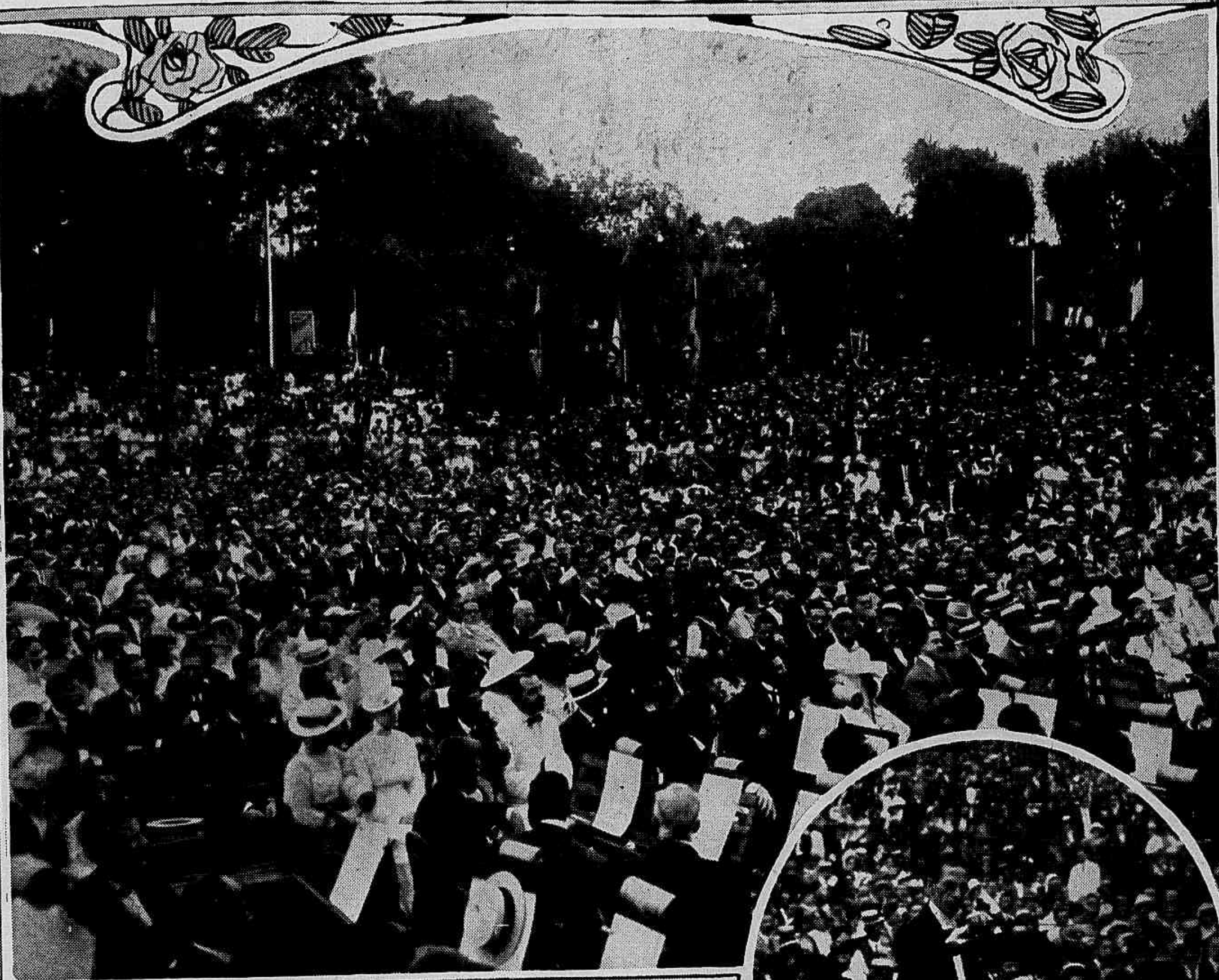
Era eu pequeno, ouvi contar a lenda
A um velhinho todo encarquilhado:
Que a lucta foi terrivel, foi tremenda!
Nem houve caso nunca tão falado.

E ao despontar a luz da madrugada
O lobo, que tombára sem alento
— Molle, disforme, em larva espapaçada —
Soltou a alma negregada ao vento.

— "Que petisqueira para... um anno e tal!
(Disse a lamber-se um formigão damninho)
Mas não... que nojo! o bruto cheira mal!
Que fique, ao sol, a apodrecer, sosinho..."

Abril, 1916.

LORJO' TAVARES.



1—Aspecto de um trecho da platéa e galerias, vendo-se á direita a multidão que envolvia o recinto. 2—O maestro Luiz Moreira regendo a symphonia do "Guarany". 3—Aspecto da multidão á esquerda do proscenio.



α Semana Elegante

Telephones

Evidentemente, o telephone só como telephone, não é uma elegancia essencial. Inventado num dia de maior ferocidade pelo tremendo Edison para facilitar as palestras dos que não tem o que fazer, esse aparelho tem uma fama democratica. Serve aos banqueiros, aos generaes em campanha, a pessoas que desejam falar logo, apesar de distantes. Assim um telephone publico, um telephone de confeitaria, um telephone de districto policial nada tem de elegante.

Mas haverá alguma coisa que as mulheres não transformem? Mesmo os terriveis inventos americanos, afflictiva e originariamente só uteis como o cinematographo, o phonographo e o telephone. De modo que no papel de complemento, o telephone é um luxo immediato, é um americanismo elegante. Se não o encontramos numa casa bem, falta á casa alguma coisa ou aos seus habitantes mais que um chic.

A minha formosa e illust. e amiga Renata Gomes tem um de numero reservado com varias ligações para diversos aposentos e um cordão comprido a acompanhar ainda certo aparelho portatil que a acompanha mesmo no banho. Dentro da piscina de agatha azul, maravilhoso presente de seu pae, muita vez Renata telephona para a costureira ou para outros lugares aborrecidos. A vida intensa! Como fazer se o tempo é cada vez mais curto para quem não tem o que fazer? Outro dia, a elegante senhora estava entretanto ás duas da tarde no seu pequeno hall verdadeiramente zangada contra o telephone.

— Veja V. Ha duas horas peço uma ligação e não m'a dão.

— São as perversas meninas da Companhia.

— Olhe que eu sou amavel com ellas. Faço como o commendador Bonifacio: mando-lhe «festas» pelo Natal.

— Talvez seja por isso.

— Alló, mademoiselle. Sim, 3. 3. 5. 0...

— Não se irrite.

— E' impossivel. Espere um pouco. Está lá? Quem fala? Ribeiro e Souza? Não! Não é isso! Ainda uma vez trocaram o numero!

— O melhor é repousar.

— Se pensa que eu estou disposta a conversar...

— Mas pode ouvir-me.

— Contra quem?

— Contra o telephone por exemplo...

Renata Gomes sorriu. Eu sentimei-me. E, como o dr. Bomfim quando fazia conferencias comecei:

— Minha cara amiga, o telephone tem sido o instrumento mais criminoso da sociedade no Rio de Janeiro. Para quantos não se acham preparados, a utilização de certos progressos é nociva. Que fariam os selvagens com um automovel de corrida ou mesmo de passeio como aquelle lindo do poeta Carlos de Magalhães? Transformariam esses vehiculos em armas mortaes contra as suas proprias pessoas. Assim acontece com o telephone entre nós. O telephone é um dos destruidores do nosso antigo lar. Porque não costumam as senhoras? Porque não fazem mais doce como no tempo da mocidade heroica do barão de



Teffé? Por causa do telephone. Conheço senhoras que começam a falar ao telephone desde pela manhã. Conversam horas inteiras umas com as outras, contando anedoctas e naturalmente falando mal de uma porção de gente. Esse é o lado inofensivo, mais inofensivo. Ha outros. Numa sociedade por fazer, o telephone é o desconhecido dentro de casa, desde o impudente conquistador até o canalha ou a desocupada anonyma que sopra para o nosso ouvido o desaforo ou a calumnia que não teria coragem de nos dizer cara a cara. A minha amiga está ahí sentada na sua casa. Está á mercê da rua. Qualquer pode chamal-a ao aparelho e dizer: amo-te...

— Eu desligo...

— Qualquer pode insinuar que seu marido não está trabalhando...

— Pode ser verdade...

— E ainda um covarde pode dizer-lhe uma chufa...

— Tem razão. E' realmente horrivel. Por isso eu tenho telephone sem o numero na lista.

— E' uma precaução. Nem todos a tem. O resultado é que muitas vezes o telephone transforma existencias tranquillias. Tanta coisa ha que a gente se habitua a ouvir pelo telephone e que não teria coragem de dizer, se não fosse o telephone. O namoro, por exemplo, a rapidez dos nossos namoros vem noventa vezes sobre cem do auxilio telephonico. Assim, o telephone é um objecto nocivo, definitivamente nocivo, á familia, á sociedade e por consequencia á patria...

Renata Gomes ergueu-se.

— E a que proposito o sermão contra o telephone?

— Sermão sedativo, com o desejo de lhe dar calma diante da impertinencia das telephonistas. O serviço dessas senhoras é pessimo, é de fazer perder a calma a tres santos reunidos. Mas quantas vezes ellas impedem, involuntariamente, uma tolice? Nossos avós não tinham telephone e nem por isso se deram mal.

Convencida pela minha palavra grave, Renata Gomes tornou ao telephone:

— Alló. 3. 3. 5. 0...

— Que é isso? insiste?

— Você está hoje aborrecidissimo.

— E' assim que aceita os meus conselhos?

— Sabe com quem eu quero falar?

— Não.

— Com a Argemira Gomensoro.

— Aquella interessante andalusa de um dos ultimos carnavaes?

— Exatamente. Ella ainda ontem perguntou por V.

— Pelo telephone?

— Pelo telephone.

— Oh! E essas senhoras não querem ligar?

— Veja. Ha um quarto de hora outra vez.

— São insuportaveis essas telephonistas. Mas espere, o melhor é não irritar. Conheço um truco.

— Qual?

— Mudar a voz. Deixe ver. Vou eu pedir a ligação. Então a d. Argemira Gomensoro? Porque não disse logo, grande má? Alló, mademoiselle, faça o favor, 3. 3. 5. 0., com urgencia ouviu? se não a aborreço. Muiitissimo obrigado. Mas Renata tem de pagar o obsequio...

— Ora esta!

— Deixando apresentar os meus respeitos á sua encantadora amiga... Decididamente o telephone tem o seu lado bom!

JOSÉ ANTONIO JOSÉ.

NOTICIARIO ELEGANTE

Anniversarios da proxima semana:

Segunda-feira: — Mme. Góes Arbrustor; mme. Joaquim de Salles; mlle. Tancredo Burlamaqui; a intellectual mme. Alberto de Queirós; o general Thomé Cordeiro; a linda Marília, filha do dr. Bandeira de Mello; o dr. Alvaro Alvim; a graciosa Marina, filhinha do dr. Francisco Fonseca.

Terça: — A illustre mme. Coelho Barreto; a encantadora mlle. Affonso Celso (Maria Eugénia); mlle. Huet Becellar (Albertina); mme. commendador Leonidas Ribeiro; mlle. Paula de Mendonça (Lea); o sr. Antonio Pereira de Sousa.

Quarta: — A exma. Baroneza de Alagôas; mme. ministro Leoni Ramos; mlle. Bandeira de Gouvêa (Marietta); o deputado J. J. de Sousa Palma; o joven poeta Carlos Rubens.

Quinta: — Mme. Del Vecchio (João); a fascinante mlle. Licinio Cardoso (Lydia); mme. Canelle (Leopoldino Berquó).

Sexta: — A formosa mlle. Manoel Bernardes (Maria Celeste); mlle. Borja Reis (Carmen); mlle. Jonathas de Carvalho (Doryléa); mlle. Elpidio Trindade (Adalgisa); mlle. general Costa Mattos (Almira); o dr. Antonio Austregesilo, da Academia Brasileira e da Academia Nacional de Medicina; o professor Cesar Diogo, da Faculdade de Medicina.

Sabbado: — A distincta mme. Zilah de Albuquerque; mme. Sousa de Andrade; o dr. Fausto Moreira; o cel. Alfredo Ismael Pereira; o illustre clinico dr. Arthur Lobo; o dr. Justino Ferreira da Paixão.

Domingo: — Mme. Lodi Batalha; o deputado Antonio Nogueira; o coronel Moreira Guimarães, do Instituto Historico; o tenente Agenor de Medeiros Corrêa, do Estado Maior; a galante Hilda, filhinha do sr. João Carlos Machado.

Viajantes

Chegaram ao Rio:

— **D**E Buenos-Ayres, o dr. E. Stein, recém-nomeado ministro da Russia, junto ao nosso Governo;

— De Lorena, no Estado de S. Paulo, com s. exma. familia, o dr. Mario de Alencar, da Academia Brasileira;

— De terminar a *season* petropolitana, o illustre dr. Chermont de Miranda e s. exma. familia;

— Os srs. Rocha Pombo e Plinio Marques, regressando dos trabalhos legislativos no Paraná;

— De Petropolis, o ministro Mi-
bielli e o dr. Serapião Mariante;

— De Florianopolis, com s. exma. familia, o distincto engenheiro Fausto de Sousa;

— Do Recife, o deputado Costa Ribeiro, 1º. secretario da Camara;

— De Natal, o deputado Alberto Maranhão, *leader* da bancada rio-grandense do norte;

— De passar o verão em Petropolis, o dr. Pedro Nolasco, o poeta Oscar Lopes, o humorista Bastos Tigre, e suas illustres familias.

GALERIA DA REVISTA



Mlle. Valgas Neves (Aracy)

Estiveram no Rio:

— **O** dr. Felipe Maria Pedreira, que, de Florianopolis, veio em visita a mlle. Alice, sua distincta filha, ora enferma;

— O nosso confrade dr. Oswaldo de Andrade, d'O Pirralho, a scintillante revista paulistana.

Deixaram o Rio:

— **E**M viagem ao Rio-Grande, o deputado Domingos Mascarenhas;

— Em visita a pessoa de sua familia, pelo *Frisia*, o notavel artista, professor Elysêo Visconti;

— O deputado Eduardo Stuart, caminho do Ceará;

— O dr. Eduardo Carlos Pereira delegado ao Congresso Evangelico Pan-americano;

— Para o Rio-Grande, afim de assumir o commando da 9ª. Brigada, com o seu Estado-maior, o general Carneiro da Fontoura;

— Em missão militar ao Rio-Grande, o general Mesquita;

— Afim de estudar aviação nos Estados-Unidos, o commandante Paulo Sousa Bandeira.

Casamentos:

— **O** de mlle. Adolpho Noldling, com o sr. Arthur Pereira da Motta;

— O de mlle. Maria Marchori, com o sr. Arthur Fróes da Cruz.

Contractos:

— **C**OM mlle. Eugenio Borges (Maria Antonietta) o engenheiro militar tenente Alcides Rossas;

— Com mlle. Santos Werneck (Dagmar) o commandante Werneck Machado (Octavio);

— Com mlle. Rodrigues Saldanha (Maria de Lourdes) o academico Gilberto Goular;

— Com mlle. Rodrigues Pinto (Zuleika) o dr. Anisio Godoy.

Recepções:

— **O** dr. Camillo Soares, director dos Correios, abriu os salões de sua residencia para receber as pessoas de suas relações, no dia do anniversario de sua distincta filha; houve um concerto e dança;

— Mme. Alberto de Faria deu, domingo, a sua ultima recepção, em Petropolis: o palacete das margens do Piabanha esteve rutilante e cheio de figuras distinctas da nossa sociedade;

— O Circulo Catholico encerrou as festas elegantes da *season* petropolitana com um *five o'clock-tea*; houve musica e canto, encarregando-se desta parte as sras. Alice Fischer, Evangelina de Alencar e Stella Ramos e Haydée Baptista, que fez os acompanhamentos.

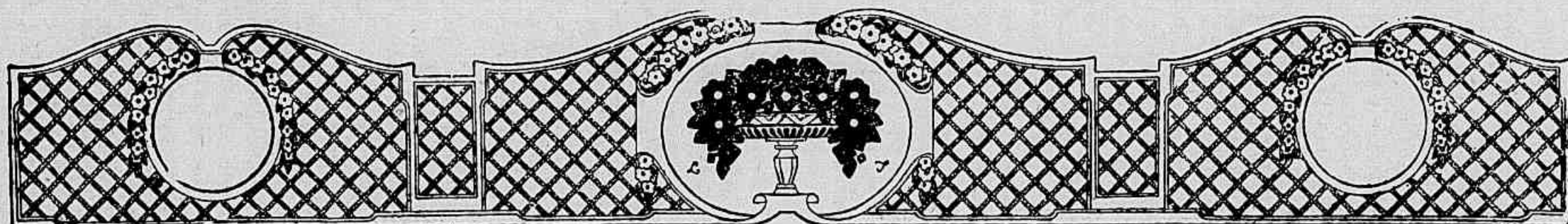
A "season" estival termina...

Petropolis, Theresopolis, Friburgo, Caxambú, Poços, Guarujá despovoam-se. Está finda a estação estival, que, aliás, pode dizer-se, existiu, apenas, na imaginação dos profissionaes da elegancia e da chronica mundana. O verão esteve acariciante, madrigalesco. Teria havido, exclusivamente, uns poucos de dias quentes, o mais foi uma delicia. E o curioso é que, do cotejo diario das temperaturas d'aqui e Petropolis, se via a gente forçada a crer que melhor fôra não se haverem despovoado os bellos palacetes do Rio...

O DIA ELEGANTE

A Segunda-feira:

Não é crível que ainda se possa permanecer em Petropolis e nas outras cidades de verão. O Rio está delicioso amabilissimo. A grande maioria das elegan-



cias, o alto mundo carioca já regressou. Os palacetes e villas das Laranjeiras e Botafogo, os cottages do Flamengo e Copacabana repovôam-se alacremenente. A chronica mundana de S. Paulo annuncia, tambem, o exodo de Guarujá a praia encantadora...

E, demais, a Rio Branco readquiriu o prestigio dos grandes dias. Novamente, se vêm transitar pela admiravel arteria as figuras illustres da sociedade carioca. Já se fala em festas d'inverno: os festivaes em beneficio da reconstituição da Bibliotheca de Lovania, as recepções das damas eminentes, a *Hora* litteraria e os chás da S. B. H. L., na sua nova installação da Avenida...

Hoje, a cidade movimenta-se, fulgura, rescende um perfume deliciosamente demoniaco, feito da mistura de todos os perfumes. Ha toilettes esplendidas, umas de bizzarria audaz, outras simplissimas, mas todas, quasi sempre, admiraveis. Vestem-nas: mmes. Chermont de Miranda, a formosa senhora, cujas recepções deixaram grandes recordações aos vultos da elegancia carioca, reunidos na *season* petropolitana; Rivadavia Corrêa e Alvaro Rodrigues, que descem da sua *limousine* á porta da Lallet; Alberto de Queiroz, cujo irradiante sorriso promette novos deleites de arte nas festas d'inverno; Lamenha Lins, a quem vimos, ás cinco, numa casa de chá, sorvendo, melancolicamente, a aromatica bebida; a condessa de Lopo Diniz; consulesa Germano Boettecher, cujo brilhante espirito encanta uma das suas amigas, que tem a graça de acompanhá-la; Bêbê Lima Castro, que apparenta uma tristêsa impossivel, uma tristêsa que o brilho de uns olhos lindos confissionalmente desmentem; condessa de Affonso Celso, na companhia de quem passeia a bellêsa de mlle. Maria Eugenia; Gustavo da Silveira, cuja figura senhoril abre interjeições admirativas em todas as pupillas; Machado Guimarães (Maria de Nazareth), seguida de suas encantadoras filhas Gilda e Iva Elsa; condessa de Avellar e a formosa mademoiselle Avellar; Esmeraldino Bandeira; Oscar Lopes e Waldemar Bandeira, tendo ao seu lado o encanto de mlle. Regina Moura; Bernardino e Victorino Maia, com quem mlle. Tavares de Lyra (Sophia) toma, risonhamente, o chá, na Cavé; Antonio Azeredo, cujos piedosos projectos, para o programma de festas deste anno, confia á veneranda irmã Paula, de passagem na Avenida; a formosa mlle. Thomé de Saboya (José), em companhia de uma gentil amiga; e muitas outras illustres damas, de cujos brilhos todas as modas recebem a sua maior bellêsa e esplendor...

O perfil

Mademoiselle L. D.

O gracioso cottage, entre lirios amarelllos, rubros, e alvinientes, acha-se collocado naquelle maravilhoso crescente da praia de Copacabana... O espirito encantador de um atheniense vestiu de uma arte amavel essa residencia magnifica. Discorde com a orientação politica dos seus chefes, ou amigos, abandonou a vida parlamentar, e já na tarde seguinte, reconquistado aos seus pendores estéticos, fazia uma deliciosa conferencia sobre a Saudade...

Mlle. é filha desse homem delicado. Nasceu no instante em que o romance polonês impressionava as imaginações occidentaes. O seu nome suave deu-lh'o o *Quo Vadis*?

Nascida de um sonho de artista, ella propria scintilla como um doce milagre d'estesia. Flexivel, subtil, sylphide, de um alvor de luar pompeano, os formosos e ondulados cabellos de ouro derramando-se pelas espaduas de leite, teria inspirado ao genio de Botticelli novas delicadesas e encantos, outras suavidades, ainda mais tenues, ao grupo alado das Graças da Primavera.

FRED.



Mlle. Vera Rodrigo Octavio

A encantadora e desventurada filha do illustre casal Rodrigo Octavio, fallecida em 27 de Março.

...

Satisfazendo os muitos pedidos dirigidos a esta redacção, a secção de "Noticiario Elegante" se desenvolverá progressivamente, de modo a tornar-se o archivo minucioso da nossa vida social e sempre que for possivel documentada pela photographia

Protocolo em sociedade

I — JANTARES — (Continuação)

HA na Belgica e na Allemanha um habito muito pratico, que poupa aos convidados pequenas difficuldades no tocante á espera das carruagens á porta da casa onde se realisa a reunião, alem dos gastos inevitaveis e os inuteis incommodos para os chauffeurs, cocheiros e lacaios, e as possiveis doencas para os animaes; até se evitam desagradaveis hesitações para a sahida. Ao chegarem os convidados o porteiro, ou o creado que abre a porta, indica a hora em que as carruagens devem voltar, dando assim a entender quando deve terminar a reunião.

Mesmo nos bailes da Côte, em Bruxellas, pelo menos no reinado do Rei Leopoldo II, seguia-se esse uso geral.

Para obviar á nossa tradicional falta de pontualidade bastaria, que os convidados mandassem vir as suas carruagens uma meia hora antes da hora marcada.

Aos donos da casa cabe a tarefa muito delicada da collocação dos convidados na mesa, que pode ser rectangular, redonda ou oval. As mesas em forma de I, II, III, devem ser reservadas para banquetes, sendo preferivel fazer varias mezas quando houver maior numero de convidados. Ha entre nós uma certa confusão entre banquetes e jantares, o que dá motivo a anomalias, como veremos depois: o banquete é exclusivamente politico ou de corporações.

Escolhida a forma da mesa trata-se de determinar o logar do dono da casa que é sempre no centro da mesa, olhando para a porta de entrada dos convidados na sala de jantar, ficando a sua senhora de frente delle. Quando, pela disposição da sala isso não fôr possivel, fica o dono da casa no centro da mesa porem dando a sua direita para a referida porta de entrada dos convidados.

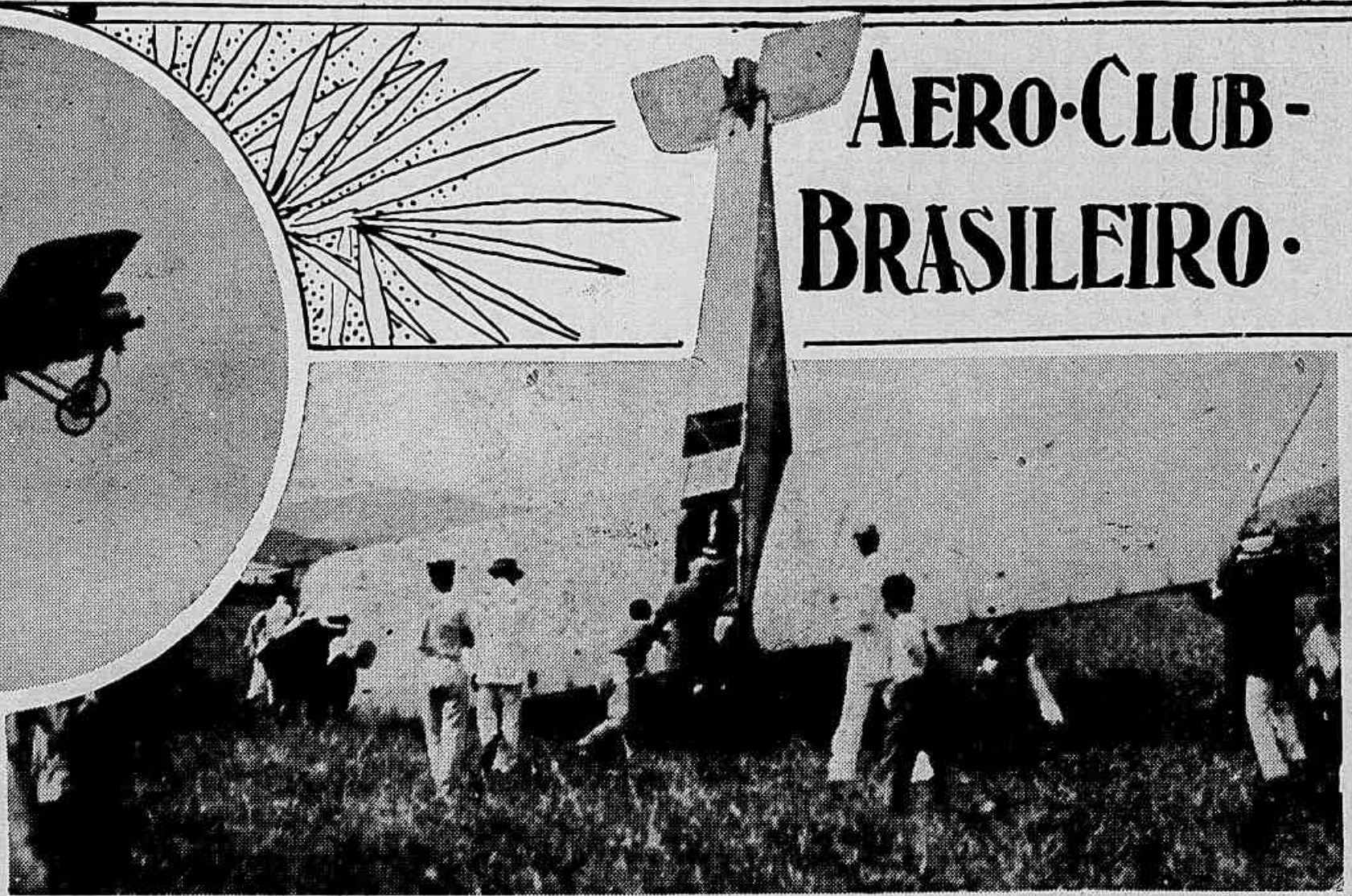
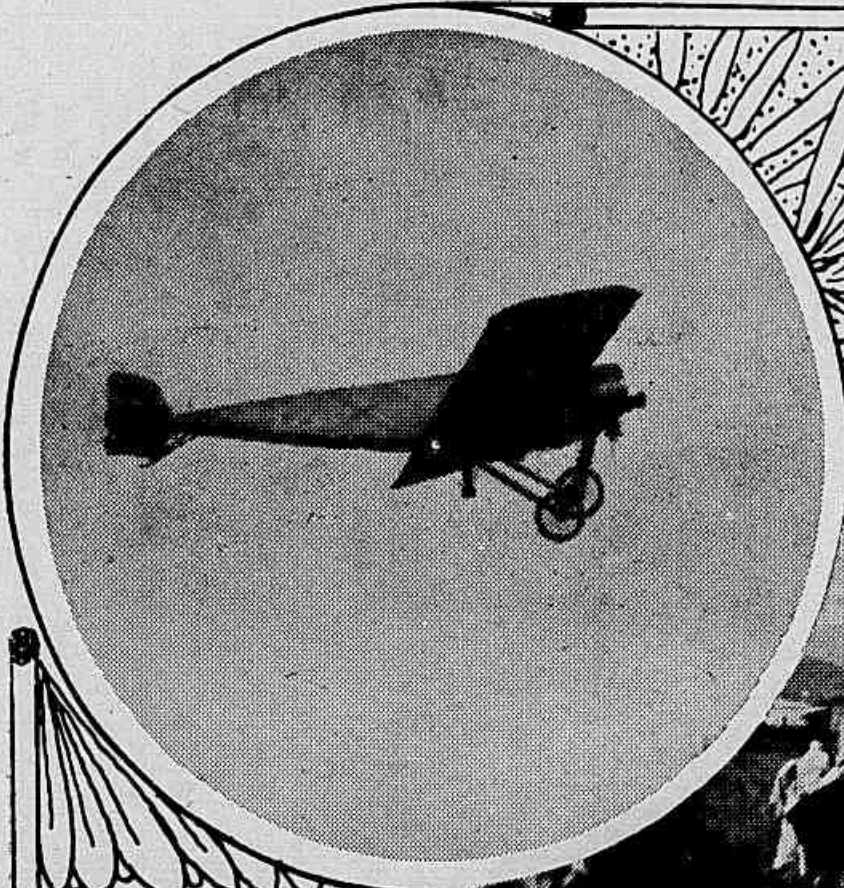
O dono da casa só deve ceder o seu logar ao chefe do Estado e a mais ninguem, mesmo ao convidado de categoria muito elevada. No Brasil uma dona de casa não cede o seu logar á senhora do Presidente da Republica.

Feito isto, numeram-se os cavalheiros pela ordem de precedencia abaixo transcripta, e do mesmo modo as suas senhoras, que guardarão entre si a mesma ordem de precedencia dos seus maridos, alternando com os cavalheiros, sendo, no entanto, independentes uma da outra as duas listas numeradas que se fizerem.

Não havendo senhoras, o dono da casa pede ao cavalheiro mais altamente collocado para sentar-se defronte delle.

RAPHAEL MAYRINCK
(Continúa)

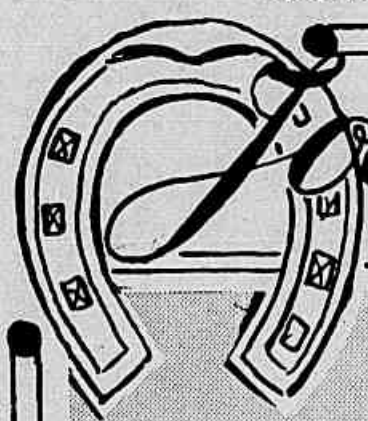
AERO-CLUB- BRASILEIRO.



1—Em pieno voo. 2—O aparelho Morane-Saulnier, em que vooou Darioli depois do incidente da aterrissagem, de que o intrepido aviador sahuiu com leves escoriações. 3—Os

aviadores Tenente Bento Ribeiro e Darioli em companhia dos directores do Aero-Club. 4—Darioli, em companhia do Tenente Bento Ribeiro dirigindo-se para o hangar depois do desastre.

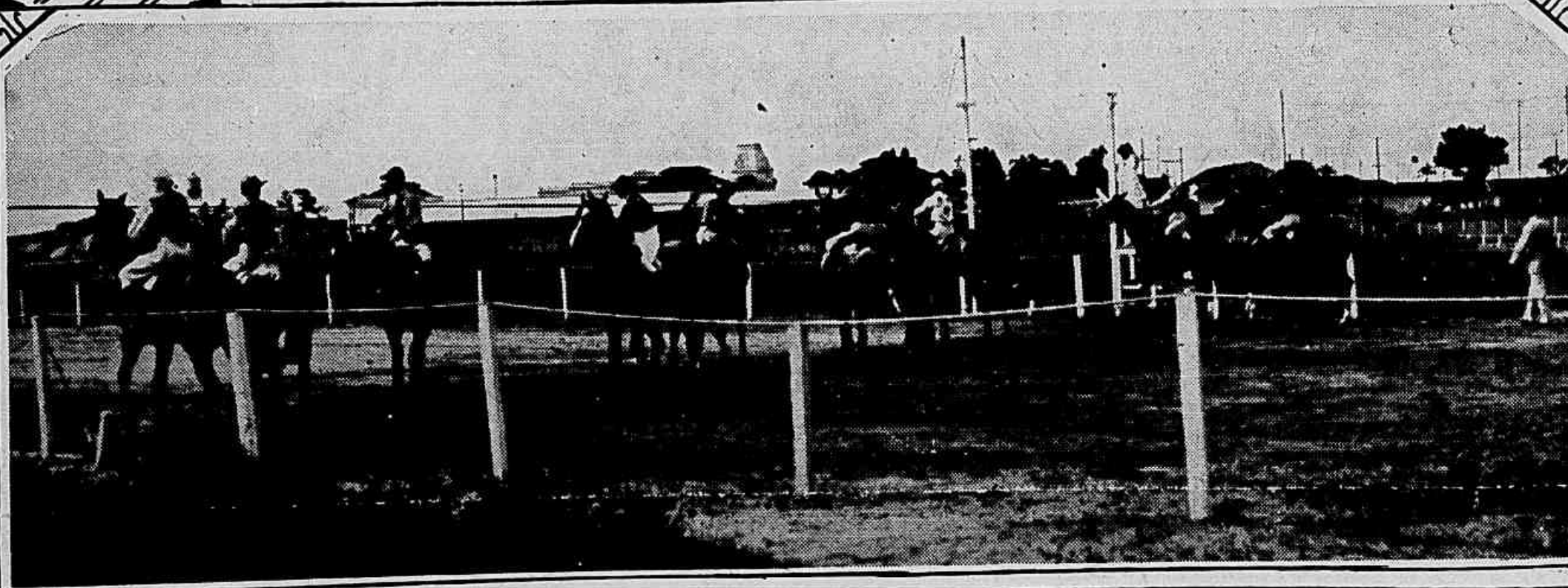




Jockey-Club a 1ª Corrida



1 — Aspecto das tribunas por ocasião da 1ª corrida de Domingo. 2 — JANDYRA, vencedora do pareo E. F. C. B. 3 — ARAUTO, vencedor do grande premio EXPOSITORES. 4 — Sahida do pareo Estrada de Ferro Central do Brasil.





Julio Dantas

Cavalheirismo Portuguez Libretto da Opera "D. Mécia"

HA uns dezoito annos, Oscar da Silva, chegado da Allemanha, onde fizera, no conservatorio de Leipzig, o seu curso de piano, completado em Francfort com as altas interpretações de Clara Schuman, viuva do celebre compositor; — pousára em Lisboa, a instalar-se na vida e, sobretudo, na sua arte muito amada. Pouco depois, por afinidades de espirito e de coração, fazia parte de um grupo de artistas, de mescladas artes — escriptores, caricaturistas, pintores, jornalistas, actores, scenografos, cantores — que, bohemiammente, a si proprios se alcunharam de «grupo luso-penuria», pois, na verdade, se eram ricos de talento, de engenho, de vivacidade, eram tambem minguados de dinheiro! Entre elles havia nomes que são hoje pertença de figuras consagradas: Julio Dantas, Carlos Malheiro Dias, Manuel Gustavo, Chaby Pinheiro, Augusto Pina, Chico Redondo, Leal da Camara, dr. Branco Gentil. Do grupo, morreu o pintor João Galhardo; o caricaturista Celso Herminio — tão original; o dr. Manuel Penteado — tão arguto critico. Foi este litterato que, uma noite, em casa do romancista Carlos Malheiro Dias, o forte prosador, perguntou, á queima-roupa, a Oscar da Silva:

— Porque não fazes tu uma opera portugueza?

O futuro compositor das «Dolorosas», das «Imagens», da «sonata «Saudade», respondeu com voz delicada e olhar suspiroso:

— Se eu encontrasse um bom assumpto...; se eu tivesse um bom libretto...

Ficára-se; e seus olhos de poeta scismavam, sonhavam...

Oscar da Silva queria um tema que estivesse bem dentro do sentimento portuguez, e o exaltasse. O seu affecto, tão fundo ao que era nosso, intensificara-se nos longos sete annos de ausencia saudosa — lá fóra, n'essas estrangeiras terras da Allemanha. Um amor excruciante, como o de Eurico por Hermengarda, ou o amor, nobilitado pelas armas, de um Amadis de Gaula — o Lohengrin do sul — pairavam, vagos, na sua imaginação anciosa.

Estava presente Julio Dantas. Este artista, que n'esse momento encetava, com o exito extraordinario de «O que morreu de amor», a sua ininterrompida car-

reira de triunfos teatraes, vivia, ao tempo, dias inteiros na «Biblioteca Publica», debruçado sobre os livros de linhagens, os nobiliários, os testamentos dos reis, as relações dos enxovaes das rainhas e das infantas, emprazamentos e foraes, — a estudar a indumentária, os costumes e a lingua portugueza medieva, procurando casos raros para dramas e rimances. Com benedictina paciencia, notava, por entre insulsos obsoletismos, termos pittorescos e decorativos e arcaicas estruturas de bom sabor, com que, mais tarde, havia de illuminar, de rutilos vidramentos, essas paginas de prosa, cheias de erudição e de belleza, que o assinalam eminente nas letras nacionaes.

Julio Dantas não respondeu, n'esse momento, ao moço pianista; mas dias depois correu para elle, gaiamente, com esta nova:

— Encontrei o assumpto. Aqui o tens.

E logo lhe expôz, já dramatizado, um episodio de altaneira galantaria, que elle encontrára nas compactas paginas do «Nobiliario do conde D. Pedro», embrechado no titulo XI, que dizia da linhagem dos de Castro domde mais longe se pode saber.

Era uma proeza antiga, de grande dador, que brilhantava, de galhardia lusa, essa agreste cronica de familias, chamada «Livros de linhagens», — espessa de crimes de roussamentos, de incestos, de barganias, onde a mulher é tratada tão despresivelmente, quanto, ao mesmo tempo, é sublimada nas trovas dos Cancioneiros da Vaticana e da Ajuda, por esses amorosos e mesurados trovadores dos periodos affonsino e dionisiano, que se morriam de amor pelas formosas de «bom semelhar», consideradas por elles «O maior bem de quantos Deus quiz fazer».

Tratava-se dos amores de um fidalgo portuguez por uma donzella biscainha; do rapto audaz que o apaixonado commettera em terras cantábricas; da guerra violenta que o pai da raptada, gran senhor, movera contra o raptor — um rico-homem; e da galante resposta dada aos enviados do rei de Castella, quando, na vespera de lhe pôr batalha, este lhe mandára recado de que se preparasse com barreiras, de pedra ou de terra, para a lide que se ia travar.

A resposta do orgulhoso cavalleiro de Portugal, fóra d'esta arte:

— Dizei a vosso senhor que um fidalgo portuguez quando se bate por sua dama não sabe levantar, entre si e aquelles que a elle venham, muros de pedra mas barreiras de sirgo!

E logo convidou os da sua hoste a que descarregassem, de sobre os albardões moiriscos das suas azé-

molas, as arcas encoiradas e d'ellas tirassem ricos pannos com que fizessem uma barreira de brocados de sêda e de maromaques de oiro — na frente da linha da batalha.

Os olhos candidos de Oscar da Silva maravilharam-se ante o painel cavalleiroso de um galante conto da velha era portugueza, a que o tempo comêra as côres mais vivas, bafiando-as com o prestigio da distancia, temperando-as de sabor antigo.

Já o poeta via essa encorpada figura de D. Alvaro Pires de Castro, tão gordo e tão grande, que vestia falifa em vez de loriga, e usava uma delgada varinha de commando em vez de pesado montante. Era obeso como Falstaff, grotesco como De Bergerac, mas bom fidalgo, honrado portuguez, amoroso trovador, e tão mystico que na lide de Sadornim vira o apostolo Santiago acorrer em sua defeza, descendo dos altos ceus, com a espada flamejante. Via este esforçado cavalleiro perder-se de paixão pela linda D. Mécia Lopez, filha de D. Lopo, Senhor de Biscaya, ella que um dia, viuvada, havia de ser rainha de Portugal, entontecendo de amor, até ao feitiço, esse malavindo D. Sancho II, «cego do juizo» por ella; e que, mais tarde, envolta nas intrigas do conde de Bolonha, que preparava a deposição do irmão, teria de ser de novo raptada, agora politicamente, pelo fidalgo Viegas Portocarreiro, do proprio leito do desgraçado rei a quem hoje roubavam a mulher para amanhã lhe roubarem a corôa.

E, então, o artista, para quem os sons são palavras, lançou-se á obra, seguindo o libretto que Julio Dantas escreveu em bem adequados versos — ingenuos como um trovar antigo. Assim Oscar da Silva compôz, de alma enamorada, uma linda novella lirica portugueza, e não uma opera, pois jámais pretendeu outra coisa que não fosse pôr em musica um conto galante.

Tal é a origem litteraria da bella — «D. Mécia» — a amorosa vasca que, n'uma tarde triste, pensando no seu amado D. Alvaro o relembrava assim, n'este cantar á citola:

Desde que o vi
não vi mais ninguem.
O sol dos meus olhos
é d'elle que vem.

No dia em que volte,
como eu serei lêda!
Porei cinta de oiro
e saio de sêda.

Tremendo e chorando,
seu vulto guardei-o,
como hostia de luz,
na paz do meu seio!

Como é portugueza a saudade
de uma biscainha religiosa!

ANTERO DE FIGUEIREDO.



A proposito de Guilherme II e a Cidade da Paz, *A Noite* saiu-se com esta:

«Para Guilherme II a voz do mundo hoje o condena sem augúrios de uma mais infima reabilitação.»

Até parece redigida pelo Conselho Superior do Ensino!

As conspiratas voltaram á ordem do dia, ou melhor á desordem do dia. Foi descoberta mais uma no lugurio de um Snr. Dias Martins.

Agora é o Dias que está fóra da ordem.

O *Imparcial* publicou uma porção de *balatas* colhidas em despachos relatorios de antigas autoridades policiaes.

Grande admiração. O Congresso Nacional foi o primeiro a dar o exemplo!

As ultimas chuvas continuaram a adiar as representações do Theatro da Natureza.

Ensaia-se pachorrentamente, para matar o tempo, uma outra peça: *Tempo será!*...

Os submarinos allemães continuam a torpedear navios neutros desarmados.

Ultimamente foi victimado o vapor hespanhol *Vigo*.

E' a pirataria em vigor.

Um caso de fallencia complicado:

«O negociante deu os bens da massa em garantia e, depois, passou-os a cobres». Estava com a mão na massa e reduziu tudo a outra especie de massa.

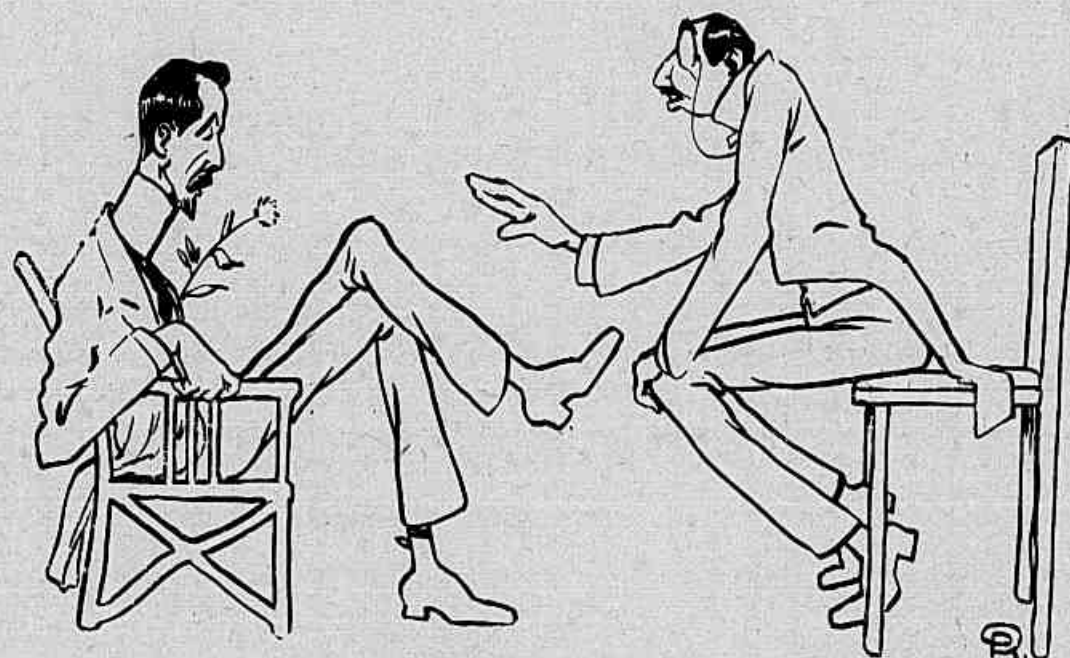
Que massada!

No concurso para os cargos de medicos escolares houve accusação de *cólta* nas provas escriptas.

E' natural, os candidatos já vieram *collados* da escola.

O Congresso dos financistas em Buenos Aires atirou-se a bailes, banquetes e recepções.

Se o tempo permittir os congressistas tratarão de outra cousa.



— O *protocollo*, conforme se confirma na *Morgadinha* de Val Flôr é o *conjuncto* de regras da etiqueta e V. Ex. bem sabe o que é *etiqueta*.

— Sei. E' *rólulo*.

D. Quixote ao Gastão Bo squet: — Que analogia ha entre o novo caes e a Maternidade?

— Assim, á queima roupa não vae...

— E' simples: No caes ha obras do porto na Maternidade ha obras do parto.

Entre politicos:

— Parece que a eleição senatorial *gorou*.

— Porque deu á *casca*?

— Porque a apuração não está clara.

— O eleitorado que *gema*. E os candidatos fiquem *chocados*.

Um trocadilho indigesto, em um collegio primario.

A professora manda o peliz ao quadro negro e pergunta:

— $2+2$ quantos são?

— Quatro, respondeu o pequeno.

— E 2×2 ?

— Quatro.

— O resultado em ambas as operações é o mesmo?

— Sim, senhora.

— Tome o giz e *prove*.

Ahi o peliz enguliu o giz e se não fosse a Assistencia estaria estragado.

Entre incipientes na Escola de Bellas Artes:

— E' isso, meu caro, a Arte vae mudar de face...

— Ah! Então as télas vão ser voltadas para a parede?

Lido em um artigo de jornal habdomadario, politico e suburbano:

— «A eleição do Snr. Irineu é fatal!»

Longe vá o agouro, deve ter observado o Irineu.

Já repararam que os contrabandos descobertos com mais frequencia são os de meias de sêda e baralhos de cartas de jogar?

Entretanto ha quem dê as cartas em outros generos de contrabando... e com pés de lâ.

O theatro indigina acaba de ser enriquecido com a entrada de uma nova actriz, que deixa as outras atraz, segundo a opinião de um critico atroz. Ainda não estreou e já foi, a joven Emma Póla, entrevistada pelos jornaes.

Por esse andar teremos, *avant la lettre*, uma actriz de estylo empolado.

A Caricatura, a Ironia e a Sátira ao serviço da Guerra



1 — VIVA A FRANÇA! (composição de Abel Faivre.)

2 — O SUITÃO DA TURQUIA, APAVORADO : — «Sim, tu me elevas a grandes alturas, mas o tombo será mortal!» (do «Furber»).

3 — A INCOMPREHENDIDA ! (composição de A. Guillaume).

A HEROINA !...

Em Grenelle, a um humilde lar, chega de repente a noticia que o regimento onde está o marido, se encontra em Gagny, ás portas de Paris. Comovida mas corajosa, ella informa-se da maneira d'ir até alli ; chega com a creança nos braços, e procura o regimento, feliz com a idéa da surpresa que vae causar. Encontra-se com o ajudante. Interroga-o.

Elle pallido, hesita, e com a voz mais compadecida :

— Tenha animo. Seu marido morreu como um valente, ao meu lado... uma bala atravessou-lhe o peito. Todos nós o estimavamos...

A pobre mulher fica uns instantes como ferida pelo raio. O olhar vela-se-lhe... Mas por fim reage. E n'um gesto magnifico ergue o filho para o céu e exclama :

— Mesmo assim... viva a França !



ASPECTOS DO RIO

Instantaneos colhidos ás portas do Cine-Palais, o cinema preferido pela sociedade elegante.

AS FILIGRANAS

Portugal conta entre as suas industrias mais bellas, mais tradicionais e mais caracteristicas: — a dos tapetes d'Arrayolos, a das rendas de Villa do Conde e de Peniche, a dos linhos de Guimarães, a das ceramicas de Vianna, das Caldas e de Aveiro — a das filigranas, essas translucidas e maravilhosas espumas d'oiro.

Sem serem originarias do paiz a que nos prendem estreitos laços de sangue e de sentir, pois que este ramo subtil de ourivesaria teve eclosão deslumbrante no Oriente, trabalhadas pelas mãos de milagre dos consummados aurifices do Portugal da Renascença, ganharam um character novo, maior leveza, delicadeza mais subtil.

Modernamente, então, teem os habeis lavrantes d'oiro lusitano imprimido a estas joias um encanto incomparavel.

Estylisando ainda mais as suas fórmãs graciosas; juntando aos velhos themes motivos d'uma rara originalidade; enriquecendo-as com sabias adaptações da mais surpreendente arte arabe, os ourives portuguezes fizeram d'essa joia adorno preferido das damas da melhor Sociedade de Lisboa e Porto.

A bem conhecida Casa Exportadora de Vinhos do Porto Adriano

Ramos Pinto, escolhendo joias encantadoras de filigrana doirada para distribuir como precioso brinde aos seus innumerados Clientes do Brasil, é credora de todos os applausos.

Nós, que fomos mimoseados pelos importantes negociantes portuguezes com algumas peças de filigrana, delicadeza que muito nos penhorou, podemos dar amplo testemunho do irresistivel encanto d'estas joias de milagre.

Agar e Ismael

A ingratidão, o egoismo e a cobardia do pae arremessara os pobres para o deserto. Deviam viver sem protecção, sem consolo, com o profundo desalento que inspiram as grandes injustiças. Com os seus braços debeis, a sua inexperiencia, a fraqueza da mulher e da creança tinham de lutar contra os elementos hostis, tirar os meios de vida da aridez que os cercava.

Emquanto o filho estimado dormia com a cabeça apoiada no regaço d'Agar, ella olhava sombriamente a extensão desolada e ameaçante do deserto.

Como sahir d'aquella situação? Onde encontrar agua e tamaras para Ismael? Onde a gruta, uma arvore que o resguardasse?

O desespero murmurava-lhe ao ouvido:

— Para que é que soffres? O que é uma mulher e uma creança? O melhor é morrer!

Abatida fitou o filho, contemplou as suas feições finas e graciosas, a sua nobre cabeça, o rosto intelligente e resolveu salva-lo, fosse de que maneira fosse.

A alma valorosa da mãe recuperou toda a sua energia. Com os olhos illuminados e a voz inspirada assim falou ao Futuro:

— Viverás, Ismael. Serás forte, os debeis têm uma missão, e o forte deve ajuda-lo a cumpri-la. Farás leis para que se executem e pregarás com o exemplo.

.....
Ismael viveu. Foi intelligente e forte.

Consideravam-n'o bom.

Mas a energia que o salvara no deserto, que o amparara durante tantos annos, decahira. Agar tinha envelhecido.

O punhado de tamaras e o vaso d'agua necessarios para ella eram um encargo muito grande para Ismael.

Muitas vezes se esquecia das tamaras sobre uma pedra, onde as devoravam os passaros, e o vaso d'agua entornava-se em quanto Ismael ria com os seus amigos.

E Agar comprehendeu que a ingratidão d'Abrahão não fôra a mais negra nem a mais cruel no mundo...

HEITOR PEDRO BLOMBERG.



Selo Mundo fora

O Brasil e a guerra nos mares

A notícia da perda do «Avon», o magnifico paquete da Royal Mail, que ha oito an-

nos estava incorporado na frota mercante inglesa da America do Sul, vem desfalar ainda mais sensivelmente o espolio sobrevivente das brilhantes carreiras de navegação de outr'ora. E' o terceiro navio da classe A que a guerra arrebatou á Mala Real Inglesa. Estão já no fundo do mar o «Asturias», o «Alcantara» e o «Avon»... Se juntarmos a essas perdas sensibillissimas, a do sumptuoso «Tubantia», do Lloyd Real Hollandez, e a do imponente «Cap Trafalgar» da Hamburg Sud Americanisch Linie, teremos de reconhecer que o Brasil tem sido gravemente prejudicado nas suas communições com a Europa, vendo-se privado para sempre da visita dos principaes palacios fluctuantes que fundeavam periodicamente na bahia da Guanabara. De facto, o «Alcantara», o «Tubantia» e o «Cap Trafalgar» eram os paquetes de maior tonelagem e de maior esplendor de decoração das fro- tas que no Atlântico Sul mantinham as tres grandes companhias rivaes. E' difficil prevêêr até que extrema e alarmante penuria de navegação nos deixará reduzido o prolongamento da guerra, que leva geitos de ainda longinquo epilogo.

...

Um cavalleiro da Legião de Honra

MERECE um registo especial a noticia transmitida de Paris de que a um voluntario brasileiro foi concedida, por actos de bravura em combate, não só a Cruz de Guerra, com palma, como tambem a Cruz da Legião de Honra, da ordem gloriosa fundada por Napoleão para premiar o heroismo dos seus officiaes e soldados e cuja

placa o Imperador das Batalhas, o novo Cesar da idade moderna, sempre trasia no uniforme, sobre o coração. Foi no sr. Christiano Klingelhofer que recahiu a honra de representar a bravura e a intrepidez brasileiras. Alistado na Legião Estrangeira desde o inicio da guerra, o sr. Christiano Klingelhofer vem desde 1914 prestando serviço no Exercito Francez, jogando a vida pela victoria da França e assim praticando na mais tremenda guerra da Historia a inata vocação militar que sempre alardeára. Nascera para ser heroe. O Destino favoreceu-o, dando-lhe um palco grandiosamente tragico para a exhibição da sua indole guerreira.

...

Mad. Bovary e a sua creada

ACABA de morrer em França uma creada celebre na litteratura: a creada de «Madame Bovary», o famoso romance de Flaubert.

Chamava-se Agostinha Ménage e era natural da Normandia. Servira ha mais de setenta annos Madame Delfina Delamare, prototypo de Emma Bovary. No romance Agosti-

nha chama-se Felicidade, como se sabe, e não desempenha um papel muito em evidencia, como tambem não é dos mais apagados. A nonagenaria, antes de morrer, conversou com Madame Georgette Leblanc-Maeterlinck, que, depois de visitar os sitios que servem de theatro ao romance, escreveu um folheto com o titulo: *Un pèlerinage au pays de Madame Bovary*.

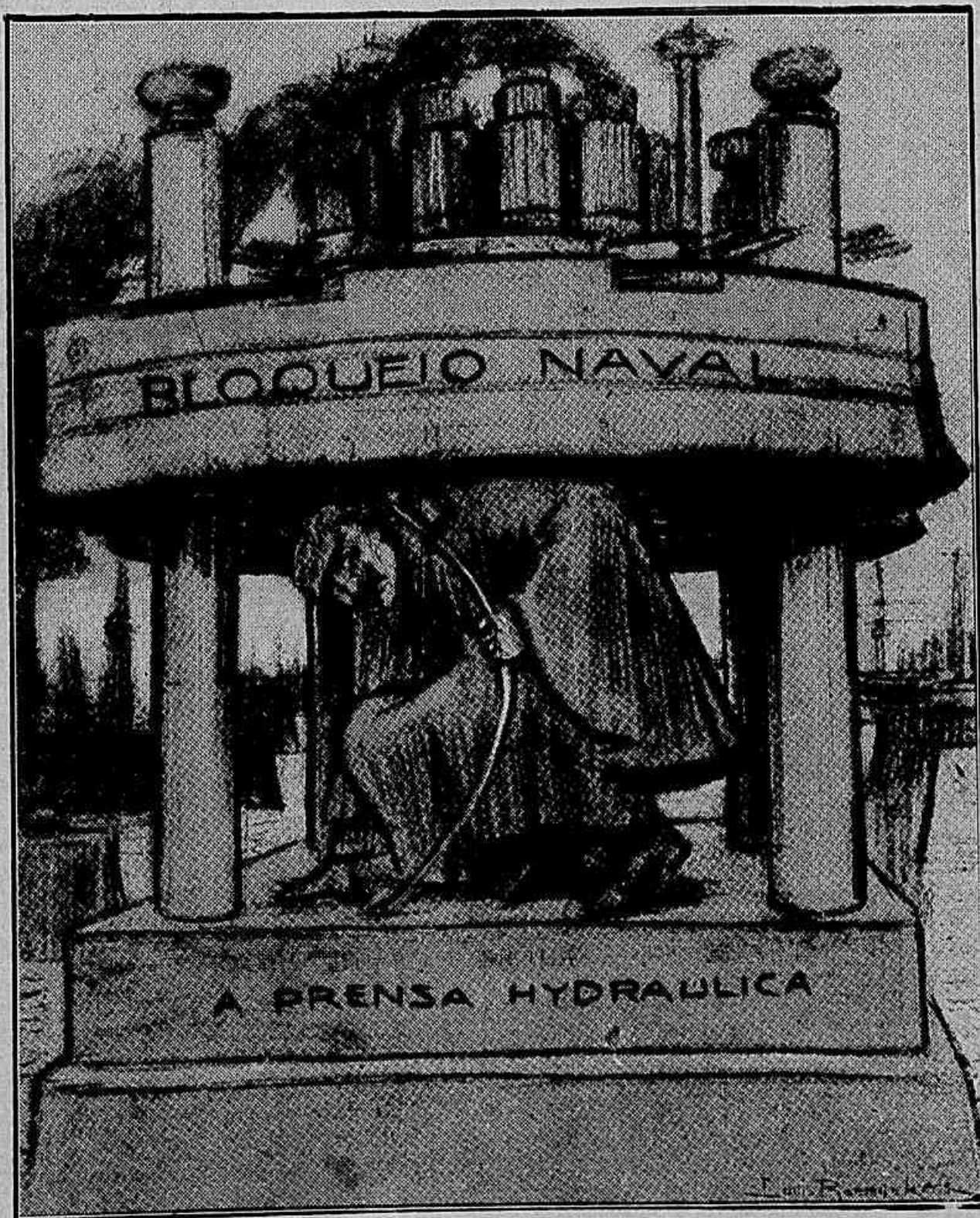
Facto curioso: tudo é exacto na aventura aproveitada por Flaubert. Todas as personagens viveram e as suas descripções são um modelo de fidelidade. A filha de Emma Bovary, isto é, Bertha Delamare, casou com um pharmaceutico de Rouen, e vivia retirada, parecendo fugir do mundo; raras vezes se mostrava em publico. Póde suppôr-se quanto a recordação de sua mãe pesaria na sua existencia.

Felicidade, ao contrario do que succede com a Juliana — a creada do «Primo Basilio», de Eça de Queiroz, — não se cansava de elogiar a ama. Mme. Leblanc-Maeterlinck foi encontral-a na sua risonha casinha de Saint-Germain-des-Es-sours, a tres leguas de Ry. Apesar da sua idade avançada, Felicidade gosava de excellente memoria.

— A minha patrôa — disse — era tão bonita! Tão boa! Tão meiga!... O doutor não era mau, mas não era feito para ella, uma tão linda rapariga! Tão delicada! Tão bem educada!... A senhora mais formosa do departamento. Tinha uma voz tão carinhosa que dava vontade de juntar todas as palavras que proferia!

Assim Emma soubera fazer-se estimar da sua creada, que confessa, para falar a verdade, algumas cumplicidades de somenos importancia.

— Ella aborrecia-se tanto, a pobre pequena! declara. — Que quer, era nova! Se a visse lançar-se ao pescoço do seu namorado, quando vinha de manhã. «Leva-me contigo, dizia-lhe, leva-me contigo, se não queres que eu morra!» E elle respondia sempre: «A'manhã!» Era sempre a mesma coisa.



Composição allusiva ao bloqueio maritime da Allemanha, pelo celebre artista hollandez Raemackers.

Crianças



- 1 — Yoya, Yá e José, filhinhos do Dr. Randolpho Chagas.
2 — O pequenino Sergio, nascido em Lisboa, no dia 20 de Maio do anno passado, filho do sr. Conselheiro da Embaixada do Brasil, Dr. A. Velloso Rebello.
3 — Ruy, filho do nosso colega da imprensa sr. Renato Vianna.

Uma conversão debaixo de fogo

«Um dia, na trincheira, corre que o coronel, amado por todos como um pae, cahira ferido a alguns metros do inimigo. Meus filhos, disse o commandante, não o podemos deixar entre as mãos d'elles! E requesita alguns homens de boa vontade para ir busca-lo sob o fogo do inimigo. Um grupo já se lançara n'essa pesquisa, mas o fogo é tão violento, tão intenso, que o commandante renuncia a expôr a sua diminuta força a um aniquilamento certo.

— No entanto, se um de nós ousar affrontar a morte? acrescenta elle.

E eis que um rapaz novo avança. Chorando, o commandante abraça-o. E o voluntario corre, sob uma chuva de balas, quatro das quaes lhe atravessam o uniforme e duas o kepi. Passára milagrosamente por entre os projectis. Agarra o coronel ferido, leva-o, volta. As balas assobiam raivosas, quando proximo da trincheira já, cahe com o seu fardo. Todos os que seguiam com anciedade o sublime drama, correm para o grupo ensanguentado. O joven heroe apenas está ferido. Elle e o coronel estão, enfim, livres de perigo.

Quem era esse valente soldado? Dil-o um tenente que, enquanto os medicos pensam o joven soldado, se lhe deita aos pés:

— Senhor abbade, ha muito tempo que deixei de crer e de praticar a minha religião. Acaba de me converter. Peço-lhe, diante dos meus soldados, que me confesse.

E o joven soldado ferido lança ao tenente a absolvição, na presença dos soldados cuja emoção chegou ao rubro.

Este Padre é professor no Instituto S. Felix de Beaucaire. E' o Padre Teulade.

A um octogenario que estava doente, recommendavam que consultasse algum medico:

— N'essa não caio eu. Quero morrer de morte natural.

Nietzsche e o genio francez

Agora que, a proposito da lucta européa travada, se desencadearam entre os varios paizes justas animosidades, e por vezes exaggeradas apreciações como as que tro-

caram, no inicio do conflicto, intellectuaes allemães e intellectuaes francezes, não deixa de ter interesse ver como estes se tratavam reciprocamente antes de 1914.

N'uma traducção franceza do ultimo escripto do celebre pensador allemão Nietzsche, o *Ecce homo*, auto-biographia muito notavel, em que o grande philosopho se apresenta altivamente como o mais profundo pensador e o mais eminente escriptor de todos os tempos, e que é seguida das poesias por elle deixadas, encontramos a mais absoluta admiração pela civilização franceza.

Escreve Nietzsche:

— «Não creio senão na civilização franceza e todo o resto a que na Europa se chama cultura parece-me um mal entendido, para nada cizer da civilização allemã...

Os raros cesos de alta cultura que encontrei na Allemanha eram todos de origem franceza.»

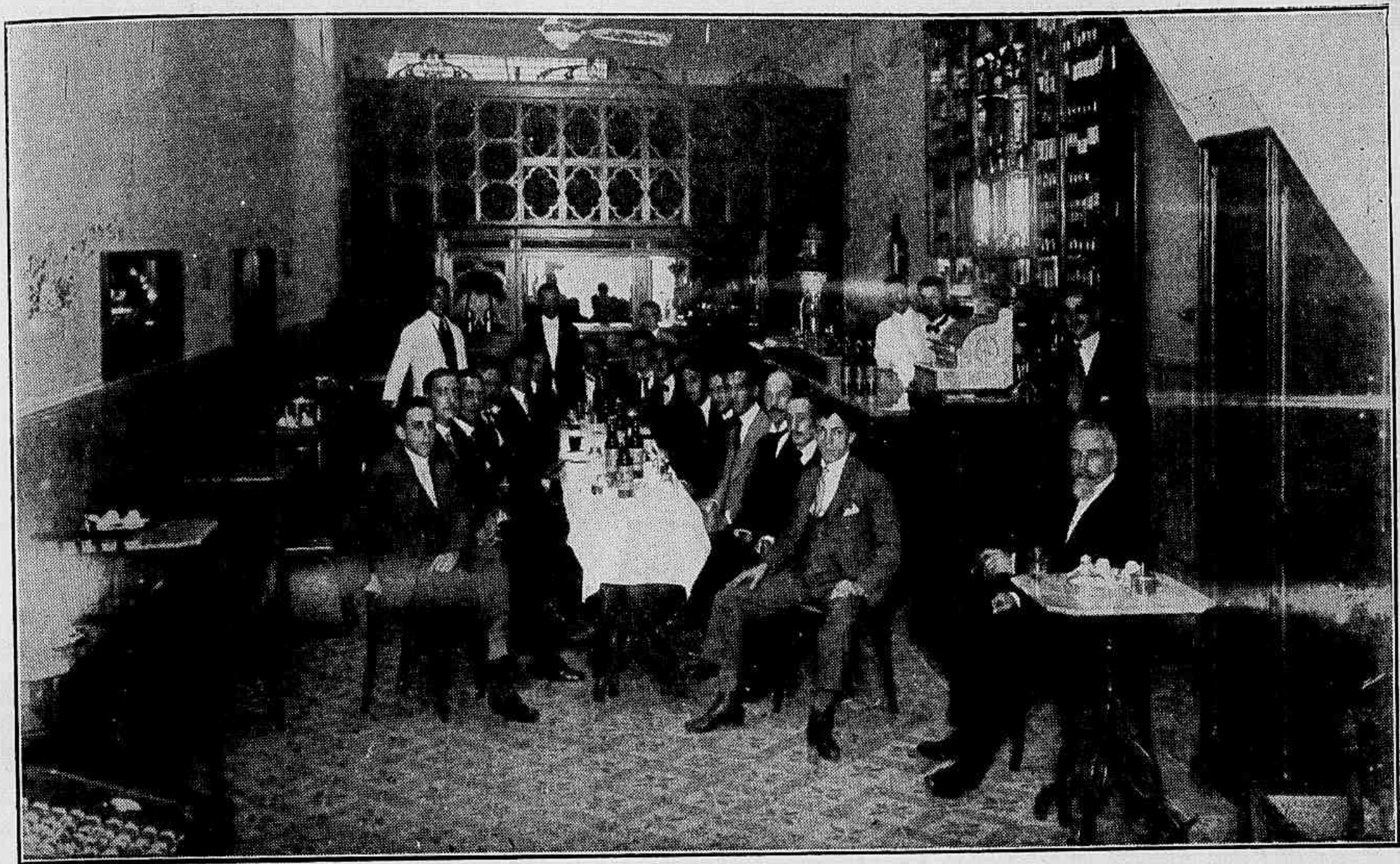
§

Entre amigas, uma das quaes acaba d'enviuvar.

— Que bem te fica o luto!

— É a primeira vez que meu marido faz com que eu traga um vestido a meu gosto.

CAFE' E BAR 1º DE MARÇO



Com o titulo acima inaugurou-se no dia 28 do mez findo, á rua Primeiro de Março, n. 31 um magnifico café e bar, dos Srs. Torres & Morena, dois jovens e considerados negociantes.

O acto da inauguração foi solemnemente festejado, comparecendo muitas pessoas, entre as quaes varios representantes da imprensa. A todos os presentes foi offerecida uma lauta meza de doces e bebidas finas sendo levantados varios brindes aos Srs. Torres & Morena que foram muito felicitados.

O Sr. Falcão, estimado gerente do mesmo estabelecimento, agradeceu em nome dos proprietarios os brindes que foram erguidos. Aos Srs. Torres & Morena desejamos todas as prosperidades.



No dia 1.º do corrente inaugurou-se a **Fabrica de Cerveja Cosmopolita**, que foi installada no numero 9 da praça Duque de Caxias.

São seus proprietarios os Srs. Dominguez & Rodriguez, nomes muito conhecidos, que por si só é uma garantia de successo para o novo estabelecimento, que está montado com todos os requisitos do conforto e da hygiene.

Nesse ponto a **Fabrica de Cerveja Cosmopolita** não teme confronto e nisto estão sobretudo os bons augurios do seu futuro. Clara e arejada com bellissima decoração interna, devido aos pinceis dos artis-

tas Justino Migueis e Gion Baptista Maggia. A inauguração foi assistida por muitas pessoas, representantes da imprensa, mostrando-se todos excellentemente impressionados pelo tratamento que receberam por parte dos referidos negociantes.

Aos presentes foi offerecida uma excellente mesa de doces finissimos e a todos foi offerecida uma taça de champagne, sendo levantados diversos brindes.

VESTUARIOS PARA CRIANÇAS

TEC DOS TODOS OS GENEROS

Escala completa para as idades de: 3 a 12 annos

A maior variedade que é dado apresentar-se pode ser vista e admirada no

“O TOMBO DO RIO”

RUA URUGUAYANA, 3  ESQUINA DA RUA DA CARIOCA
PARADA DE BONDS

Vestuários para preços de 4\$000 para cima

UMA OBRA NOTAVEL

DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS

30 Dictionarios n'um só volume

A obra compõe-se de um grosso volume de mais de 2.000 paginas nitidamente impressas,
encadernado em carneira

Preço excepcional 10\$000

Pelo Correio mais 1\$000 para o porte e
registro

Pedidos á administração da “Revista da
Semana”

ROMANCES POPULARES ECONOMICOS

LINDAS CAPAS A CORES

Cada volume de 200 paginas approxima-
damente, 1\$000

Pelo Correio mais 200 réis para o porte

A collecção de 12 romances 10\$000 e mais 1\$000 para
o porte do correio.

A ESCRAVA ISAURA — Por Bernardo Guimarães —
1 vol. de 256 pags. HISTORIA DE UM BEIJO — Por
Pérez Escrich — 1 vol. de 208 pags. OS LADRÕES DA
HONRA — Por Pérez Escrich — 1 vol. de 160 pags.
PAULO E VIRGINIA — Por Bernardin de Saint-Pierre
— 1 vol. de 160 pags. A DAMA DAS CAMELIAS — Por
Alexandre Dumas — 1 vol. de 254 pags. O VESTIDO DE
NOIVADO — Por Alexandre Dumas — 1 vol. de 158
pags. O MARTYRIO DE UM ANJO — Por Alexandre
Dumas — 1 vol. de 136 pags. ROMANCE DE UM MOÇO
POBRE — Por Octavio Feuillet — 1 vol. de 176 pags.
A MORENINHA — Por J. Manoel de Macedo — 1 vol.
de 160 pags. UM DRAMA D'AMOR — Por Xavier de
Montépin — 1 vol. de 188 pags. LIVRO COMPLETO
DOS SONHOS — Seguido de cartomancia ou arte de ler
o futuro nas cartas — 1 vol. de 128 pags. SECRETARIO
COMPLETO DOS AMANTES — Contendo variados mo-
delos de cartas, telegraphia dos namorados, dictionario
das flôres, etc., etc.

Os 12 volumes 10\$000 e mais 1\$000 para o
porte do Correio

Pedidos á COMPANHIA EDITORA AMERICANA

12, Praça Gonçalves Dias, 12

NOTA. — Estas edições são de consignação e não
editadas por esta Empresa.

~~PÓS DE ARROZ CAROS E
DE CAIXA ENFEITADA
...NÃO ME AGRAVAM!...~~



Prefiro o
LADY que é o
melhor e não
é o mais caro.
Adherente, me-
dicinal e muito
perfumado.

Caixa 2\$500,
pelo correio
3\$200.

Vende-se em
todas as casas
e no deposito.

Perfumaria Lopes

Rua Uruguayana, 44 — Rio

EXPOSIÇÃO PERMANENTE
93, RUA DO OUVIDOR, 95

Pedro Martins & Co.

SELIARIAS FINAS

REPORTE PARA OS ESTADOS



Pequeno Anúncio e Informação Útil



SAQUES

Sobre Portugal, Hespanha, Italia, França, Londres, etc.

ZENHA, RAMOS & C.

Rua Primeiro de Março n. 73



Em todas as "Leiterias Bol" encontra-se á venda a sua optima "Manteiga Bol" fresca, fabricada com creme pasteurizado, de fino aroma, agradável paladar e isempta de microbios e germens nocivos.—*R. Ferreira Leite.* — Telephone 509, Norte. — Casa Matriz, R. Gonçalves Dias, 73.

Leiteria Minerva. — Leite pasteurizado, manteiga especial, com e sem sal. — Rua do Cattete, 311. — Telephone n. 1.541.

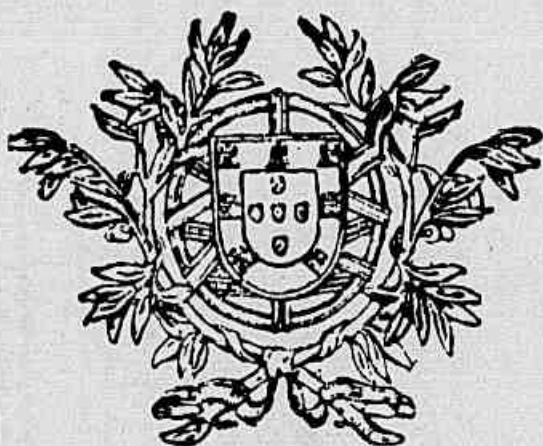


Cascata—Café e Restaurant
—O maior estabelecimento no seu genero da America do Sul.—
Almoços e jantares especiaes.—
Café superior.—Bebidas de primeira qualidade.—*S. F. Teixeira,* 66, rua do Ouvidor, 68. — Telephone 103, Norte.

Um optico mostra a um freguez um enorme binoculo para theatro. Mas deixa-o cahir das mãos, e aquelle, levantando um pé, exclama :

— Com os diabos ! Fez-me ver as estrellas ?

— E' o melhor reclame para lhe provar como é bom !



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Séde em Lisboa — Fundado em 1864 — Capital 12.000 contos fortes

Saques á vista e a praso sobre todos os paizes. Depósitos á ordem e a praso ás taxas mais vantajosas do mercado.

Empréstimos caucionados. Descontos, cobranças e todas as operações bancarias.

Filial no Rio de Janeiro, RUA DA QUITANDA — ALFANDEGA.

Agencia na Cidade Nova, PRAÇA 11 DE JUNHO.

FUMEM MISTURA ALLEN
Assembléa, 106

Canto de Gonçalves Dias

Charutaria Allen

CONSELHO PARA BELLEZA

Lait Hygiénique
Daisy

Unico para manter a epiderme em perfeito estado de hygiene e BELLEZA

Rua Ouvidor, 165, 1.º andar—*Rio*

EMANUEL

Coiffeur pour Dames

Generos alimenticios. — Bons e baratos. — Praça José de Alencar. — Colombo.

PEROLAS...

Por uma professional, enfiam-se collares de perolas á vista dos freguezes na joalheria

ISIDORO MARX

138, Ouvidor, 138

FABRICA DE PLACAS ESMALTADAS

Para nomenclatura de ruas —
Numeração de predios e reclames



FUNDAÇÃO INDIGENA
Rio de Janeiro

O seu MAL
está ahí!



Tome sem demora
TAYUBAYTÉ
ELIXIR ESTOMACAL

KOLA SOEL

Dá vida e vigor. E' o melhor tonico. Depósitos: Araujo Freitas & C. rua Ourives, 88 e Pharmacia Marques.

PRAÇA TIRADENTES, 40-42
RIO DE JANEIRO

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL — Companhia de Loterias Nacionais do Brasil

HOJE SABBADO, 15 DE ABRIL (A's 3 horas da tarde—325—11ª

50:000\$000

Inteiros por 6\$400, em oitavos

Agentes **Geraes, Nazareth & C.**— Rua do Ouvidor, 94, Caixa 817, Teleg. LUSVEL

TOLUOL

Cura losses, bronchites, etc., em 48 horas. Depósitos: Araujo Freitas & C. Rua dos Ourives, 88 e Pharmacia Marques,

PRAÇA TIRADENTES, 40-42

RIO DE JANEIRO

GOIABADA PESQUEIRA
NOVA

Lata 900 réis

Casa Portuguesa Joe

40, Rua da Assembléa, 40



INSTITUT PHYSIOPLASTIQUE (Soins de Beauté)

Succursal do INSTITUT PHYSIOPLASTIQUE DE PARIS
RUA URUGUAYANA, 41 (1.º andar)

Dirigido por Mme. B. DA GRAÇA
Tratamento scientifico da Belleza pelos processos mais efficazes sem recorrer absolutamente a causticos.

Hygiene e conservação da cutis, extincção de cravos e espinhas; massagens manual e vibratoria habilmente praticadas para combater as rugas, papada, etc. Electrolyse para a completa extincção dos pellos. Este INSTITUT é depositario dos melhores productos que existem em Paris não só para tratamento como tambem para o embelezamento do rosto.

Sortimento completo e unico de mascaras e aparelhos de bor-racha e outros para modelagem do rosto.

SALON DE COIFFEUR

Especialidade em tintura de cabellos—Postiches d'art

FACTOS E NÃO PALAVRAS

O que as imitações *perigosas* promettem mas não dão — o Vermifugo «Tiro Seguro», do Dr. H. F. Peery, *garante*, porque é o unico genuino, propriedade exclusiva da Wright's Indian Vegetable Pill Co.

O Vermifugo «Tiro Seguro», do Dr. H. F. Peery, não contém «santonina» em sua composição. A sciencia medica já demonstrou á evidencia o grande perigo da «santonina» sob qualquer fôrma: como xarope, em medicamentos, ou como Vermifugo.

Convém tomar cuidado, porquanto teem occorrido numerosos casos de envenenamento por «santonina», mesmo tomada sob conselho medico. Ministrada a creanças ás vezes causa a cegueira e outras vezes até a morte.

Não compre nem empregue outro Vermifugo se não o «Tiro Seguro», do Dr. H. F. Peery, unico genuino, propriedade exclusiva da Wright's Indian Vegetable Pill Co., garantido para a destruição das lombrigas e solitarias, e completa extincção do fóco d'onde ellas se geram.

Vende-se em todas as drogarias e principaes pharmacias do Brasil.

Wright's Indian Vegetable Pill Co.

372, PEARL STREET

NEW YORK, E. U. DE A.



TONICO CAPINETTE

Fortalece a raiz
do cabello, evita a
queda,
elimina a caspa,
dá brilho e
conserva sua cor
primitiva.



Borzeguins de camurça branca pel-lica envernizada 20\$, 22\$ e 24\$.

ULTIMA MODA

Borzeguins de casimira, gaspea de pellica envernizada, 16\$, 18\$, 20\$ e 22\$

Grande liquidação annual de diversos calçados

BOTA FLUMINENSE

109, Rua Marechal Floriano, 109
Canto da Avenida Passos



Casimira e pellica envernizada imi-tando polaina 20\$, 22\$ e 25\$.



Jornal das

Famílias

N.
33

Modas, Costumes e bordados. A vida no Lar, Receitas e Conselhos praticos,
Economia Domestica, Hygiene de Belleza, Alimentação

15
4
1916

MODAS

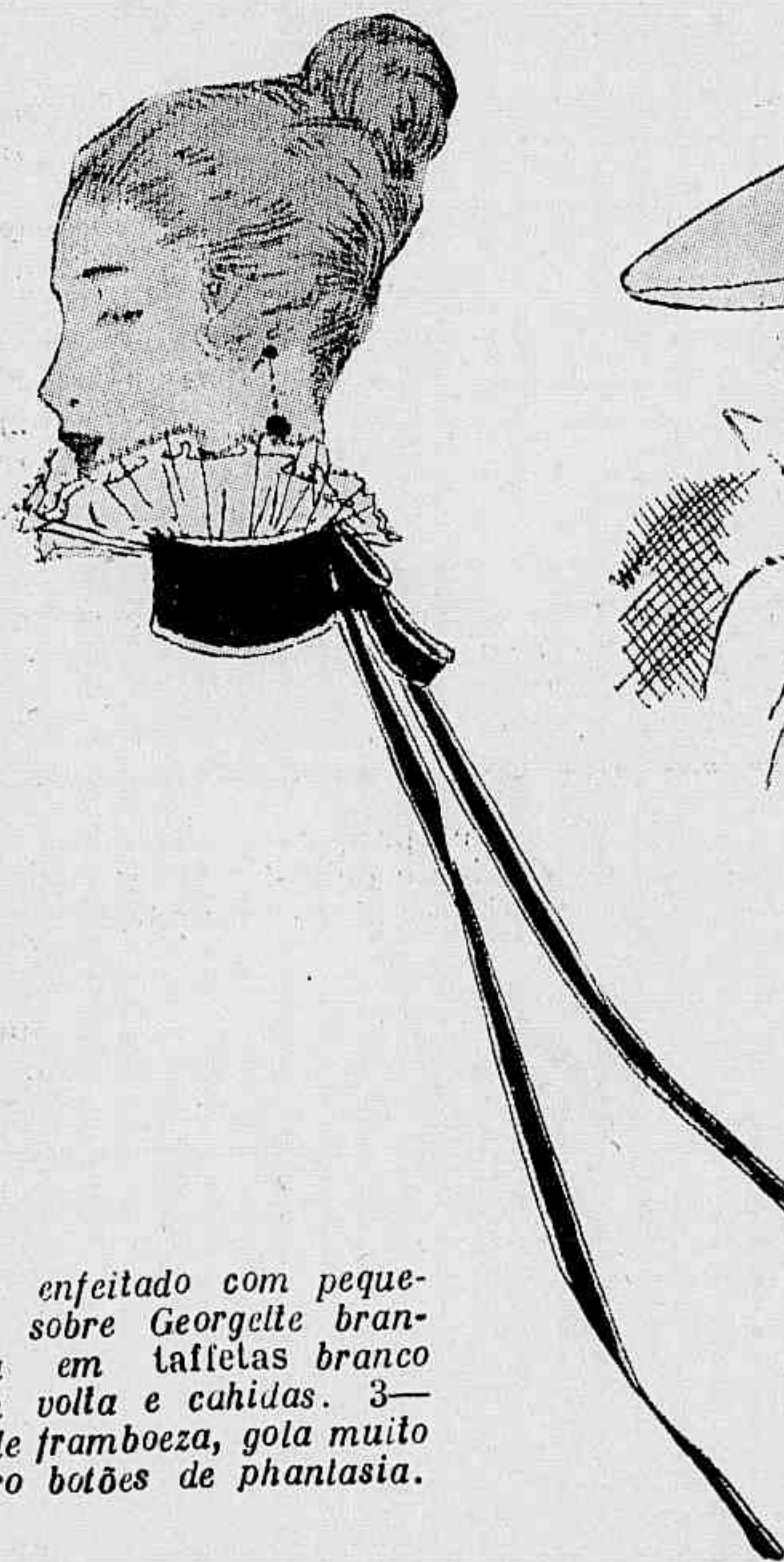
Os graves acontecimentos por-
que está atravessando a França,
obrigaram as mulheres a moderar
o amor pelas *toilettes*, contudo

cantadores e mais parisienses do
que nunca.

Em toda a França que não está
na guerra ha um anhelos santo: o
d'evitar toda a extravagancia d'um
gosto duvidoso na moda.

Os *trotteurs* continuam tendo ro-
da, e as senhoras, quer nas que vão
passar ao Bois, ou para os seus

Nas saias continuam os *go dets*.
Tambem algumas teem um aven-
tal adiante e outro atraz, com as
costas cortadas em fórma. Outras
estão feitas d'uma maneira comple-
tamente diversa: o avental e a
parte detraz são cortados em vize,
tomando todo o alfo da saia, em-
quanto que pelas costas desce um



1—Peitilho de setim branco enfeitado com peque-
nissimos botões d'ao assentes sobre Georgelte bran-
co. 2—Gola da ultima moda em tafetas branco
com filas pretas ou azues em volta e cahidas. 3—
Outro peitilho em batista cor de framboeza, gola muito
alla, tendo como enfeite quatro botões de phantasia.

as francezas não-de sempre saber-
se vestir applicando o seu bom gos-
to habitual a todas as circumstan-
cias da vida.

Os costureiros e as suas auxilia-
res, apesar das dificuldades da
hora actual, empregaram um enor-
me esforço, e crearam modelos en-

trabalhos ou para os serviços de
guerra os usam, o que dá o aspecto
d'um uniforme. O curioso é que se
generalizou o *footing*, visto que
muitos automoveis foram para a
fronteira, e as vantagens d'esse
regimen, tão preconizado na In-
glaterra, só agora conseguiu abrir
caminho em França!

empiècement de dez centi-
metros.

Nos tecidos em quadra-
dos estes dois córtes são
d'um effeito muito original.

As jaquetas não variam,
apenas teem um pouco mais
de roda.

As blusas de manhã teem qua-
si todas gola alta e fecham-se com
botões de madreperola (e baixo a
cima; algumas deixam o primeiro
desabotoado, afim da gola poder ser
bastante alta e não se amarrotar ao
baixar a cabeça. E com estas blusas
devem-se usar as saias americanas,
em extremo praticas e simples.

Moda - Infantil

As meninas devem-se occupar muito do calçado que tem uma enorme influencia na belleza do pé e na maneira d'andar.



Touca muito bonita em chiffon branco e renda Valenciennes enfeitada com uma estreita tira de pelle escura e duas rosas.

E' impossivel ter um porte elegante quando as botinas deformam o pé, devido a serem estreitas ou pequenas. As d'atacadores e sola bastante grossa são as melhores, porque sustentam o pé e impedem o desenvolvimento exaggerado dos tornozelos que devem ser finos para merecer o nome de bonitos.

O espartilho precisa ser muito bom, sustentando o corpo sem o comprimir.

Aconselhamos a todas as meninas, logo que terminem a sua toilette, que saiam, e busquem um passeio onde de preferencia haja bastante ar.

Os perfumes

Em todos os tempos foi geral o uso dos perfumes; na Grecia, em Roma, era tanta essa predilecção, que as pessoas reuniam-se nas casas onde os vendiam como se faz actualmente nas confeitarias ou nos cafés.

Mas a chimica progrediu tanto n'esse ramo, que quasi toda a gente usa perfumes syntheticos, sem perceber que são quasi sempre demasiado violentos.

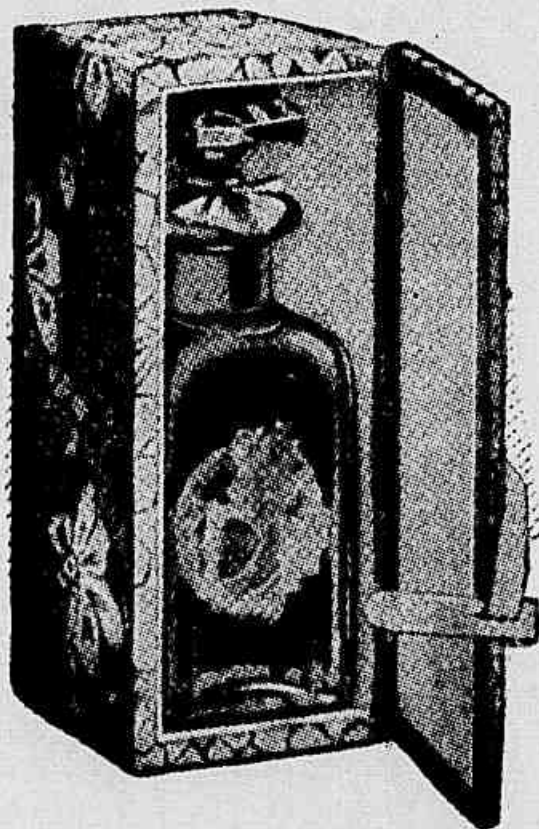
Uma mulher elegante deve escolher os com cuidado; de tudo que lhe pertence o essencial é exhalar um aroma suave e delicado, suggestivo, que denote o seu caracter, até o seu temperamento. E ha tambem uma cousa importante: é sabê-lo usar. Não é chic perfumar o traje com gottas d'extracto na occasião de sahir. Onde se guardam os vestidos é que devem existir os sachets perfumados. Algumas senhoras só se servem dos que teem iris, violeta ou rosa, porque dão á roupa um perfume leve que não obsta a que se sirvam d'outro.

Nas que ainda usam cabello cahido — são tão raras — (logo que se importou da America do Norte o feiissimo costume, de o cortarem tirando assim á mulher um dos seus mais formosos adornos, e quantas o fazem por uma preguiça altamente censuravel ou por desleixo) é a unica cousa que as differença das senhoras, visto que actualmente todas andam de vestidos curtos, e vestem-se como as



Um tão lindo quão simples penteado para senhorinhas: cabello solto, preso com um grande laço de velludo preto e na frente do lado esquerdo, uma rosa.

E' melhor empregar o extracto com vaporizador e deita-lo no interior dos vestidos antes de os pôr.



Alguns teem resina e estragam a borracha. N'esse caso recorram á loção do mesmo nome ou deem

mães. Na rua não é facil distinguilas, mas ha uma maneira, mesmo a distancia.

Ponham ás filhas um vestido



Touca de seda azul pallido enfeitada com renda creme e dois bolões de rosa.

simples, de tom escuro, marron, azul-marino, verde ou gris, liso ou ás riscas.

O casaco com gola alta virada, cinto e as abas formando godets, mas sem exaggero, porque seria de mau gosto.

E com um chapéo bergère debruado levemente em glacé franizado e uma rosa metallica como unico adorno, ou então uma toque de velludo, bem mettida na cabeça e com um folho para cima, que caia do lado esquerdo e desça pelo direito, e nada d'aigrettes nem de phantasias... assim todos saberemos quem é a filha... e quem é a mamãe...

no extracto um pouco d'agua de Colonia. Misturados alcança-se um, que não é vulgar, desde que não é conhecido de todos.

Quando se assiste a um jantar, nada de se perfumar muito, porque os muito fortes, ao soffrerem a acção do calor, incommodam as pessoas proximas, chegando a produzir dôres de cabeça e nauseas.

Tenham muito cuidado na maneira de perfumar os quartos. Primeiro que tudo requer-se muita luz e a circulação do ar puro exterior.

A's que se queixam do cheiro do tabaco que deixam os maridos, diremos que não teem razão, porque não é nocivo, e mesmo é preferivel ao da cozinha que se nota em tantas casas. Para evitar que os cortinados o adquiram, tenham um recipiente cheio d'agua fresca na casa onde se fuma muito.

Se preferirem as vaporisações, empreguem sempre perfumes hygienicos e antisepticos, como a agua d'alfazema, d'hortelã-pimenta ou mangerona que saneam a atmosfera e dissipam as dôres de cabeça.

Para «Mademoiselle» ler...

A LINGUAGEM DO LENÇO. —

Passa-lo pelos labios — desejo tra-
var correspondencia; pelos olhos —
estou triste; pela mão esquerda —
aborreço-te; deixando-o cahir no chão
— seremos amigos; encosta-lo á



face direita — sim; na esquerda —
não; passa-lo pelo hombro direito —
siga-me; pelo esquerdo — duvido;
pela orelha direita — és infiel; pela
esquerda — tenho uma carta para
ti; dobrado pelos olhos — desejo
falar-te; dobra-lo pelas extremida-
des — espera-me; torce-lo com as
duas mãos — és-me indifferente;
com a direita — amo outro; com a
esquerda — ora, deixe-me! enrola-lo
no dedo minimo — estou compro-
mettida; no anular — sou noiva;
em toda a mão — sou tua; brincar
com elle — desprezo-te.

O QUE DIZEM AS SOBRANCE-
LHAS. — Os physionomistas dão-lhe
uma enorme importancia. Quanto
mais proximas estão, sem que che-
guem a juntar-se no nariz, mais serio,
profundo e firme é o character da pes-
soa. Quanto mais separadas, menos
energica será. Se juntas denotam uma
applicação constante, que chega mui-
tas vezes á ambição. As que for-
mam uma linha fina e delicadamen-
te em arco indicam modestia,



tranquillidade e
delicadeza d'al-
ma. Se rectas, o
character é ale-
gre; curtas e
muito arqueadas
e sobre tudo se
espessas, signaes
de character em-
prehendedor e
resoluto; muito
tensas e indoceis,
paixões violen-
tas.

Arte de prolongar a vida

No seculo XVII, no 36º. anno do
imperador Khang-hi (1697) appa-
receu um curiosissimo livro chinez,
e de que vamos dar alguns trechos.

«Para prolongar a vida, primeiro
que tudo é preciso ser virtuoso, e
com o cuidado regular do corpo
cada qual torna-se forte, de tem-
peramento robusto, podendo ser
feliz.

Tem de se attender muito ao
coração e ás paixões, vigiar o es-
tomago, um somno tranquillo, e
tudo isso depende da energia e da
vontade, e tanto mais que metade
dos nossos desgostos origina-se
nas paixões; metade das nossas
dôres em não se saber comer; me-
tade da nossa ruina em não saber
guiar-se e metade da nossa ignoran-
cia em não buscar bem o somno.

Trabalhar bem durante o dia
faculta-o. Mas tambem se póde al-
cançar estendendo-se a pessoa de
repente dentro da cama e esfregan-
do os pés nos lençoes até sentir
calor.



Procure-se não pensar em nada,
e levantar logo que se acorde,
seja a hora que fôr.»

O coração e as veias — diz elle —
formam como que uma arvore en-
raizada no corpo. Todas as facul-
dades, tudo o que somos está em
intima relação com ella.

E serve-se d'exemplos e d'uma
physiologia phantastica.

O pessimista Schopenhauer, que
com tanta philosophia prégava a
imposição da alegria como uma
obrigação ou um dever não o fazia
d'uma maneira tão suggestiva como
este anonymo do Celeste Imperio.

Não esquecer — continúa — que
pelo nariz recebemos o alimento
do céu, pela boca o da terra. Se a
boca estiver amarga e secca é signal
de desgosto ou enfermidade. Tra-
ta de seguida da philosophia da
respiração.

Explica, á sua maneira, o papel
da saliva, da digestão e insiste na
maneira do mastigar.

O homem que não prejudique os
seus semelhantes, que se entregue
ao trabalho com amor, e attenda
com segurança estas observações
consegue prolongar a vida e con-
servar a saude.

Se assim fôr... nós e os leitores
temos á mão, com toda a simplici-
dade, a maneira de chegarmos a
centenarios...



BOLINHOS REAES

Desfaçam bem um pedago d'a-
bobora, e depois de cosida juntem-
lhe uma terça parte, em volume, de
gemmas d'ovos batidas com fa-
rinha e assucar, mas não demasia-
damente engrossadas. Deite-se, de
cada vez, em uma frigideira com
manteiga de vacca uma colher d'es-
ta massa, voltando d'um e d'outro
lado, e colloquem os bolos polvi-
lhados d'assucar em redor d'uma
compoteira de crystal. Esta en-
cham-n'a d'esquecidos e a melhor
receita que conhecemos para os fa-
zer é a que indicamos de seguida:



Bate-se muito bem meio kilo d'as-
sucar com uma duzia d'ovos e mais
tres claras, juntem-lhe um kilo de
farinha, mexa-se e formem com essa
massa, polvilhando-a de farinha,
uns bolos, redondos ou em S, que
se levarão ao forno, untados de
manteiga.

..

SORVETE DE MARRASQUINO

Gele-se, na sorveteira, um litro de
calda d'assucar a 17º., com uma co-
lher d'agua de jasmin e igual por-
ção d'agua de flôr de laranja. Quan-
do a mistura estiver bem congela-
da, juntem-lhe quatro claras d'ovos



batidos; agite-se tudo com a es-
patula durante cinco a dez minu-
tos, e accrescentem-lhe seis calices
de bom marrasquino. Agite-se ain-
da a mistura por mais algum tempo
e sirva-se.

CHARADISMO

2º. TORNEIO

Março — Abril

3 premios aos 3 maiores decifra-
dores.

A casa O CRYSTALINO, da rua
Uruguayana, 39, offerece um es-
tojo com uma chicara para chá, de
uma porcellana japoneza.

E mais dois outros bons premios.

Charadas Metagrammas 71 á 75

4—2= varia a 3a. — Azul entre
claro e ferrete é a cor de uma plan-
ta aquatica.

JONABOLI (S. Paulo).

7—2= varia a 6a. — Encontrei
o instrumento em lugar lenhoso.

KAISER.

4—2= varia a 3a. — Todo juiz
arabe bebe soda.

LORD WIMIA.

6—2= varia a 5a. — Esta cas-
tanha é tambem madeira.

LEDUC.

7—2= varia a 7a. — A criada
conduz uma cesta.

LAUDEL.

Charadas Novissimas — 76 á 77

Ao ALLI-K-T

O panno que levava o sacerdote
era do Ermitão. 2—2.

JOFALI (Fortaleza-Ceará).

O cordeiro come puro arbusto.
2—2.

MYLORD ZÉ GOES (Bebedouro).

Charadas Casaes 78 á 80

Esta planta sempre serve para
alguma cousa — 2.

No-No-Co.

Rasga com escarneo. 3.

LYÉGE.

Prisão grave. 4.

PERY-QUITO.

Logogriphos 71 á 72.

A' fortaleza de «LYÉGE»

Gosto de ver em chamadas
Um valente e outro valente
Um sabido opposto a outro—8—1
[7—2—4.

Cada qual mais renitente.

Gosto de ver quando a força—5—
[11—8—3—4.

Diante de outra deixa o traço;
Um homem para outro homem
[—10—1—5—7—4.

O peso, em summa, de um braço
[—7—6—10—9—11.

Não faço litteratura
Nem gosto de versejar,
Quando faço meu trabalho
Dou conceito: Intercalar.

MUSTAPHÁ.

Ao collega e amigo C. Nogueira

Quando n'uma povoação 1—13—
[5—15—5—12.

Em viagem de recreio,
Uma ave vi na estação 3—10—4
[—6—15.

Sem saber donde é que veio.

Quem a trazia, com geito
Vestindo a nelle d'um urso 1—9—
[11—14—7.

E' moço que estuda direito 2—13—
[8—7.

Fazendo um brilhante curso

Emitto agora o conceito:
(E' facil a decifração...)
Leva, mesmo, o caso a peito
E diz o nome em questão.

JOSÉ DAS NEVES.

Enigma Charadistico 83

A' gentil «AGATHA»

Não hesito em dizer-te que são tres
As letras todas que o meu todo en-
[cerro

Pouquissimas bem vês,
Menos ainda que as nações em guer-
[ra...

Desfalcado o total das derradeiras
Tens beneficio.

Não desfalcado — queiras ou não
[queiras

Em te valendo impõe-te um sacri-
[ficio.

Meu todo traz ao centro essa figura
Que a custo um grande mar trans-
[poz a nado

A Fabula assegura
E é facto por de mais vulgarizado

MAX-LINDER.

Charada Novissima 84

O signal na medicina faz parte
da philosophia. 2—3.

PASQUINHA.

PRAZOS

As soluções do presente numero
devem estar nesta Redacção até:
18, 20 e 24 do corrente e 3, 5, 7,
18 e 23 de Maio vindouro. No 1º.,
estão comprehendidos os Chara-
distas desta Capital e Nictheroy;
no 2º., os de S. Paulo, Minas e Rio
de Janeiro; no 3º., os do Paraná e
Espírito Santo; no 4º., os da Bahia,
Santa Catharina e Rio Grande;
no 5º., os de Sergipe até Pernam-
buco; no 6º., os da Parahyba até
Ceará; no 7º., os do Piahy até
Pará e no 8º. os demais.

Torneio de Fevereiro

Soluções da Revista de 12 de
Fevereiro, nº. 1.

15 — LICOR; 16 — BOTEQUIM;
17 — GREPO; 18 — MADAMA;
19 — LIGA; 20 — OXALATO;
21 — SIMIRA; 22 — ROTO-A;
23 — DERRIÇO-A; 24 — SAFA-O;
25 — ESPOSO-A; 26 — CHICANA-
CHINA; 27 — ACETONO ACENO;
28 — CAABA-CABA; 29 — ROLA-
RALO; 30 — CAPA-PACA.

DECIFRADORES

YCARA — IN FIEL — D. EOLO —
DR. BETA — TACHY-NÊ — LYEGE
— LEDUC — TIO GOES (Bebedouro)
— ARCH'ANGELUS — ZÉ MARIA
(Bebedouro) — NO-NO-CO SERRA-
NA (R. G. Sul) — JALISSON E LETA
= 16 Pontos cada um; NOEMIA B.
— D. RAVIB = 15 Pontos cada
um; ALLI-K-T; CYRANO, = 14 Pon-
tos cada um; BRASIDAS (Ouro
Preto) LAUDEL = 13 Pontos cada
um; JUPIRA E JONABOLI (S. Paulo)
= 12 Pontos cada um; CARLOS COSTA
(Bahia) = 11 Pontos; ASTROLABIO
(Recife) = 9 Pontos; AGATHA E PAS-
QUINHA = 8 Pontos cada uma.

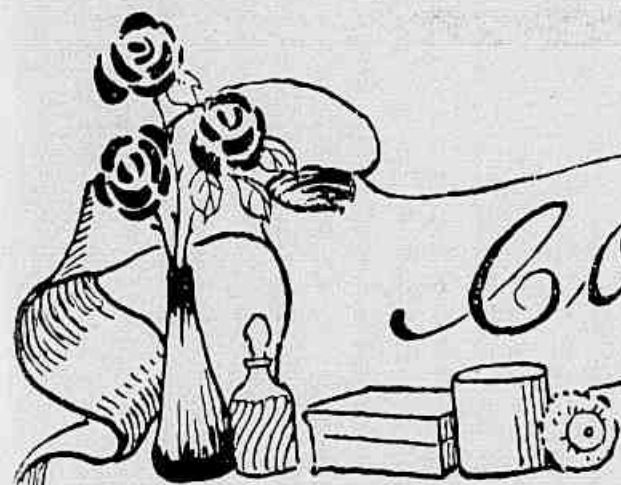
CORRESPONDENCIA

SOLON AMANCIO DE LIMA — At-
tendido. Está inscripto. Aqui sem-
pre ás ordens.

JOFALI (Fortaleza-Ceará) — Per-
feitamente de accordo. Inscripto,
não só para o Torneio de Março-
Abril, mas para todos que se fize-
rem nesta Secção. Veja que sac hoje
um de seus trabalhos.

Findaram-se os trabalhos de
LETA, NOEMIA B, NARJAC-GER-
BEL (Campos), LYÉGE E JOSÉ DAS
NEVES, aos quaes peço nova re-
messa.

SEDNEM.



Consultorio da Mulher



ADELAIDE SOARES — Com todo o praser lhe mandarei o prospecto contendo as instruções para o uso de meus preparados. Basta que me envie o seu endereço. As «tablettes» de «Pó Medicinal» para o banho encontra á venda na Casa Bazin. Cada caixa contém doze tablettes e cada uma basta para perfumar activamente e deliciosamente o banho.

MLLE. BENEDICTA — Deve ser causado pelo uso condemnável da brilhantina. Substitua-a pelo meu «Tonico n.º 10», que dará aos seus cabellos a maciez e o brilho que pretende, sem nenhum effeito nocivo, antes com resultados tónicos seguros. Um frasco de «Tonico n.º 10» lhe durará muito tempo, pois o deve usar humedecendo apenas nelle a escova do cabello, na occasião de pentear-se.

CHRISTINA — O Shampoo-Powder destina-se á lavagem e limpeza da cabeça. Se seu cabello está enfraquecido, cahe e embranquece, é necessario tonificarlo. As fricções «diarias com o meu «Tonico n.º 9» depressa farão cessar a queda e suspenderão o encanecimento. A «Loção para embellestar a Pelle» amacia as mãos asperas.

MME. EDDIE — As massagens electricas só devem ser feitas por uma profissional. As massagens manuaes precisam de ser feitas com os dedos impregnados de Crème de Massagem. A inflamação de seus olhos e palpebras deve ter, de facto, a origem que lhe atribue. Para o seu tratamento recomendo-lhe a lavagem dos olhos. Posso fornecer-lhe em pastilhas o medicamento conveni-

ente para dissolver na agoa da lavagem. De modo nenhum as massagens electricas convem ao seu caso.

SANTA E TÊTÊ — Para Santa do Pó de Arroz applique a «Loção Adstringente. Como fixativo de embellesar a Pelle».

vezes ao dia passe pelos braços e no rosto um pouco de algodão hydrophilo embebido em Loção Adstringente. Como fixativo do Pó de Arroz applique a «Loção de embellesar a Pelle».

MLLE. ZENÁH — Envie-me seu endereço para lhe enviar o prospecto que contém todas as necessarias indicações para os tratamentos que deseja. Se não quer ter o incommodo de me enviar o seu endereço pode pedir o prospecto na Casa Bazin.

MLLE. LYSITA — Que escove todos os dias o cabello com a escova humedecida no Tonico n.º 10.

ELIZIRA SÁ — Para a lavagem da cabeça, semanalmente, o meu Shampoo-Powder. Para a lavagem do rosto agoa de arroz, juntando uma pequena colher de Tonico da Pelle. Como fixativo do Pó de Arroz use a Loção Adstringente. A oleosidade de sua pelle se corrigirá immediatamente. Para os olhos tenho umas pastilhas para dissolver em agua fervida e destinadas á lavagem.

PETALA BRANCA — Mande-me o seu endereço.

ROSA DO PRADO — Não corte o cabello de sua filha. Escove-o todos os dias com a escova humedecida em «Tonico n.º 10». Elle voltará a ser liso e sedoso.

MME. G. AMARAL — Um só bloco do «Pó Medicinal» basta para perfumar intensamente o banho. A sua acção correctiva da fadiga dos tecidos é muito rapidamente sensível. Cada caixa com 12 blocos custa 15\$000 reis.

SELDA POTOCKA.



Mme. Selda Potocka, especialista diplomada, antiga assistente da clinica do Dr. Bucher, de Londres, directora do Instituto Electro-Therapeutico de Lisboa, socia do Instituto de Coimbra, responde por carta a todas as consultas que lhe sejam dirigidas sobre os tratamentos da pelle e do cabello e hygiene da mulher.—Dirigir a correspondencia para a rua Paysandú, n. III.

Rio de Janeiro

Os celebres preparados de Mme. Selda Potocka acham-se á venda, no Rio, nas melhores perfumarias e nos grandes estabelecimentos: Casa das Fazendas Pretas, Casa Bazin, Casa A Exposição (Avenida Rio Branco, 119), Ramos Sobrinhos & C. (rua do Hospicio, 11).

Em Petropolis — no estabelecimento de modas de Mme. Pongelli (rua 15 de Novembro, 285). Em S. Paulo — na Casa Lebre. Em Bello Horizonte — Narciso & C. (rua Bahia, 1221). Em Juiz de Fora — Cirino Carvalho & C. Em Victoria — Cruz Sobrinho & C. Na Bahia — Manso & C. No Recife — A Rosa dos Alpes. Em Maceió — J. Lages. Em Sete Lagoas (E. de Minas) — Basar Andrade. Em Ouro Preto — J. B. Mendes. No Rio Grande do Sul — Palais Royal. Em Canavieiras — L. Guerreiro. Em S. Luiz do Maranhão — A Mariposa. Em Porto Alegre — Casa Chic Parisiense. Em Campos — Casa Lamy. Em Campinas — Casa Americana. Em Fortaleza — Xavier Pinto & Ir- mão. Em Aracajú (Sergipe) — Sizenando Almeida & C. Em Pelotas — A Torre Eiffel. Em Ribeirão Preto — Valeriano T. dos Reis. Em Uberaba — Ao Motu Continuo. Em S. José do Rio Pardo — A Central.

Depositaros Geraes para todo o Brasil: COSTA, PEREIRA & C.—53, Rua da Quitanda, 55

A' FORTUNA

PRAÇA 11 DE JUNHO

AU PETIT MARCHÉ

RUA OUVIDOR, 86

AO 1.º BARATEIRO

AVENIDA RIO BRANCO, 100



SÃO AS CASAS
QUE
OFFERECEM AS
MAIORES VANTAGENS

